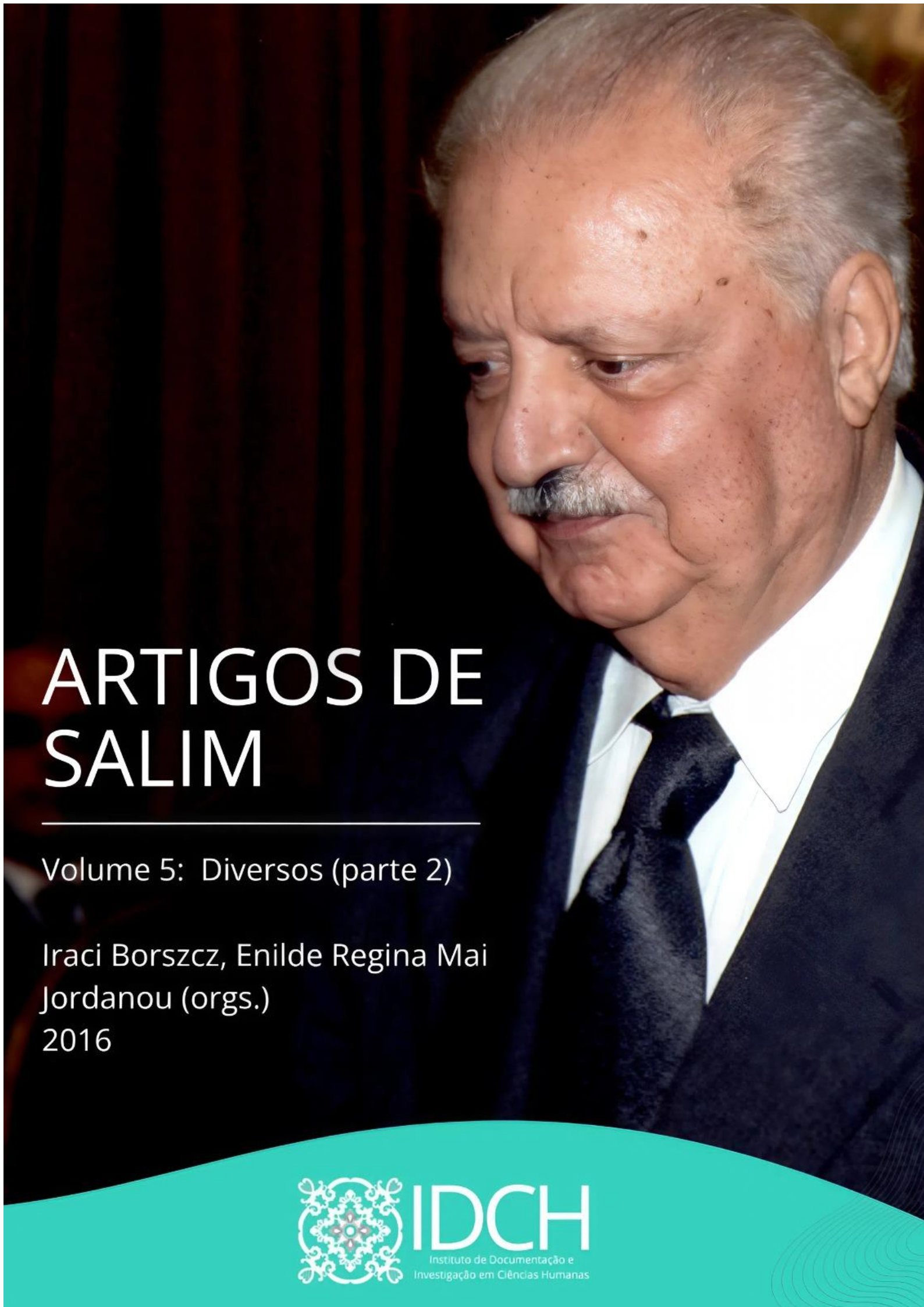


A close-up, profile view of an older man with grey hair and a mustache, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is looking down and to the left. The background is dark and out of focus.

ARTIGOS DE SALIM

Volume 5: Diversos (parte 2)

Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai
Jordanou (orgs.)
2016



IDCH

Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

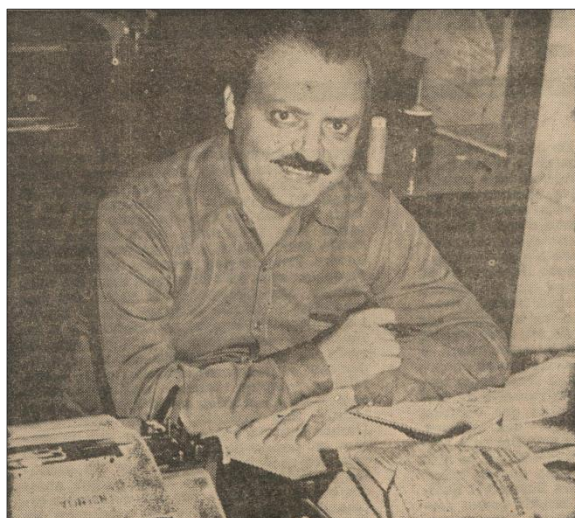


Centro de Ciências
Humanas e da Educação



Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Salim Assina:
reportagens, matérias, entrevistas,
notas e comentários
Volume: 5 – Jornais diversos 1950-2009

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

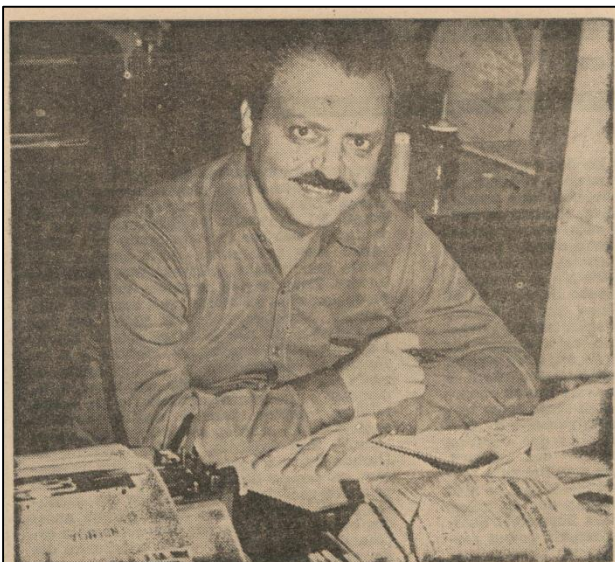
001: Poucas revelações.....	6
002: Meu clássico.....	7
003: Santa Catarina incentiva leitura	8
004: Começa a seleção	9
005: Livro: Revisitando o oeste	10
006: Otto Lara Resende, o múltiplo	11
007: Ainda a antologia	12
008: Brasil: uma anotação	14
009: Raimundo Magalhães Jr.: A última visão.	15
010: Conversa (breve) com Câmara Cascudo	18
011: Gastal a paixão pelo cinema.....	19
012: Um festival e seu significado	20
013: Hassis e o sonho.....	23
014: Ricardo Ramos.....	24
015: Apresentação do livro As Famílias, de Adolfo Boos Jr	25
016: Gilberto Mendonça Teles: diversidade e unidade	26
017: Uma ponte com a Europa.....	27
018: Na mesma trama, vários fios.....	28
019: O poder da palavra em nova dimensão.....	29
020: O Pecado original	30
021: Palestra - Salim Miguel: jornalismo e literatura deixam recado de sua época.....	31
022: O Personagem natureza em "Tocaia Grande"	33
023: Cruz e Souza revisitado.....	34
024: "Pluft, o fantasminha": opiniões de artistas, intelectuais e estudantes, sobre a estreia da peça de Maria Clara Machado pelo teatro catarinense de comédia	35
025: Viajando sem sair de casa.....	36
026: Roteiro Fortalezino	37
027: Roteiro Fortalezino – II	38
028: Roteiro Fortalezino – III	39
029: Roteiro Fortalezino – IV	40
030: Dois contistas que surgem	41
031: Uma experiência séria	42
032: A Noite decepada.....	43

033: Notícias de Santa Catarina: "Arte é antes de mais nada emoção"	44
034: Notícias de Santa Catarina.....	45
035: Notícias de Santa Catarina.....	46
036: Notícias de Santa Catarina.....	47
037: Governador Jorge Lacerda: a hora propicia maior e mais fraternal aproximação entre a gente gaúcha e a gente de Santa Catarina	48
038: Notícias de Santa Catarina.....	49
039: Notícias de Santa Catarina.....	50
040: Depoimento: o movimento da revista sul e a literatura catarinense	51
041: Visitando a Petrobrás: o petróleo e o Brasil	53
042: Visitando a Petrobrás - III: o petróleo e o Brasil	54
043: Visitando a Petrobrás: Ver Salvador ou ver o Petróleo.....	55
044: Visitando a Petrobrás.....	56
045: Visitando a Petrobrás: refinaria de Mataripe	57
046: Festa das flores de Joinville, uma explosão de beleza	58
047: Um ano fértil	60
048: Prêmio Cruz e Souza vitalidade e inventiva da poética brasileira	61
049: Abaddon, o exterminador.....	62
050: Filhos do destino	63
051: A Noite decepada.....	64
052: Contra-Mão	65
053: Contos de aprendiz	66
054: Contos de aprendiz	67
055: Contos de aprendiz	68
056: Notícia sobre o IV Congresso	69
057: Contos da Bahia	70
058: O homem de duas cabeças	71
059: O homem de duas cabeças	72
060: Cenas da vida brasileira	73
061: Um memorialista do conto.....	74
063: Meyer, humanizando do sobrenatural	76
064: Contos e sugestão.....	77
065: Uma estréia importante	78
066: Um romance sobre Canudos.....	79
067: Uma prosa tensa e emotiva: é o livro de contos do escritor da fronteira Argentina, Horácio Quiroga.	80

068: Um memorialista do Conto	81
INDICE POR ANO.....	82
ÍNDICE POR JORNAL	85

001: Poucas revelações

MIGUEL, Salim. Poucas revelações. *Tribuna da Imprensa*. [s.l.], 30 e 31 dez. 1978, p. 07.



Poucas revelações

Salim Miguel

Na área de ficção, esse ano não trouxe nenhum grande lançamento. Não houve grande revelação. Nós poderíamos falar de alguns títulos mais importantes — nenhum muito destacado —, por exemplo, *Doutora Isa*, do Juarez Barroso, que é um livro de muita força, de um cara muito criativo; Josué Montello apareceu com *A Noite Sobre Alcântara*, que tem um destaque literário, em termos de técnica; e o Roberto Drummond lançou seu *O Dia em Que Ernest Hemingway Morreu Crucificado*, um livro agressivo, de muita densidade mas, infelizmente, ele se perde algumas vezes. É mesmo difícil trabalhar nessa linha: nem romance tradicional, nem livro que rompe com as estruturas. Do Josué Guimarães a gente esperava a continuação da saga sobre o Rio Grande do Sul e ele vem com *Dona Anja*. No conto, talvez os nomes mais expressivos, tenham sido o Moreira Campos, com seu *Os Doze Passageiros*; o Flávio José

Cardoso com *Angélica e Os Outros*; Sônia Coutinho e seu *Os Venenos de Lucrécia* e o Oldeimar Menezes que escreveu *A Sonda Uretral*. Poderia citar também um trabalho do Renato Pompeu sobre o futebol. Parece que os intelectuais descobriram esse tema, que é muito rico. O Renato criou em cima do time da Ponta Preta, em *A Saída do 2.º Tempo*. Acho que o livro do Valério Meinel também marcou muito: *Por que Cláudia Lessin Vai Morrer*. É um bom trabalho, que aliás está vendendo bem. Além desses, temos também o José Carlos Oliveira com *Terror e Extase*, que é uma história muito mal solucionada, com uma visão retrógrada do problema do banditismo, romântica, mas que se tornou um best-seller pela habilidade narrativa, pela abordagem de um problema atual. De um modo geral, o espaço das editoras continua sendo ocupado por best-sellers da pior qualidade, tipo “linha de montagem” ou com traduções apressadas, feitas pra dar alguns trocados aos pobres tradutores nacionais.

002: Meu clássico

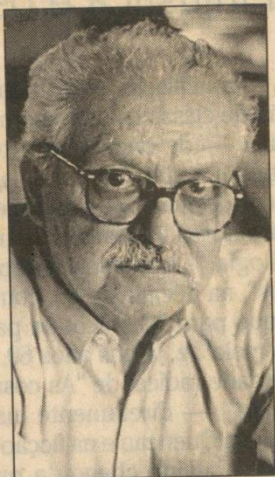
MIGUEL, Salim. Meu clássico. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 set. 2001.

O Globo
01.09.01

MEU CLÁSSICO

Salim Miguel, escritor

“Comecei a ler e a aprender a gostar de livros lendo o soneto a Carolina de Machado. Mas depois me marcou mais a prosa machadiana, já que nunca escrevi um poema decente. Quanto ao livro que eu escolheria para meu clássico, o livro de minha vida, é difícil. Foram muitos, mas se tiver que escolher um, escolho ‘O vermelho e o negro’ de Stendhal. Um romance numa linha tradicional nada tradicional, romance de formação deformada, onde o crescimento do protagonista se faz pela necessidade de ascensão”.



• **O VERMELHO E O NEGRO**, de Stendhal (1783-1842), é dos romances mais saborosos do século XIX. Julien Sorel, belo e amoral seminarista, desiste de ser padre por amar a vida e as mulheres. Primeiro ele seduz Madame de Rênal, casada, generosa e idealista, e depois se interessa por uma jovem nobre, cheia de fogo, a senhorita de La Mole. Quando Julien está para se casar com Mathilde, esta recebe uma carta da Madame de Rênal e desiste do enlace. Julien tenta matar a ex-amante, mas é guilhotinado. As mulheres, apaixonadas, disputam sua cabeça.



Salim Miguel

Santa Catarina incentiva a cultura

Como em outros setores, também o movimento cultural de Santa Catarina não vem tendo a divulgação merecida. No entanto, seja nas artes plásticas, na música, nas letras, há um trabalho efetivo e continuado de pesquisa e desvendamento da realidade, de experimentação e de realização concreta.

Nas artes plásticas, além de Martinho de Haro, mais nomes já se firmaram, enquanto novos continuam surgindo. Citemos um Meyer Filho, uma Ely Heil, um Hassis, um Rodrigo de Haro, uma Elke Hering. Na música, há o folclórico Zininho, o grupo Engenho, com alguns discos gravados, o cantor e compositor Luiz Henrique, dos primeiros a invadir o mercado exterior, na década de 60, gravando discos e participando de shows nos EUA e no Japão. Nas letras o campo é ainda mais fértil. Temos um Guido Wilmar Sassi, um Flávio José Cardozo, um Holdemar Menezes, um Silveira de Souza, um Lindolf Bell, um C. Ronald, um Alcides Buss, um Osmar Pisani, ficcionistas e poetas, que dão um recado humano e esteticamente válido, procurando forçar e vencer as barreiras do Estado.

Nos últimos tempos, um esforço maior tem sido feito. Isoladamente ou em grupos, por iniciativa própria ou com o apoio de órgãos oficiais (em especial a Fundação Catarinense de Cultura e a Universidade Federal de Santa Catarina), todos se lançam à tarefa de mostrar e submeter à crítica e ao público o resultado de tudo isto.

É dentro deste esforço que se situa o Concurso Nacional, Prêmio Cruz e Sousa, promovido pelo Governo do Estado, através da Fundação Catarinense de Cultura e da Secretaria de Comunicação Social, e que, a cada ano, deverá ser dedicado a um gênero literário. O primeiro foi de poesia — o que facilmente se justifica. Este ano será a vez do romance. O próximo, de contos.

O nome do patrono é o que Nelson Rodrigues chamaria "o óbvio ululante". Cruz e Sousa é o principal nome das letras catarinenses, o mais importante simbolista brasileiro e, no dizer do sociólogo e ensaísta Roger Bastide, "um dos três maiores nomes do simbolismo universal". Os outros dois são Stephan George e Mallarmé.

No concurso de poesia foram inscritos 2.300 originais, de todos os estados brasileiros e de brasileiros residentes no exterior. Ao final de meses deliberando, a comissão julgadora (Adcnias Filho, Armindo Trevisan, Fausto Cunha, Ferreira Gullar, Marcos Konder Reis), premiou: 1o. lugar — "As sombras luminosas", de Ruy Espinheira Filho, baiano; 2o. "Mulher", de Yone Giannetti Fonseca, mineira residente em São Paulo; melhor original de autor catarinense — "As paredes do mundo", de Osmar Pisani.

Diante do resultado — e do que representou como incentivo à produção cultural — o governo resultou instituir o concurso. E já foi lançado o 2o., de romance, com premiação duplicada. Serão Cr\$ 2 milhões, assim distribuídos: Cr\$ 1 milhão para o 1o.; Cr\$ 500 mil para o 2o.; e Cr\$ 500 mil para o melhor original de autor catarinense. Da mesma forma que no anterior, a FCC-edições terá seis meses para publicar os livros. Caso contrário os originais voltarão aos autores, que poderão negociá-los com qualquer editora.

As inscrições estão abertas até o dia 15 de agosto. Maiores informações e o regulamento poderão ser solicitados à Fundação Catarinense de Cultura.

A comissão julgadora de romance, tal como foi a de poesia, é pra ninguém botar defeito: Antonio Houaiss, Guilhermino Cezar, Hélio Pólvora, Nereu Correa, Otto Lara Rezende.

004: Começa a seleção

MIGUEL, Salim. Começa a seleção. **Gazeta Mercantil**. Florianópolis, 30 out. 1998, p. D 10

LIVROS

Começa a seleção (2)

Salim Miguel*

Hoje será publicada a relação dos romances mais importantes do século na opinião de Flávio José Cardozo.

Flávio José Cardozo, contista, cronista, tradutor. Prêmios no Concurso Nacional de Contos/PR e no Concurso Remington/RJ. Trabalhou na Ed. Globo/RS; na Fundação Catarinense de Cultura; dirigiu a IOESC; traduziu Jorge Luis Borges. Entre seus livros: Zélica e outros, contos; Beco da lamparina, crônicas; Longínquas baleias, contos.

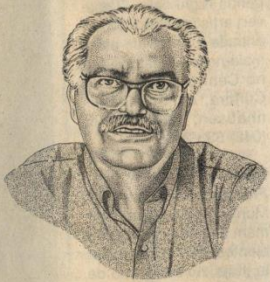
As indicações dos livros estão em ordem cronológica de publicação, informa o depoente.

Literatura em Língua Estrangeira

01. Lord Jim, Joseph Conrad
02. Em Busca do Tempo Perdido, Marcel Proust
03. Dublinenses, Joyce
04. Elegias de Duino, Rilke
05. A Consciência de Zeno, Italo Svevo
06. Contos, Máximo Gorki
07. Filhos e Amantes, D.H. Lawrence
08. Contos, Katherine Mansfield
09. O Processo, Kafka
10. Contos, Luigi Pirandello
11. O Grande Gatsby, Francis Scott Fitzgerald
12. Poesia, T.S. Eliot
13. Poesia, Federico García Lorca
14. Poesia, Pablo Neruda
15. As Ondas, Virginia Woolf
16. Santuário, William Faulkner
17. Auto-de-fé, Elias Canetti
18. Contos, Jorge Luis Borges
19. A Peste, Camus
20. Doutor Fausto, Thomas Mann
21. 1984, George Orwell
22. Memórias de Adriano, Marguerite Yourcenar
23. O Apanhador no Campo de Centeio, J.D. Salinger
24. O Velho e o Mar, Hemingway
25. Pedro Páramo, Juan Rulfo
26. Quarteto de Alexandria, Lawrence Durrell
27. O Leopardo, Lampedusa
28. O Jogo da Amarelinha, Julio Cortázar
29. Cem Anos de Solidão, Gabriel García Márquez
30. O Nome da Rosa, Umberto Eco

Literatura em Língua Portuguesa

01. Triste Fim de Policarpo Quaresma, Lima Barreto
02. Terras do Demo, Aquilino Ribeiro
03. Macunaíma, Mário de Andrade
04. Poesia, Fernando Pessoa
05. Vidas Secas, Graciliano Ramos
06. Obra Infantil, Monteiro Lobato
07. Montanha, Miguel Torga
08. Fogo Morto, José Lins do Rego
09. Vestido de Noiva, Nelson Rodrigues
10. Sagarana, Guimarães Rosa
11. Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa
12. O Tempo e o Vento, Érico Veríssimo
13. Poesia, Carlos Drummond de Andrade
14. Poesia, Manuel Bandeira
15. Poesia, Jorge de Lima
16. Poesia, Cecília Meireles
17. Poesia, João Cabral de Melo Neto
18. Laços de Família, Clarice Lispector
19. Gabriela, Cravo e Canela, Jorge Amado
20. O Fiel e a Pedra, Osman Lins
21. O Coronel e o Lobisomem, José Cândido de Carvalho
22. Quarup, Antônio Callado
23. Léguas da Promissão, Adonias Filho
24. Chapadão do Bugre, Mário Palmério
25. A Pedra do Reino, Ariano Suassuna
26. Contos, Dalton Trevisan
27. Contos, Lygia Fagundes Telles
28. Contos, Rubem Fonseca
29. Memorial do Convento, José Saramago
30. Viva o Povo Brasileiro, João Ubaldo Ribeiro



Salim Miguel, escritor e jornalista

005: Livro: Revisitando o oeste

MIGUEL, Salim. Livro: Revisitando o oeste. **Jornal a Semana**. Florianópolis, 10 jun. 1979.



LIVRO *Revisitando o Oeste*

Com **São Miguel**, romance de Guido Wilmar Sassi, dava-se a revelação de um mundo novo na ficção brasileira. Aos frequentes temas de então, ao romance urbano e ao romance nordestino, às tentativas de romance introspectivo de um

Corntílio Pena e ao romance épico de um Guimarães Rosa, vinha se incorporar o romance social de uma região desconhecida e ávida do sul do Brasil. Era um novo sul. Não o sul dos imigrantes, não o sul dos romances de Érico Veríssimo. Mas o sul fronteiro com a Argentina que começava a ser desbravado, tendo, no caso, como núcleo central o drama dos madeiros e as enchentes do Rio Uruguai.

A trama é simples e efetiva, incorporando técnicas do romance moderno, mas sem fugir à história, ao enredo que prende o leitor: O município de São Miguel, no extremo oeste de Santa Catarina, espera pelas enchentes para que a madeira estocada às margens possa descer pelo rio Uruguai em direção à Argentina, onde é vendida. As balsas vão se amontoando, os problemas vão se acumulando, tanto dos donos como dos humildes balseiros. Os dias passam, dias de céu azul, sem uma única nuvem. Tudo já foi tentado. Em vão. Já se apelou para o velho que com suas rezas "alumiava o caminho" e tudo conseguia, já apelaram para o novo padre a fim de que ele apressasse a procissão como era feita antigamente, já insistiram para que fosse feito o lava-pés do santo à beira do Rio. Só faltava, mesmo, conforme afirmava a crença popular, "que alguém morresse no rio para que as chuvas chegassem e com elas a enchente." Enquanto isso não acontecia, vidas e histórias iam se entrelaçando.

Mas, embora pudesse parecer idêntico, havia uma modificação sutil se infiltrando e corroendo tudo. É um mundo em processo de deterioração — concluem com desânimo Jango Tigre e Coronel Gracilio, um estranho mundo onde estão eles perdendo a força, em que ingredientes novos vêm compor o extrato social, em que os pobres continuam pobres, é certo, mas os ricos já podem bem ser outros, alienígenas, vindos de outras regiões e com idéias exóticas, modificando o ambiente social e a composição de forças, trazendo componentes que desestruturam um mundo que ali se acreditava estancado, intocável.

Não há personagens principais. Há determinantes de um mesmo drama individual/coletivo, vidas miudinhas que aparecem ou desaparecem na medida em que são necessárias ou dispensáveis para a melhor apreensão do todo. Elas surgem, se apresentam, participam, dão seus recados, recuam, adicionam algo de vital àquele universo. Com pulso firme, com garra, onde os diálogos são peça importante para a compreensão da psicologia e da sociologia ambientes, Guido Wilmar Sassi vai erguendo um rico painel onde dramas e entrechoques se fundem e cristalizam, com vidas se entrelaçando e complementando.

O romance é estruturado em dois blocos: o primeiro em um determinado dia de agosto; o segundo durante alguns dias de setembro. As epígrafes tanto podem ser tiradas de livros, de folhinhas, de frases de paracheque de caminhões ou dos próprios personagens do romance.

A linguagem é rica de sumo e vivência, com uma estranha força interior que vem do fundo do conhecimento que o Autor tem daquele mundo e que arrasta o leitor, envolvendo-o. As vidas que se entrecruzam, no desenrolar da ação, tornam-se, pelo poder narrativo da ficção de Sassi, presença sufocante. Sejam personagens como Pedro Rassi, que precisa do dinheiro da madeira para subir mais na vida, seja do balseiro Mário, à espera da enchente para poder casar. Aqui, de novo, a madeira é uma obsessão na literatura de Guido Wilmar Sassi. Não só tem preponderância, como uma das seqüências de maior impacto emocional é a morte de Mário, soterrado sob uma avalanche de toras. Ambos os personagens, como tantos outros, têm vida e autenticidade humanas. E se para Pêricles Eugênio da Silva Ramos, "a morte de Leonor é digna de uma tragédia shakespeariana", Paulo Rónai diz que "avesso ao impressionismo e à improvisação, o escritor procede com toda a fidelidade cabível dentro de uma obra de ficção, no setor de nossa sociedade".

Com quase vinte anos de seu lançamento, o romance do escritor catarinense Guido Wilmar Sassi continua atual, tanto pelo que nele está dito, como pela maneira exata com que foi dito. E tem, certamente, um lugar garantido na história da literatura brasileira.

Salim Miguel

São Miguel — romance de Guido Wilmar Sassi — 2.^a edição Antares/Mesc — Rio/Brasília, 1979 261 pp — Cr\$ 65,00

006: Otto Lara Resende, o múltiplo

MIGUEL, Salim. Otto Lara Resende, o múltiplo. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 02 jan. 1993 p. 11. Diário da Cultura.

Otto Lara Resende, o múltiplo

SALIM MIGUEL

Escritor

O jornalista e o escritor conviviam, em Otto Lara Resende, de forma harmoniosa e numa simbiose quase completa. Deviam existir momentos de entrelaço, de tensão, contradições, desencanto, angústias, comuns à maioria dos criadores. Mas ele sabia superá-los. E dentro de cada área específica de atuação tratava a palavra na dimensão exata, escrevia com graça e perfeito domínio do metier, a fim de dar um recado estético e humano pertinentes, fundindo informação, humor, criatividade, emoção. Se a linguagem jornalística era mais solta, mais objetiva, mais direta, com toques de ironia e lirismo, o texto literário era sempre denso, profundo, sofrido, amargo.

Havia mais. Havia o Otto personagem mítico do Nelson Rodrigues, que chegou a intitular uma peça teatral de *Otto Lara Resende, ou Bonitinha mas Ordinária*. Durante muito tempo o mito pareceu dominar a cena, ofuscando por vezes o homem real, confundindo-se as frases do exímio frasista que ele foi com as que o Nelson lhe atribuía. Engana-se porém quem imagina Otto apenas como um excepcional frasista. Antenado a tudo que o cercava, com preocupações sociais, vivia atento ao seu meio, à sua época, a seu povo, aos problemas que afligiam o País.

Por exemplo, a frase "Mineiro só é solidário no câncer", hoje de domínio público, tanto pode ter sido proferida pelo Otto em determinada circunstância de náusea existencial, como ser mais uma tirada irrevirada em um dos artigos do Nelson, onde o personagem calcado na figura real era presença constante. Analisando-a, constata-se que a frase adquire novos contornos, dimensão maior, nos atinge mais fundo, indo para além da simples aparência de humor macabro.

Outros Ottos existiam neste ser múltiplo: o trabalhador infatigável (seja na imprensa, na TV, nas letras), o ficcionista vigoroso e sempre insatisfeito, o conversador inigualável apesar de aparentar introspecção (ou ser um introversivo), o que pode parecer uma contradição, o parceiro de uma confraria que marcou época nas letras mineiras e brasileiras, cujo único sobrevivente é Fernando Sabino. Otto foi agora, aos 70 anos, se juntar a outros dois nomes inesquecíveis, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos. Cada qual ocupou um espaço muito pessoal e significativo na cultura brasileira.



TELEFOTO AGIDC

Simbiose

Jornalista e escritor, Otto tinha domínio do metier

Meus contatos com Otto foram esporádicos, mas a impressão que me causou foi profunda. Era com a satisfação que ouvia-o discorrer sobre os mais variados assuntos, sempre com eloquência. Convivi um pouco mais com ele durante a realização do segundo Concurso Nacional Cruz e Sousa (de romance). Ele fazia parte de uma comissão julgadora do mais alto nível, pra ninguém botar defeito. Eis os outros nomes: Antonio Houaiss, Guilher-

mino César, Hélio Pólvora, Nereu Corrêa (que por uma dessas inexplicáveis coincidências morreu dois dias antes do Otto).

A atuação dos cinco foi exemplar no exame dos quase (ou mais) de duzentos originais, remetidos de todo o País e até do exterior. Otto participou de forma efetiva, com uma profunda consciência profissional, discutindo com os demais cada original, detendo-se na avaliação da qualidade do texto e da proposta do autor, sempre debruçado sobre a problemática humana e estética.

Do jornalista, ainda atuante, falam sua longa e profícua participação em jornais, revistas, TV. Quanto aos livros, perfeccionista ao extremo, se deixou obra pequena em quantidade, deixou-a altamente significativa em qualidade. Foram quatro livros de contos e um romance. Há pouco, retrabalhados, saiu uma seleção de seus contos. E vinha também retrabalhando longamente, sem se dar por satisfeito, seu único romance, *O Braço Direito*, adiando a cada mês a entrega dos originais para o editor. Em tudo que deixou transparece o escritor preocupado não apenas com o que dizer, mas também (e até principalmente) com o como dizer.

O Lado Humano, contos, título paradigmático, é seu primeiro livro, publicado em 1952. Nele, em embrião, está presente tudo aquilo que marcaria sua ficção futura: a preocupação com os destinos do ser humano, o texto elaborado até a exaustão, o debruçar-se sobre vidas miúdas, o problema da infância, a criação de tipos bem caracterizados, a ambientação em cidades interioranas, a extrema tensão entre personagens, a intriga convincente, o que provoca e instiga o leitor, mantendo-o preso à leitura, permitindo a fruição de um texto que deixa ressonâncias e faz pensar. Seu último livro publicado (não se considerando a seleção de contos extraída dos quatro volumes) foi *As Pompas do Mundo*, de 1975. De lá para cá vinha prometendo outros dois e a reedição sempre protelada do romance. Esperemos que possamos lê-los um dia qualquer.

Embora lugar comum, sinto-me obrigado a concluir dizendo que não só as letras, mas a própria sociedade ficou mais pobre com a morte de Otto. E aqui reformulo meu título: ao mesmo tempo em que era um ser múltiplo, era por igual uno e íntegro, que já começa a fazer falta não só para seus amigos mais chegados e para os que tiveram a honra de conhecê-lo e com ele conviver, como para os que acompanhavam com prazer intelectual sua coluna na *Folha de São Paulo*.

1992

AINDA A ANTOLOGIA

SALIM MIGUEL

MEU CARO Fausto Cunha: Eu poderia começar lhe retrucando com as próprias palavras do meu pobre e desprezível artigo anterior. Ali, naquele final onde me refiro aos contos que mais me agradaram. Ali está a explicação. Não sendo crítico, como você, mas um mero leitor, o artigo que escrevi não passa de simples opinião. Sem mais valor do que pode ter uma opinião. Eu repetiria mais que a questão de "fôre íntimo" o gostar ou não gostar de um trabalho, e que depende de múltiplos outros fatores além do artístico e estético. Fatores psicológicos, de capacidade de assimilação, etc... Mas bisaria que em última análise o gosto — e aqui também eu gravaria a velha frase do velho e austero Kant.

Eu disse o que me pareceu. Talvez esteja errado, concordo. Mas disse, confesso, somente o que senti lendo a antologia — e como senti. Não como crítico que não tenho a pretensão de o ser, mas como leitor curioso e grandemente interessado em coisas do espírito, nas letras. Como um leitor que após mastigar demorada, vagarosamente um livro, sente necessidade de dizer algo sobre ele, de se manifestar a respeito; e se afoita em escrever algumas linhas, não críticas, não numa análise fria de crítico, mas em palavras simples e francas de leitor bem intencionado. Talvez a opinião de um leitor seja muito "personalista", enquanto um bom crítico deve ser sempre o mais possível impessoal e frio.

Mas será possível ser-se impessoal em arte? Não tomar partido? Ela não tem que nos tocar sempre muito de perto, nos dizer algo, significar qualquer coisa para nós, nos trazer uma mensagem, emoções? Será que devemos nos desligar por completo e ver de fora, inteiramente? E estará isto ao nosso alcance? Acho que não. E se assim fosse eu preferiria nunca passar de simples leitor. E voltarei a dizer que meu artigo não passa de mera opinião. Sem valor portanto. Mas não, absolutamente! Não farei tal. Afinal, de novo que disse o que senti, senão como crítico, ao menos com a sinceridade de pessoa interessada em literatura.

E dito isto eu gostaria de esclarecer agora alguns pontos. Se você quer ter a paciência e bondade de me acompanhar até o fim...

E' claro, você tão bem ou melhor do que eu o sabe, que estas nossas revistas de novos que pululam no momento pelo Brasil, — são quase todas elas experimentais, todas elas tentativas, buscas. E se quer mais, dadas as condições atuais, seria absurdo. Como tal portanto, são elas aceitas, lidas, comentadas. O louvor feito a elas é sob este aspecto, pelo esforço que se faz, pela procura, muitas vezes num ambiente contrário. E não como coisas definitivas. Que ninguém espera de jovens que estão se iniciando, muitas vezes tentando.

Não se poderá dizer o mesmo da "Antologia". Eis meu ponto de vista na questão. Pois ela já implica em que se tenha material para esta antologia, um material que transcenda às revistas e aos jovens que fazem as revistas e aos dias presentes. Porque os que vão ler a antologia não a irão ler com condescendência por ser de jovens. Até muito pelo contrário. Irão ler com a esperança de encontrar algo imperfeito sem dúvida, prematuro talvez, porém novo, que traga algo como contribuição própria. E' preferível um conto apenasmente regular que tenha em si uma mensagem nova, ainda que imperfeita, a um conto bom que não passe de cópia de mera imitação de fórmulas passadas.

Eu digo: "Nenhum conto que traga uma contribuição verdadeiramente nova ou original". O Fausto Cunha toma a minha frase acima, transcreve e adiciona: "Será isso possível, pelo menos entre contistas novos? Um Tchekov, um Poe, uma Mansfield, um Munro, não aparecem às luzes? Eu gostaria de retrucar: Onde se não entre os novos se pode esperar essa contribuição nova? Não val você, meu caro, querer que entre os velhos! Veja bem que não falo em obra perfeita, mas contribuição nova. O que é bem diferente.

Pela "Antologia" não parece que a nossa geração tenha muito o que dizer. Ou bem pouco. Mas é aí que está o erro. A "Antologia" dá uma falsa visão da jovem literatura brasileira atual. Dá a impressão de uma geração quase mirrada, sem vigor. E' neste aspecto que eu me bato contra o trabalho organizado por Saldanha Coelho. Porque há muito o que dizer, a nova geração literária do Brasil tem o que dizer, e o pode, assim como pode e deve abrir seus caminhos artísticos, porque dentro da nova geração pode-se tirar uma antologia que dê a justa medida, o valor exato, o equilíbrio, as possibilidades da geração. Que de forma alguma está representada na antologia da Revista Branca. Então a frisar: os nomes da antologia são valores, porém deslocados ou num momento infeliz. Faltou uma melhor e mais cuidada seleção, mais auto-crítica e caprichosa.

Você diz que eu não nomeei, não abro debates, não exemplifico. E porque desejaria você que tal atitude partisse logo de mim, aqui afastado, quando há muitos outros, você mesmo, mais capazes para a tarefa? Mesmo assim, meu caro Fausto Cunha, desculpe-me, eu faço, sim. Veja: Porque tirando os trabalhos que eu cito no meu artigo como do meu agrado, e mais alguns que por um motivo qualquer de ordem interna, particular, não conseguí assimilar (quem sabe se por incapacidade ou alergia "estética"), os demais é claro que estão indiretamente indicados. Agora não iria V. querer que eu tomasse história por história do volume e fosse fazendo uma exegese. Mesmo pelo que segue:

I) — Não haveria espaço que bastasse e se tornaria um trabalho monótono para os que não conhecessem pouco ou nada interessaria tal espécie de trabalho;

II) — Iria talvez me faltar capacidade, "arte e engenho" para tal, para tão exaustivo quanto importante trabalho;

III) — Não vi de outros cantos partir essa análise fria e lógica, mas em grande parte meros e superficiais elogios, só se salvando uma meia dúzia de artigos que tentaram uma nota mais impessoal;

IV) — E... sim... deixe-me acrescentar de novo, muitos contos da "Antologia" não mereciam nem ser lidos a não ser por simples curiosidade, quanto mais estudados, analisados.

Eis o motivo, a meu ver, pelo qual "muitos críticos" não tomaram conhecimento da antologia ou se tomaram foi pró-forma, dando notas convencionais.

Vejo-o daqui, a sorrir você do meu "exagero", ou então se lembrando do conto do Anibal Nunes Pires. Pois bem, concordo, sem contudo poder deixar de dizer-lhe que há na antologia outros tão ruins quanto "Cafézinho de Visitação". E que só por mera injustiça se poderia isolar o Anibal como pior. Não estou aqui a defendê-lo.

(Conclui na pág. seguinte)

(Conclusão da página anterior)

lo. O conto não tem defesa. Não concordo e com a injustiça.

Porém, vá lá, tomemo-lo como exemplo. De quem a maior culpa? Do Anibal ou da organização da antologia? Anibal foi convidado. A obrigação dele consistia em responder aceitando ou não. Acha que devia aceitar. Aceitou. Competia à antologia por sua vez aceitá-lo ou não. Já que os contos eram pagos e não sobria ressentimento de parte alguma. Não poderia se partir. Está bem que os "antologistas" selecionassem cada qual seu conto, já que iam pagar. Isto não impedia, não devia impedir, até pelo contrário, que a última palavra fosse dada pela revista organizadora, que poderia, tinha o direito, quase diremos o dever, de aceitar ou então recusar o conto. Porque além da responsabilidade da geração, estava ainda em jogo o nome não só de contistas em particular, como ainda do organizador, uma das figuras mais promissoras de contista novo, e da revista patrocinadora.

A meu ver compete ao que organizou fazer a seleção última. O pagamento do conto não deveria

nunca servir de motivo a que um autor se recusasse a aceitar.

Pelo contrário. Dava independência. E assim fazendo, se poderia ter mais liberdade de ação. Vejamos mais um ponto agora. Tomemos novamente o conto do Anibal. Digamos que o autor se julgou sem auto-crítica suficiente, incapaz de selecionar e mandasse mais que um trabalho, copiando na última do Rio. Poder-se dar que um autor mesmo bom não tem obrigação de ser também crítico. Avancemos mais um pouco. Que me diz V. de haverem escolhido o pior dos trabalhos, o sem significado algum como você diz, o que ajuda a "sabotar" a antologia na sua opinião. Neste caso onde a falta maior, onde o mais culpado e "saboteador"? Ou teria sido incapacidade? Não o quero crer, pois sendo pessoas inteligentes...

Você diz: "O que assustou o Salim Miguel foi o número de mediocridades. A presença dessas mediocridades é uma aureola para os que têm algum valor". Pergunto: Será mesmo verdade? Não se poderia também dar o caso de os mediocres acabarem por abafar, fazer submergir "os que têm algum valor"? Não serão eles sufocados, enegados? Concorremos que boa parte medidreiros, e não a maioria e lógico. Mas boa parte "mediocres" também? Esclareço que me refiro aos trabalhos e não às pessoas. De muitos só posso falar baseado nos trabalhos da antologia. De outro por não terem queixa para o conto e serem bons em outros gêneros.

Meu caro, agora eu tenho mais outra opinião. Eu acho que também é sabotar a antologia — o mais ainda que ela a geração, o que é muito importante e perigoso, esses dióclis desastrosos que se lhe vêm fazendo. Porque podem se dar duas coisas curiosas. Primeiras: Autoconsciência, a coisa mais chata do mundo, na turma antológica; segundo: Descrença dos demais na turma da geração atual. Começaram por não tratar como pessoas sem maiores ambições, facilmente capazes de nos sentimentos satisficidos com uma mera antologia sem maior significação. Se assim agora só nos resta entendê-los de pé no ar, esperando os louvores que nos vêm, provenientes da "Antologia". Você não acha que, mesmo que não possuam — e tenho que poder — devemos querer mais, muito mais? E que para isto é preciso começar a lutar, não se satisfazer logo, buscar e lutar...

Além é tudo muito complexo, muito difícil. Tudo tem tendência a ferir suscetibilidades, de dizer a verdade. Não para prejudicar a pessoa, ou por não gostar dela, mas por um sentimento de honestidade íntimo que deveria existir e dominar nas letras. O mal é que nas letras ninguém quer aprender, e todos querem começar mestres. Prá tudo, até prá mais simples profissões, se faz um longo aprendizado. Menos prá coisas em que se deveria ser mais humilde e consciencioso. Chama-se a pobre da inspiração, nasce-se gênio e... pronto, tudo feito. Não há precisão de ler, de estudar, de procurar aprender.

Você diz bem: Onde encontrar uma antologia como eu quero, que agrade "in totum"? E ninguém, muito menos eu, podia uma antologia de obras primas. O que seria supramane, ridículo e absurdo. Pedir-se uma coisa "nova", mediana, — o que não é possível, muito. E é o que falta. Seja no conto do Anibal seja em outros. E é o que se podia ter feito. Não era pedir demais: era exigir o que está se vendo mais que possível. Falta na "Antologia" esse valor mediano mesmo levando-se em conta serem jovens; valor mediano que permite a publicação de um trabalho num "antologia" por mais liberal que ela seja, e sem o qual não é humanamente possível que se aceite.

Falta, o que me parece mais perigoso para o futuro da literatura do Brasil se é que na antologia que se vê "Expostos novos das letras", espírito de revolta, de luta e busca que deve caracterizar as gerações. Não se podem obras mestras que estas, você bem o diz, não surgem às dúzias; mas há um limite para tudo e descer daí é exagerar. Deve haver uma linha mestra, um ponto de base, uma classificação mediana. Deveria dar à entrada na sub-literatura, na "sub-coisa".

Lhe lanço um desafio: Se você francamente, sinceramente, com a sua sinceridade de artista e crítico que reconheço, me atreva e prometa que da nova geração nada melhor em matéria de contos se pode fazer do que esta "Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil", edição da Revista Branca, deu a mão à palmatória. Feito?

Você me diz que uma antologia como quero nem mundial. Meu caro, não há um exagero nem grande aí? Não precisamos ir tão longe nem recorrer a antologias de obras primas. Eu poderia lhe citar agora mesmo, do Brasil, as feitas no Brasil, umas e quantas que V. tão bem ou melhor do que eu conhece. Mas, não citarei porque logicamente iríamos cair em comparações — e não é possível comparar. Somente no caso de que encontrássemos uma outra antologia feita nas mesmas condições. E eu, modestamente, hu-

midemente, confesso não conhecer.

— Mesmo porque estas são "novas" — e não poderiam ser confrontadas com escritores antigos. Não pelo que V. pensa, por estarem começando. Não! Por uma razão muito mais transcendental, muito superior. Por serem novas. Confronto, aqui em segredo, que ninguém nos ouça, que este termo novo às vezes me cansa. Els um privilégio que me desagrado. Muito e me faz sentir como se nós novos estivéssemos em pé de inferioridade e fosse preciso tratar-nos com cuidado e delicadeza extrema. Por que?

Desculpar tudo nos novos. Elogiar os novos por serem novos. Louvar os novos, esquecidos de que "novo" é uma condição mais espiritual do que física. Acaba-se tendo o tabu dos novos. E novo? Não há muito termo, não há análise. Presta o não presta. De acordo com a pessoa. Não há mais o que fazer. Defega ou ataque total.

E logo a gente, nós, que devíamos ser contra todo e qualquer tabu...

Não se deve louvar o novo senão pelo que ele representa de espírito vivo contra o velho e caduco. Agora, se o novo ainda faz pior que o velho, se o novo é o ponto de queda, é muito mais culpado e não há como desculpar. Você não concorda comigo? As vezes até, quase (digo quase pois que há centenas de pontos dignos e louváveis nos novos e eu não trocaria esse privilégio de ser "novo" por coisa alguma), sim, quase a gente se lamenta de ser novo. Mas logo se lembra de tudo que é possível ainda fazer com perseverança e boa vontade, de que se está começando e talvez os antigos tenham feito as "burradas" do que nós. E então...

Novo não é sinal de bom ou mau, dogmaticamente; nem sinal de certo ou errado. Mas ambas as coisas. Novo para mim é pesquisa, é procura, é busca. Novo é todo aquele inconformado que não importaria o novo para exemplificar, já que V. me pede exemplos, é Léo Ivo, poeta dos melhores e de certo certo momento e não Léo Ivo contista, imitador de Ribeiro Couto... Novo é o que procura fazer obra impecável por não mais possível sua, preferivelmente a fazer por merecer uma cópia de quem quer que seja, ainda que o maior gênio, sem nada contribuição de original. Assim entendo novo. Talvez esteja errado. Não sei. Você acha o favor de me elucidar. Pelo que lhe ficarei muito grato.

Não, meu caro, não se pode fugir à época em que se vive, do período que se atravessa. E tudo que fazemos reflete o espírito da nossa época. Por mais alheados que queiramos ser. Por mais que o artista se julgue "fora". A obra é o homem e o homem é a época que vive. Logo... Querir fugir disto é absurdo e escandaloso. Nem por ser mais livre e compreensivo, o artista tem menos obrigações do que os outros homens. Tem até mais, por ser quem melhor sente o seu tempo e o interpreta. Você diz: "... Conheço dezenas e dezenas de seletos de dois ou três idiomas, mas me permite a verdade. Entretanto em nenhuma delas encontro, além do deleite estético e do conhecimento literário, algo que me levasse a acreditar na aquisição de cabedais tão complexos". Meu caro Fausto Cunha, você não encontrou ou não quis encontrar? A gente só vê aquilo que quer. Com pequena modificação eu poderia lhe retornar com as mesmas palavras de você: "... Nem valor excepcional, pois esse valor só existe para quem sinte real necessidade de encontrá-lo." Será que V. em todas essas antologias que leu nestas últimas décadas nada mais encontrou? Você acha mesmo que não tira outros proveitos a não ser os que cita? Você não tira, através deles, outros humanos e sociais? Do modo de reagir e pensar, do sentir e viver, da forma e maneira de transmitir das conclusões a que chegaram os homens de outras eras através de seus trabalhos, você não tira também suas conclusões a respeito delas. Não se apercebe de como se achavam, a que fim tendiam eles e qual a teoria, o costume, o sentimento e espírito dominante na época? Não o creio, desculpe-me. E não o creio não porque duvide de sua sinceridade, acho que você está falsando a verdade (tal que como artista você é incapaz disso), mas porque estou certo da inteligência, da sensibilidade, da capacidade de você.

Para mim a época se reflete nos modos estéticos, nas teorias artísticas; e nos embates sociais e humanos se percebe o artista que capta e transmite. Ele é o fotógrafo da época. Um fotógrafo que deforma a realidade presente de acordo com a maneira como ele a vê através de seu espírito. Mas que nem por isto deixa de ser fotógrafo.

Uma coisa condiciona outra. A época influencia o artista e este a representa. Grava-a para o futuro.

O artista não é nem pode ser

um ente desligado dos outros, do mundo, do que o cerca. É por isso o seria? O artista é um homem igual aos demais, feito da mesma massa. Somente com mais sensibilidade e poder de captar, analisar, transmitir e gravar para a posteridade tudo que o cerca. É o que é que o cerca? E donde extraí ele o que diz? Do nada? Não é possível? É que é que o emocionou e atuando sobre seus nervos faz com que sinta essa necessidade de extravasar, de alisar, ao mundo a sua mensagem, de se dirigir aos outros homens e também tentar fazê-los ver da mesma forma que ele? Não, meu caro Fausto Cunha, não! Eu não pedi o impossível. Você é que quis imaginar que eu o houvesse feito. Ou então brincou...

Não disse que a antologia da Revista Branca não fica. Nem que fica. Disse, lamentei que se houvesse perdido uma tão boa oportunidade, sabendo-se as dificuldades para tais cometimentos no país, de não se ter tido um trabalho mais empenhado, selecionado, sob todos os aspectos. E então ficaria como documento de uma época talvez mesmo trabalho de consulta e estudo. Documento necessário para quem estuda o futuro nas condições do Brasil de agora, especialmente no campo artístico, estético, humano e social. Ficará talvez, porém a menos que eu esteja muito errado, como mera curiosidade, de pouco valor. Como aliás V. mesmo reconhece.

Quem sabe se não será um segundo "Rosal de Ritos"? Que humilíssimo e envergonhadíssimo confesso não conhecer — nem de nome — e de que ouço falar pela primeira vez no seu artigo. Então daqui a um ano surgirá um novo Fausto Cunha, escavador infatigável das coisas do espírito, e redescobrirá a antologia. E se deslembra com os contos apreendidos... Somente que neste caso pouco valor teria eu na antologia. Valor histórico e bem limitado. Pois não está gravado com fidelidade o "momento" atual. Daria uma visão errônea.

O que talvez não se dá com "Rosal de Ritos". Pois bem pode ter sido injustiça o esquecimento do volume de Inês Garcia. Eu pediria que V. o divulgasse, assim estaria prestando um grande favor às letras. Aproveito a oportunidade: Como consultei o tal? Será que você...

Eu terminaria (e já tarde, deve o meu caro Fausto Cunha estar pensando) com uma retificação. Você diz: "... por mais acere que se mostre o artigo de...".

Eu digo: não, não. Não, talvez violento, mas sincero, nunca premeditadamente injusto. E que razão teria eu para ser "acere"?

Tenho certeza. Se muitos outros não se manifestaram contra a "Antologia" não foi contra por contra, mas contra com intenção de auxiliar — foi por preguia, comodismo, recócio de desagrado, ou ainda julgaram que a mesma nem merecia que se preocupassem com ela, como me disseram, pois tinham mais o que fazer". O que eu considero uma atitude errada, pois a antologia, mesmo com todas as falhas e deficiências que são enormes, é um trabalho importante, revela força de vontade, quer fazer alguma coisa e trabalhar ao mesmo tempo que se faz. E os da antologia merecem a maior simpatia e auxílio de nós outros jovens. Não há que se discutir tudo por isto, louvar e louvar só, isto é que não. Cair também não. Dizer o que se pensa, sim. Não cair e disse. Deixar a atenção, a minha pouca e humilde atenção de provinciano, da "Antologia", não tem a importância. Tanto assim que sai de minha preguia, dos meus dióclis de leitor interessado pra me manifestar a respeito, sabendo que iria cair no desagrado de muitos. Pois raros são ainda os que sabem aceitar uma opinião com isenção de ânimo. Acham logo que somos inimigos, que temos mil e uma coisa contra eles, pobres inocentes que nada nos fizeram. Não elogiou — é inimigo. Esclareço ainda: Nada tenho contra quem quer que seja, de qualquer grupo, e mesmo sou contra os grupinhos fechados. Acho que se deve fazer um esforço geral, partindo de todos os recantos do país, para melhorar o nível cultural e dar uma consciência mais nítida e compreensiva aos "novos". As nossas revistas devem servir de meios de união e não para debates. E quando inevitavelmente essas surgem devem ser olhadas como uma coisa natural entre pessoas que possuem opiniões mas que sabem discutir como quem discute idéias.

Quase nenhum dos "antologistas" conheço. Acho admirável o esforço da turma de Revista Branca. Pois só quem também faz alguma coisa, uma revista do gênero do dia, nossa, por exemplo, o foto-grafo da época. Um fotógrafo que deforma a realidade presente de acordo com a maneira como ele a vê através de seu espírito. Mas que nem por isto deixa de ser fotógrafo.

Uma coisa condiciona outra. A época influencia o artista e este a representa. Grava-a para o futuro.

O artista não é nem pode ser

008: Brasil: uma anotação

MIGUEL, Salim. Brasil: uma anotação. *Linha Viva- Intersindical dos Eletricitários de SC*. Santa Catarina, 27 jul. 2000, n. 567- Coluna tribuna livre.

Brasil: uma anotação

Salim Miguel
Escritor

Sou da geração que lutou pelo "O petróleo é nosso", pela implantação da Petrobrás. Ainda hoje me lembro dos comícios, das caminhadas, das discussões entre conhecidos e amigos. Dois episódios, no entanto, me marcaram para sempre. A visita, na década de 50, na Bahia, a alguns poços pioneiros, e o orgulho com que enchíamos a mão do petróleo que jorrava, jogando-o em outros jornalistas e esfregando-o no rosto. A propósito, fiz, para "A Gazeta", uma série de artigos. O segundo episódio foi durante o golpe militar, em 1964. Eu havia sido preso. Certa madrugada fui arrancado do alojamento e levado, num jipe com dois soldados armados, até a sala do doutor Jade Magalhães, secretário de segurança. Recebe-me quieto, nem me olhou, como se ninguém estivesse ali, folheou papéis, de repente, sem me olhar, diz: "Me explique porque seu nome não aparece nesta relação dos que apoiavam a criação da Petrobrás". Eu: "Não aparece?" "Não sei". Ele: "Você era ou não era a favor?" Eu: "Era e sou". E ele: No entanto aparece aqui o nome de fulano, me explique o motivo". Eu: "Pergunte para o fulano". E ele: "Bem que eu gostaria. Mas vamos voltar ao seu caso".

A luta pelo petróleo foi longa, começou com a afirmativa, baseada em dados científicos, de que existia o chamado "ouro negro" em nosso território. Monteiro Lobato foi um desses pioneiros. Mas tudo era feito para desacreditá-los. Técnicos estrangeiros eram contratados com salário altíssimo e assinavam relatórios, atestando que não havia um pingô de petróleo em solo brasileiro.

A Petrobrás foi afinal criada. E aos poucos, em diferentes regiões, de início na Bahia, o petróleo, que não existia, magicamente foi aparecendo.

Com tecnologia de ponta nacional, novas regiões foram prospectadas. Por exemplo, as plataformas submarinas, nas quais o Brasil tem um trabalho pioneiro. Ainda há bem pouco, foi divulgado que, na bacia de Campos, alcançou-se a cifra de mais de um milhão de barris-dia, e que hoje, de cada quatro barris consumidos, três são produção nossa.

Tudo isso é escamoteado ou aparece em notinhas de canto de página. Umas poucas publicações, entre elas "Caros amigos" e "Bundas", outros poucos jornalistas, em Aloysio Biondi (veja nota ao lado), por exemplo, têm coragem de revelar o que se vem tramando para a entrega da Petrobrás a grupos estrangeiros, alienando o que é patrimônio de todo o nosso povo. Um exemplo é o leilão em que a Petrobrás conseguiu ficar com oito dos vinte poços por ela prospectados.

Há algo, contudo, mais estranho: a Petrobrás, considerada empresa modelo no mundo, de repente começou a pipocar. São vazamentos mal explicados, o que resulta em manchetes e chamadas na quase totalidade dos órgãos de comunicação de todo país. É o caso de perguntar, a quem interessa a desmoralização da empresa?

Urge que o Congresso Nacional demonstre defender os interesses da Nação e que o povo brasileiro lute para que não se torne realidade o título do artigo de Biondi em "Bundas" 52: O petróleo (até que enfim) é deles.

009: Raimundo Magalhães Jr.: A última visão.

MIGUEL, Salim. Raimundo Magalhães Jr.: A última visão. Letras e livros. [s.l.], 1982.

Raimundo Magalhães Jr.

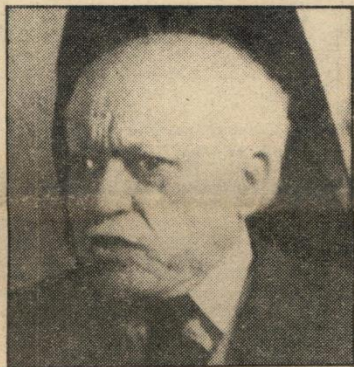
A última visão



A última visão que tive de R. Magalhães Jr. foi no aeroporto Salgado Filho, de Porto Alegre, em início de novembro, descendo rápido do nosso ônibus. Havíamos vindo de Canela, onde passáramos quatro dias, num encontro de jornalistas e escritores, a convite do Grupo Habitasul, participando da solenidade de entrega do prêmio Habitasul — Revelação Literária 1981.

Tínhamos batido longos papos, lembrando amigos comuns e os tempos de convivência no Rio de Janeiro, discutido literatura. E participado de um incidente pitoresco logo na noite de chegada ao Lago de Pedra. Fora na cave do hotel, para onde tínhamos descido em busca dos prometidos queijos e vinhos da programação.

Famélicos e apressadinhos, Magalhães, minha mulher e eu fomos os primeiros a descer. Na entrada da cave, gentil mas



formal, o gerente nos impede a entrada: "Desculpem, a cave hoje está reservada". E eu, mais que depressa, nesta mania de fazer graça sem graça que às vezes me ataca: "Mas nós somos das reservas". E o homem, abrindo-se num sorriso pleno de vinhos e queijos: "Então sois literatos?" Rimos concordativos — e a história logo se espalhou.

Magalhães queria saber de amigos comuns de Florianópolis, da quarta edição de seu livro sobre Cruz e Sousa, a sair pela Fundação Catarinense de Cultura, se eu já havia começado a ler seus volumes sobre Machado de Assis. "Não — lhe respondi — não recebi ainda o primeiro volume e não quero começar pelo segundo". Ele, ao saber que eu estava para ir ao Rio: "Me procure assim que chegar que lhe darei um..."

Baixo, entronado, cheio de vitalidade, saudável nos seus 74 anos, parece-me, agora, vê-lo deixar o ônibus e se dirigir para o avião que o levaria ao Rio. Eu ia ficar

mais uns dias em Porto Alegre. De dentro do aeroporto, ele ainda se virou para me dizer: "Não deixe de me procurar, vá almoçar comigo na revista. E me leve notícias do andamento da reedição do Cruz e Sousa".

Agora, depois do estúpido acidente que o matou, tento alinhar algumas lembranças do meu convívio de 14 anos com ele, dar um retrato do homem e do intelectual que conheci, traçar um perfil do jornalista incansável, do pesquisador inquieto e sempre insatisfeito, do biógrafo, do contista, do teatrólogo, do tradutor, do político.

Foi em Bloch Editores que o conheci. 1965. Eu acabara de chegar ao Rio. Começara como copydesk da revista **Fatos & Fotos**, fazia algumas reportagens para **Manchete**, passei, mais tarde, a trabalhar na Divisão de Projetos Especiais, terminei como chefe de Redação da revista **Tendência**. Eu já conhecia o escritor R. Magalhães Jr., mas nunca tinha encontrado o homem, que logo me impressionou pela maneira igual com que tratou o provinciano.

Não chegamos a trabalhar na mesma redação, mas na mesma empresa. Ele, durante todo este tempo, um dos principais redatores de **Manchete**. Da minha parte, confesso, mais do que a atividade jornalística, nele me atraía o pesquisador e o biógrafo. E a nos aproximar, a mesma paixão por Machado de Assis e Cruz e Sousa, dois nomes da maior importância nas nossas letras, que ele estudava e admirava, e eu igualmente. Falávamos a respeito daquelas duas personalidades tão contraditórias, dois temperamentos tão diferentes como diferentes foram seus destinos, embora vivendo na mesma época, sem nunca se encontrarem, sem que um deles (o mulato Machado de Assis) tivesse tomado conhecimento do outro, o preto Cruz e Sousa. Isto muito me intrigava — e a propósito conversava, sempre que tinha oportunidade, com R. Magalhães Jr.

Durante este convívio, raro era o dia em que não nos falávamos: na redação de **Manchete**, nos corredores, no restaurante, à saída ou entrada do prédio, primeiro na velha sede da Rua Frei Caneca e depois na Rua do Russel.

O que mais discutíamos? Falávamos de escritores, de livros aparecidos, de suas pesquisas, de meus projetos. Ele estava sempre com novos livros em elaboração, bolados entre os fatigantes trabalhos da redação. A qualquer hora que eu chegasse estava na máquina. Era um trabalhador intelectual como poucos, sempre batucando, com um dedo só, redigindo, copidescando, legendando, traduzindo longos textos, condensando, pesquisando, ajudando um colega numa dificuldade qualquer, informando e orientando. Sabia de tudo, tinha sempre uma palavra de estímulo.

No aniversário do dono da empresa, era ele sempre a discursar. E num pronunci-

amento bem humorado, entre outras colocações a respeito da profissão, nunca se esquecia de reivindicar melhoria salarial. E seus olhos vivos percorriam as mesas e as fisionomias, acompanhando a repercussão de suas palavras.

Um dia (acabara ele de lançar a 3ª edição de **Poesia e Obra de Cruz e Sousa**, levava-me, logo, um exemplar, queria saber minha opinião) falei-lhe de um amigo de Florianópolis que vinha, havia anos, se dedicando exaustivamente ao estudo da vida do grande simbolista brasileiro. Tinha descoberto documentos até então ignorados, artigos, polêmicas, que comprovavam a participação de Cruz e Sousa na campanha abolicionista. Pra quê? Magalhães não mais me largou. Dali em diante, a qualquer momento que nos encontrássemos, ele me pedia novas do andamento da pesquisa, me fez telefonar e escrever (várias vezes) solicitando que lhe fosse cedida cópia do resultado da pesquisa e o material descoberto para ser incorporado à nova edição do livro. Inconformado diante da negativa, escreveu pedindo a interferência do escritor Nereu Corrêa, se prontificou a conseguir edição para o trabalho. Inútil. Meu amigo é um destes animais raros que pesquisam pela própria pesquisa. E até agora o trabalho permanece inédito. Nem uma ida de R. Magalhães Jr. a Florianópolis conseguiu convencer o pesquisador. E ainda em Canela ele me perguntava o que poderia ser feito.

Para Magalhães, cada nova edição era como que um novo livro. Eterno insatisfeito, ele queria sempre ampliar, adicionar novos elementos, completar, esclarecer, buscar fatos que viessem trazer novas luzes à vida de seus biografados, no sentido de iluminar aspectos da obra.

Acima falei em trabalhador infatigável. Sim, esta me parece a melhor maneira de caracterizar a personalidade deste autêntico operário das letras. Os anos pareciam não lhe pesar. As tarefas, por mais duras, não o afetavam. Ele estava, sempre e ao mesmo tempo, envolvido em numerosos planos e projetos.

Trabalharia sozinho? Teria uma equipe que o ajudava a levantar o material que ele estudava e ordenava? Daria forma, texto final, ao que lhe chegava? Não sei. Sei que, muitas vezes, entre grupos de jornalistas e escritores amigos, muitas vezes ficávamos discutindo a incrível capacidade de trabalho daquele homem. Capacidade de trabalhar e também de viver. Sorvia a vida em longos haustos. Extasiava-se diante de um livro, uma paisagem, uma flor, uma mulher bonita.

Eu mesmo tinha exemplos de sua proficiência. Quantas vezes, em cima do fechamento de mais um número de **Tendência** (revista mensal de economia) a gente precisava, com urgência, de uma tradução de material técnico. Telefonava-se para os habituais tradutores que nor-

malmente colaboravam na revista. Pediam alguns dias, queiram saber o número de páginas, de qual revista estrangeira era, inglês ou francês, qual tipo de matéria. Eu olhava para o editor, o editor dizia: "Fala com o Magalhães". Em desespero de causa, eu apelava para ele. Ia encontrá-lo dedicando a máquina, com um longo texto em andamento. A primeira pergunta eu já sabia: "Pra quando e quanto pagam?" E eu brincando: "Pra ontem". E ele: "Grande?" "Eu: "Não muito, do inglês, você tira de letra". A resposta, logo: "Me traga, mas hoje". Pois bem, no dia seguinte (se eu insistisse muito) ou dois-três dias depois, lá estavam as laudas, num texto final, com algumas emendas à mão, mas prontas para serem baixadas.

Aliás, justamente por isso, essa capacidade de trabalho, e com referência à sua intensa atividade, existem histórias bastante saborosas que circulavam com frequência no meio jornalístico e cultural do Rio.

Uma delas perguntava: esta semana R. Magalhães Jr. não publicou nenhum novo livro. O que poderia ter acontecido? Férias? Viagem? Doença? Outra: dizia-se que antes de um teatrólogo haver terminado de escrever uma peça, Magalhães já a havia traduzido.

Hoje fala-se principalmente no R. Magalhães Jr. biógrafo e pesquisador, com um grande acervo de obras do gênero, sejam eles escritores ou não. Mas além do jornalista é bom não esquecer que a atividade dele se iniciou pela ficção, publicando livros de contos, se projetou para o teatro, com peças que foram sucesso, se desdobrou em traduções e na coleta e organização de antologias.

Nesta personalidade multiforme não se pode saber qual a predominante. Seria mesmo o jornalista de intensa e extensa atividade, ao qual dedicou toda a sua vida? Ou seria o teatrólogo não apenas o que escrevia peças, mas que gostava tanto de traduzi-las? Quem sabe o biógrafo admirável e sempre insatisfeito com seu trabalho, que nos revelou facetas desconhecidas de personalidades tão disparees como Machado de Assis e Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos e José do Patrocínio, Casimiro de Abreu e Olavo Bilac, Deodoro e Ruy, entre tanto e tantos outros.

Mas aí ficamos, novamente, pensando nos outros Magalhães: o contista de **Impróprio para menores**, o investigador do **Dicionário de Provérbios e Curiosidades**, o antologista de volumes de contos (**O conto do Norte**, **O conto feminino** etc.), o colecionador de esparsos de Machado de Assis, o autor de literatura infantil.

Este cearense-carioca, que morreu atropelado quando se dirigia para mais um dia de trabalho na redação, fez seu início de carreira na **Folha do Comércio**, em Campos, aos 17 anos. Logo a seguir, participou do grupo fundador do **Diário de Notícias**,

para trabalhar, depois, em **A Esquerda**, **A Batalha**, **A Noite**. Dirigiu as revistas **Carioca**, **Vamos Ler**, **Revista da Semana**. Morou no exterior, sempre trabalhando na imprensa. E desde 1959 fazia parte da equipe de **Manchete**. Por onde quer que tenha passado deixou a marca pessoal e inconfundível de seu zelo profissional, sua paixão pelo trabalho. Foi, também, político, tendo sido vereador pelo Partido Socialista na Câmara do antigo Distrito Federal.

Não era — nem pretendia ser — um analista profundo do fato literário, um crítico profundo que fosse até a raiz da motivação última do autor estudado. Aliás, no seu caso específico, este me parece, sob vários aspectos, um dos méritos do seu labor. Levantava os dados, checava-os, ordenava-os, preparava suas biografias e estudos com precisão e meticulosidade, atento às peculiaridades da vida e da obra dos autores. Se, por vezes, aventava alguma análise valorativa, era mais para situar o vulto estudado no tempo e no espaço do que, propriamente, no sentido de intentar uma crítica formal.

Talvez, justamente por isto, tenha deixado biografias modelares. Como, por exemplo, a de Cruz e Sousa, que é, indubitavelmente, o que de melhor existe no gênero sobre o poeta, aclarando aspectos de sua obra, de sua vida, de seu tempo, de suas lutas, de sua trágica trajetória.

E quem acompanhou o trabalho de R. Magalhães Jr., desde a primeira edição até a terceira, pôde sentir o quanto ele era meticuloso em sua persistente busca. São, sem dúvida, ao mesmo tempo, um e três livros diferentes. Se o enfoque é o mesmo, se a figura de Cruz e Sousa é a mesma, a obra se enriquece de uma edição para outra. O que vai sendo adicionado permite uma melhor e maior compreensão da estranha e sofrida personalidade do autor, de "Litania dos pobres" e tantas outras obras primas. O campo de visão vai se alargando, vai se ampliando o panorama que temos do meio em que atuou o poeta catarinense e de sua busca.

E os que tiveram oportunidade de examinar os originais para a quarta edição, a sair este ano pela Fundação Catarinense de Cultura, destacam a inclusão de novos documentos e de novos inéditos, descobertos pelos quatro cantos do Brasil, em bibliotecas e arquivos de difícil acesso, servindo para revelar outras facetas do poeta e ajudando a melhor compreendê-lo.

O que dizer, então, dos quatro volumes dedicados a Machado de Assis? Neste último trabalho publicado em vida de R. Magalhães Jr. temos ampliada uma nova imagem de um vulto já tão estudado.

Aqui, o biógrafo situa seu biografado dentro de uma perspectiva ampla de seu meio e sua época. Dá-nos um retrato de corpo inteiro de Machado, circulando e ten-

tando se afirmar, mostra-nos centenas de documentos importantes que nos ajudam a melhor compreender o autor de **D. Casimiro**. E assim vamos acompanhando, passo a passo, a caminhada do nosso principal escritor em busca de sua afirmação em todos os setores.

Volto, agora, àquele início de noite em Porto Alegre. Melhor, antes, a um amanhecer de sábado. Estávamos no café. Magalhães desce. Pára. Vejo-o ao meu lado. Sorrindo. Se curva à mesa e diz: "Parabéns! Então, de página inteira no nosso **Letras e Livros**?" E eu: "O quê?" E ele: "Vai me dizer que não viu?" E eu: "Não, não vi". E ele: "Tem uma página inteira a respeito do teu último livro. Ótimo!" E eu: "É?" E ele: "É, sim, vou ao meu apartamento pegar para você ver". E eu: "Não há necessidade, deixa pra lá, vejo depois". Não adiantou. Ele se afasta, naquele seu passo firme, vejo-o sumir no longo corredor. Logo depois retorna, sempre sorrindo, empunha o jornal com a página aberta,



mostra-a para todos, repentinamente "vejam, vejam", feliz — e eu sem jeito diante de toda aquela expansividade.

Sim, agora volto mesmo para aquele início de noite, já em Porto Alegre; e tento reter a imagem dele, baixo, entroncado, sorridente, abanando, olhando para todos os lados, encurvado ao peso da mala, dirigindo-se para o interior do aeroporto Salgado Filho em busca do avião que o levaria para o Rio de Janeiro, virando-se, acenando ao mesmo tempo em que me dizia que não deixasse de procurá-lo logo que chegasse.

Ao chegar eu ao Rio, conforme estava programado, ele já estava em coma, da qual não sairia. Morreu quando eu ainda estava no Rio. Só fiquei sabendo no dia seguinte. Mas, mesmo que soubesse, creio que não teria ido ao velório nem ao enterro.

É que prefiro, ainda, manter a última visão que dele me ficou no aeroporto de Porto Alegre.

1982

Conversa (breve) com Câmara Cascudo

Salim Miguel

Durante o transcorrer do ano passado, centenário do nascimento de Luís da Câmara Cascudo, toda vez que recebia *O Galo*, pensava em escrever ao Woden Madruga ou ao Nelson Patriota. É que, no suplemento literário, encontrava sempre depoimentos sobre o mestre, sua fascinante personalidade e inesgotável capacidade de trabalho, que abrangia os mais diferentes temas.

Não o fiz, nem sei qual o motivo. Talvez por sentir que meu depoimento pouco ou nada acrescentaria. Afinal, estive com Cascudo, em Natal, sempre rapidamente, duas ou três vezes.

Se agora passo para o papel as fundas impressões que me causou, devo-o ao Nelson Patriota. Foi durante o Encontro Cultural, em João Pessoa, ambos participantes das comemorações, mais do que merecidas, do cinquentenário do "Correio das Artes." Em dado momento, Patriota me perguntou se eu conhecia Natal. E eu, que estive lá, sempre meio às pressas, a trabalho, duas ou três vezes, quando morava no Rio de Janeiro. Perguntou-me ele o que achava da cidade. Respondi-lhe que gostara muito das gentes, das praias, do que vira e sentira, da carne-de-sol, e do Luís da Câmara Cascudo, que eu tinha feito questão de procurar. A última vez ia para mais de vinte anos.

Nelson disse-me que a cidade mudara muito nesses anos, como quase todas no País. E ao falar-lhe de meu propósito nunca concretizado, sobre Cascudo, retrucou: "ainda é tempo. Cascudo sempre merece ser lembrado." Concordei.

Uno e múltiplo, por tudo se interessava e de tudo sabia. Cascudo marcou sua época e seu tempo, e todos que com ele conviveram, ainda que de forma incidental, como foi o meu caso.

Fui saber de Câmara Cascudo, em Florianópolis, na década de 50, ele já com significativa obra publicada, o primeiro livro em 1920. Certo dia, eu acabara de receber uma publicação cultural de Pernambuco (é bom assinalar que, durante a década de 50, proliferaram publicações semelhantes por todo o País) e lá deparo com artigo dele. Só o nome do autor, nenhuma referência mais. O texto me interessou pelo tema e pela forma. Procurei o Oswaldo Rodrigues Cabral, médico, político, historiador, folclorista. Sim, conhecia o Cascudinho, e com jeito desabrido foi dizendo, ignorante quem não o conhece, falou com entusiasmo do intelectual e do homem - o que não era comum em Cabral.

Guardei a referência. Procurei livros. Não foi fácil. Hoje ainda é difícil, quando o escritor não circula no eixo Rio/São Paulo. Oswaldo R. Cabral emprestou-me alguns artigos e trabalhos, cujos títulos não



Durante bom tempo a conversa girou em torno de Cascudo. Aliás, durante muito tempo, falar em Natal, que eu também não conhecia, era falar em Cascudo. Aqui mesmo em Florianópolis, encontrei outra fonte, o Iaponan Soares de Araújo, outro grande amigo, que tinha vindo por uns dias até a ilha e daqui não mais saiu.

Embora mais conhecido por sua obra na área do Folclore, Cascudo era de uma enorme inquietação intelectual. Trabalhador incansável, deixou quase 150 títulos publicados, além de inúmeros artigos esparsos em jornais e revistas. Entre seus livros bastaria citar, para lhe garantir um lugar em nossa

guarda, só o impacto que me causaram, de um homem que tinha muito o que dizer e sabia dizê-lo.

Guardei as referências do Cabral e as impressões de leitura. Pouco depois, em viagem ao Rio, me encontrei com o Renard Perez, norte-riograndense que viria a se tornar um de meus grandes amigos. Lá estava, também, a Zila Mamede.

história cultural, *Dicionário do Folclore Brasileiro, Literatura Oral, Flor de Romances Trágicos, Vida Breve de Aute de Souza, Antologia do Folclore Brasileiro*, livros ao mesmo tempo de pesquisa e erudição.

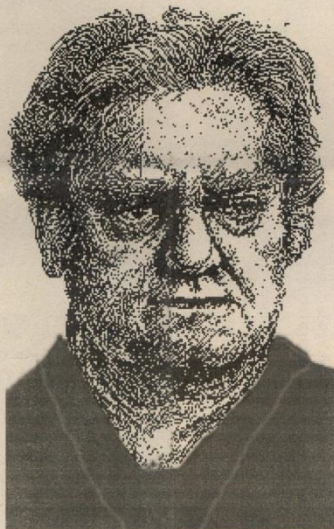
Mas não vou traçar (nem tenho como) a trajetória deste home, que estreou aos 22 anos, em 1920, e tanto produziu nos seus 88 anos.

Minha intenção é bem menos ambiciosa. Dizer de meu breve contato com ele e da impressão que me causou.

1964. Devido ao Golpe Militar, tive que sair de Florianópolis. Fui morar no Rio de Janeiro. Trabalhei na imprensa. Viajei pelo Brasil. Desci em Natal, pela primeira vez, fins da década de sessenta ou já na década de setenta. Na mesma empresa jornalística (Bloch Editoras), trabalhava um filho de Cascudo, Fernando Luís da Câmara Cascudo. Claro que não me cansava de lhe perguntar pelo pai. Assim, através das leituras, de informações, do que me contaram o Renard, a Zila, o Iaponan, e o filho, fiquei conhecendo Luís da Câmara Cascudo antes de conhecê-lo pessoalmente.

Até que o dia chegou. Lá estava eu na casa atulhada de livros e de objetos, sem saber o que dizer. Cascudo logo me colocou à vontade. Conversamos de tudo e de nada, ele com seus conhecimentos enciclopédicos, eu me esforçando por acompanhá-lo, com sóe acontecer entre duas pessoas com idênticos interesses, de idades diferentes. Eu queria saber mais dele, de sua vida, do porquê daquela insistência em se fixar em Natal; ele queria saber de mim, minhas preocupações, meus livros. Ria-se ao lhe dizer que seu lugar era no Rio; no Brasil só acontece quem mora no Rio ou São Paulo. Retrucava: quem quer acontecer, eu quero é viver na minha terra, na minha casa, dar meu recado à minha maneira - e pouco me importa o tal de "acontecer."

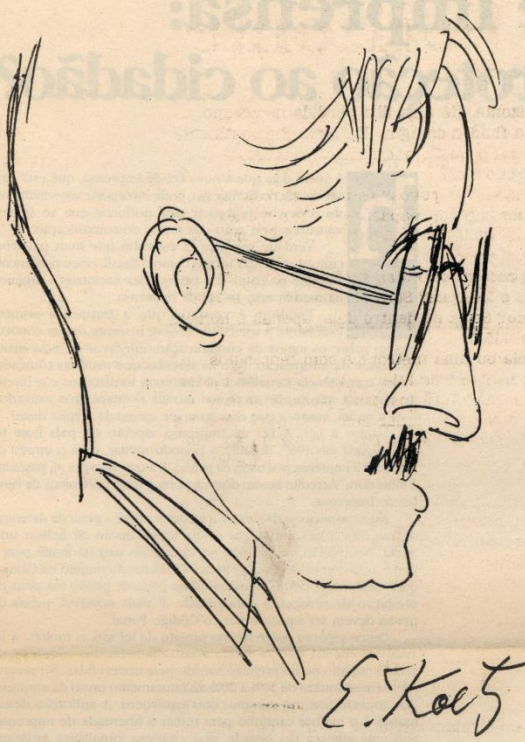
Esta síntese, por certo imperfeita, é das duas ou três vezes que lá estive, sempre nos curtos intervalos entre um trabalho e outro. Poderia ser ampliada, quem sabe mais minuciosa e completa, mas pouco acrescentaria. O que me ficou é o que conta, a imagem de alguém que sabe o que quer. Só uma dúvida persiste: será que cheguei a chamá-lo, alguma vez, de Cascudinho, como os amigos; o livro *Câmara Cascudo-Seleta* (organização, estudos e notas do Prof. Américo de Oliveira Costa, livraria José Olympio Editora/RJ), que tenho autografado, da seguinte maneira: "Ao Salim Miguel, companheiro de dor e alegria, um abraço do," datado de 1972, é assinado por ele ou pelo filho?



Salim Miguel é catarinense. Escritor, jornalista, publicou, entre outros, os seguintes livros: *Rede, A Morte do Tenente e Outras Mortes, Variações Sobre o Livro, As Desquitadas de Florianópolis*.

011: Gastal a paixão pelo cinema

MIGUEL, Salim. Gastal a paixão pelo cinema. Jornal da Fundação Franklin Cascaes. Florianópolis, 1994. Folha da cultura.



Gastal, a paixão pelo cinema

Cadernos de Cinema de P.F. Gastal", volume organizado por Tuio Becker (Unidade Editorial Porto Alegre/ Prefeitura Municipal - 1996), recupera parcela do trabalho do incansável batalhador das artes e nome dos mais significativos da história do nosso cinema. Engana-se, porém, quem imagina que Gastal exerceu apenas a crítica. Poder-se-ia até mesmo dizer que, sob certos aspectos, foi ela complementar à sua múltipla atividade. Ele fez muito mais: criador do Clube de Cinema de Porto Alegre, promotor cultural, incentivador de eventos como o Festival de Cinema de Gramado, editor do modelar "Caderno de Sábado", órgão cultural do "Correio do Povo", aglutinador de cineclubistas, ativo representante do INC no Rio Grande do Sul. E, talvez mais importante, figura humana exemplar.

O envolvimento de Gastal com o cinema foi precoce, permanente, total, desde sua infância em Pelotas. E aumentou com o decorrer dos anos. Falar com Gastal era falar basicamente de cinema. Diga-se, a bem a verdade, não só de cinema. Mas acabava-se discutindo cinema. Quase sempre. Ou sempre.

Agora, ao resgatar textos publicados no "Diário Popular", de Pelotas, quando o autor mal completara 19 anos, e avançar até fins da década de oitenta, Becker não só possibilita que se tenha uma ideia da evolução do crítico, como também de sua fidelidade a alguns pressupostos da sétima arte. Exemplos: a paixão permanente por nomes que definiram e deram estruturação ao cinema, um Chaplin e um Welles, para ficarmos com dois de seus ícones; o fascínio por determinados filmes, tendo assistido, 12 vezes

(em pouco tempo) a "Cidadão Kane", e 23 a "Em Busca do Ouro", assinala Becker.

Quando necessitou diversificar sua atividade em outro órgão da Empresa Caldas Júnior, editora do "Correio do Povo", Gastal, que já havia adotado o pseudônimo do Ecran, não teve dúvida, optou por Calvero, o personagem síntese de Chaplin em "Luzes da Ribalta".

Gastal fez parte da galeria de nomes que marcaram a trajetória do cinema no país, que ajudavam a entender o cinema como a arte do nosso século. Não nos referimos, aqui, a produtores e/ou diretores, mas a críticos, colunistas, pesquisadores, incentivadores, enfim, a todos aqueles que propugnaram por uma nova postura para o cinema, arte e indústria tão complexa. Talvez a tentativa pioneira do gênero, no Brasil, tenha sido com "O Fã", órgão do Chaplin Club.

A pleiade a que queremos nos referir é mais recente. Teve, entre outros, um Walter da Silveira, na Bahia; um Paulo Emilio Salles Gomes, no jornal "O Estado de São Paulo", na Cinemateca de São Paulo, na Universidade de Brasília; um Cosme Alves Neto, na Cinemateca do Rio de Janeiro; o Gastal, no Rio Grande do Sul. Eventualmente, alguns podiam atuar em outras frentes, como Alex Vianny, também diretor, autor da "Introdução ao Cinema Brasileiro" e de filmes (Agulha no Palheiro; Rua sem Sol; A Noiva da Cidade).

Não posso me furtar a um depoimento pessoal. Os primeiros contatos com Gastal foram em fins da década de quarenta. Iniciava-se, em Florianópolis, o movimento cultural que se tornaria conhecido como Grupo Sul. De repente alguém disse, vendo a indigência da programação nos cinemas, falta-nos um Clube de Cinema, a exemplo dos que surgiam pelo país. E outro alguém, diante do impasse, lembrou,

vamos apelar para o Gastal. Apelamos. Logo nos atendeu, orientou, ajudando a estruturar o clube e a selecionar os primeiros filmes. Só tempos depois fui conhecê-lo pessoalmente. E desde o primeiro momento, a impressão era a de sermos amigos desde crianças. Nunca mais deixamos de nos comunicar e/ou encontrar. Toda vez que ia a Porto Alegre (e durante anos ia muito, como correspondente de jornais gaúchos, colaborador do "Correio do Povo", para seminários de cultura, para a Feira do Livro), não deixava de procurá-lo. Conversávamos sobre tudo. Principalmente, claro, cinema, com a qual me envolvera, também uma das minhas paixões. O último encontro foi em 1994, durante a Feira do Livro. Visitei-o em casa, ele já adoentado, recebido por outra sua eterna paixão, a mulher Dinah. Fez questão de levar-me até o local onde estava seu enorme acervo, composto de livros em vários idiomas, revistas idem, boletins, recortes, fotos, depoimentos, inestimável documentação para o melhor conhecimento não só da história do nosso cinema. Por convênio com uma instituição (GBOEX), ele era o curador — e estava tentando colocar tudo em ordem, ciente da importância que aquilo teria para os aficcionados ou não. Ao nos despedirmos, sem imaginar que seria uma despedida final, saí com a convicção de que, tão importante quanto o acervo, era o próprio Gastal, humanista que nos atraía por sua sensibilidade e inteligência, sua simplicidade e companheirismo. Com sua morte neste ano, aos 74 anos (na mesma semana morria também o Cosme), perdemos um grande amigo e perde, por igual, a cultura brasileira uma grande figura.

Salim Miguel
jornalista

1994

012: Um festival e seu significado

MIGUEL, Salim. Um festival e seu significado. *Jornal da Fundação Franklin Cascaes*. Florianópolis, nov/dez 1996, p. 10 e 11. Folha da cultura.

Um festival e seu significado



Quíntuplos, do Grupo de Teatro do Ornitorrinco (SP), espetáculo convidado para a abertura do Festival

durante uma semana (26 de outubro a 02 de novembro) Florianópolis viveu e respirou teatro, transformando-se em um grande palco e na capital brasileira do teatro. Foi a quarta edição consecutiva do Festival Nacional de Teatro Isnard Azevedo, desta vez com mais de 40 espetáculos, entre grupos concorrentes e grupos convidados, vindos desde o Piauí, no Nordeste brasileiro, até Taquara, no Rio Grande do Sul. Procurando, cada vez mais, integrar-se no espírito do Mercosul, o Festival, a exemplo do ano de 1995, que trouxe grupos convidados da Argentina e do Chile, este ano repetiu a dose, com um grupo da Argentina.

abrangência

Os espetáculos não foram apenas em salas convencionais (Teatro Álvaro de Carvalho, bem no centro de Florianópolis) ou em espaços alternativos (teatrinho da Universidade Federal de Santa Catarina, Museu Cruz e Sousa, Teatro Amação, Fortaleza da Barra), mas também em ruas, praças, bairros, escadarias, largos, com a finalidade de se atingir a mais diversificada gama de público.

concorrentes

Havia três grupos de concorrentes (adulto, criança, de rua) em horários diversos: pela manhã, às 10 horas, para crianças; às 12h30 e 18h30 horas, de rua, em vários pontos da cidade; às 20h e às 22 horas, para adultos. Além disso foi mantida a Sessão Maldita, para os notívagos, que começava exatamente às 24 horas. Teve mais: pela primeira vez saía de Curitiba - Paraná, um ônibus teatro, que, durante toda a semana, percorreu escolas das comunidades do interior da Ilha. Crianças (e também adultos) se encantaram e vibraram com o fascínio do faz de conta. Pela primeira vez na vida, a maioria deles estava

tendo a oportunidade de se defrontar com aquela ficção (a verdade do palco), que se transformava, ali, pela magia da encenação, do palco, em realidade palpável, concreta.

parceria

Não só de espetáculos de palco se compõe um festival de teatro. O deste ano, promoção da Fundação Franklin Cascaes, órgão de Cultura da Prefeitura Municipal de Florianópolis, em parceria com a Fundação Catarinense de Cultura, do Governo do Estado de Santa Catarina, e apoio da iniciativa privada, teve bem mais. Os produtores culturais (e não só eles), tiveram ocasião de participar de oficinas, seminários, debates, palestras. Um exemplo: as oficinas foram sobre treinamento de atos, dinâmica de objetos, produção cultural, maquiagem de caracterização. Os debates, coordenados por um especialista, sobre aspectos das encenações, com a presença dos diretores, atores, técnicos, etc.

consolidação

O projeto está consolidado — e deseja-se que tenha continuidade, pois já é uma exigência não só dos produtores culturais, em especial do setor teatral, mas de toda a comunidade.

Isto possibilitou colocar Florianópolis no centro das discussões sobre a produção teatral no Brasil, com extensão para os países da América Latina. Foi também um alerta para a valorização do teatro e sua importância como lazer e conhecimento.

Com esta quarta edição (a primeira foi em 1993), o Festival propiciou a apresentação de mais de 100 grupos, entre os quase 500 inscritos para a mostra competitiva, grupos de quase todos os Estados brasileiros, incentivou a criação de novos grupos, ampliou os debates, mostrou inclusive o que está sendo feito em outros países da nossa América.



Quintuplos, do Grupo de Teatro do Ornitorrinco (C)

divisão

O Festival é dividido em duas partes distintas: competitiva e convidados. Abertura e encerramento são, sempre, com grupos convidados. O de 1996 teve a abertura com o Teatro do Ornitorrinco, de São Paulo. A peça foi *Quintuplos*, de Luiz Rafael Sanchez, onde dois atores se transformam em cinco, para narrar a hilariante história de cinco gêmeos. O encerramento teve dois espetáculos: pela manhã, para crianças, com o grupo de teatro de bonecos de Porto Alegre / RGS, intitulado *A Caixa do Elefante*, que apresentou *Histórias da Carrocinha*; à noite foi a vez do grupo argentino La Academia del Rebusque, com a adaptação do texto de Maquiavel, *El Verso de la Mandrágora*. O Festival teve a coordenação da atriz Lucy Mendes e colaboração de toda a equipe da FFC.

premiação

São três prêmios para os melhores espetáculos, divididos em duas categorias: comissão julgadora e voto popular. O espetáculo para crianças *A Inacreditável História de Marco Polo e sua Exuberante Viagem ao Oriente*, do Núcleo de Teatro para a Infância (RJ), foi premiado por ambas as comissões. *É Absolutamente Certo Que Quem Sabe Talvez Ele Venha*, de Taquara (RS), foi considerado melhor espetáculo adulto pela comissão julgadora e *Teleco*, do grupo A3 (SP), pelo voto popular. Entre os espetáculos de rua, *Independência ou Morte*, de Porto Alegre (RS) foi eleito melhor espetáculo pela comissão julgadora e *Tem de Tudo Nesta Rua*, do Teatro Atrás do Pano (Belo Horizonte - MG),



É Absolutamente Certo Que Quem Sabe Talvez Ele Venha, de Taquara (RS), vencedora da mostra adulta

ival e ficado



P). espetáculo convidado para a abertura do Festival

pelo voto popular. Além disto foram premiados os melhores atores, atrizes, direção, cenário, iluminação, sonoplastia, etc.

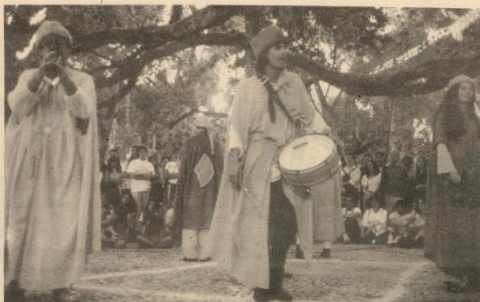
inspiração

O nome do festival (Isnard Azevedo) é uma homenagem ao ator, produtor e diretor, que realizou a primeira mostra orgânica de teatro em Florianópolis. Criador do grupo teatral O Dromedário Loquaz, colocou em prática idéias renovadoras, com uma nova postura sobre cenografia, iluminação, sonoplastia, interpretação, dramaturgia. Falecido prematuramente, Azevedo foi influenciado por nomes como Grotowski e Brecht. Para os que o conheceram e com ele trabalharam, e a quem Isnard marcou profundamente, "ainda não se tem uma idéia exata do que ele representou, seu trabalho continua em aberto, esperando um estudo aprofundado de sua vida e obra e de sua influência no fazer teatral".

permanência

Convidados de outros Estados, comissões de seleção e premiação, oficinairos, debatedores, produtores culturais, simples espectadores, todos são unânimes: o Festival já é, em seu gênero, um dos mais importantes do Brasil, e tende a crescer e se aperfeiçoar a cada ano. Sua permanência é vital. Com festivais como este, o teatro mantém viva sua chama, atuando na sociedade e enriquecendo-a.

Salim Miguel
jornalista, escritor



Independência ou Morte, vencedora da mostra de rua



Silêncio, Estamos Trabalhando, de Curitiba, participante da mostra de rua



Romina Boemer, do espetáculo Teleco (SP), levou o prêmio de melhor atriz



Dudu Sangroni recebendo um dos muitos prêmios pelo espetáculo As Incríveis Aventuras de Marco Polo

HASSIS E O SONHO

SALIM MIGUEL

Para falar de Hassis, pintor e amigo, necessito recuar até 1948. Jovens de diversos estratos sociais e diferentes procedências se encontram em Florianópolis, conversam, discutem, querem, para usar uma expressão muito grata ao Hassis, “irritar a lha”. Acabam criando o Círculo de Arte Moderna, que se tornaria conhecido, por causa da Revista, como Grupo Sul. Certo dia o Aníbal Nunes Pires, um dos fundadores do Grupo, me procura, acompanhado de outro jovem, e diz: “Querias alguém para ilustrar teu conto, está aqui o Hiedy.” Mais tarde o Hiedy de Assis Corrêa se transformaria no pintor Hassis e ficaríamos sabendo que chegáramos a Santa Catarina no mesmo ano de 1928, ele com dois anos, vindo do Paraná, e eu com quatro, vindo do Líbano.

No número 5 da revista Sul, lá estava meu conto “Noturno”, com uma sensível e criativa ilustração do Hiedy.

Nunca mais perdemos contato e acompanhei, com crescente entusiasmo, toda a trajetória de um artista versátil, eterno insatisfeito. Quando certa feita lhe perguntei porque ele não se detinha numa determinada linha de trabalho artístico que estava dando certo, ele retrucou: “Exatamente por isto, porque quero continuar pesquisando, mesmo que a próxima fase seja menos conhecida.”

Em duas ocasiões escrevi sobre a obra de Hassis. Com o título “Hassis e a magia do circo”, me manifestei sobre seu magnífico álbum *Respeitável público*, e, em 1997, na apresentação de sua mostra na galeria do Badesc, não precisei quebrar cabeça para encontrar o título, “Hassis, uno e múltiplo”. Pois existe o Hassis muralista, o marinista, o dos temas folclóricos, o das colagens sobre a guerra, o da Crucificação, o do Contestado, o desenhista e caricaturista. Sem esquecer o incansável colecionador, e não temo afirmar que, sem seu fabuloso acervo, Adalice Araújo teria tido maior dificuldade para escrever seu livro *Mito e magia na arte catarinense*.



Desenho de Hassis retratando o escritor Salim Miguel

As lembranças são muitas, mas me limito a dois episódios. 1) Hassis leva, para que Eglê e eu vissemos, quase oito horas de vídeo, documentando minuciosamente seu processo de criação. Entusiasmados, sugerimos que procurasse o cineasta Zeca Pires para que ele preparasse uma edição a ser veiculada pela TV Educativa. 2) À frente da Fundação Franklin Cascaes, eu havia iniciado um projeto de painéis em muros e paredes da cidade, pintados por jovens artistas. Um dia me aparece o Hassis na Fundação e vai logo dizendo: “Que amigo, começas um projeto destes e não me convidas!” E eu: “Hassis, claro que pensei em ti, mas recuei por dois motivos, quero revelar novos artistas e o que posso pagar é simbólico.” E ele, de pronto: “Sabes que sou sempre um artista novo e quero participar, pode ser até de graça.” Participou, lá está até hoje, no muro de um estacionamento da rua Bocaiúva, seu sugestivo painel, com um tema muito nosso.

Madrugada de 20 de janeiro. Não sei se estou sonhando ou acordado. Na véspera, eu falara com a Nazle, mulher do Hassis. Ela estava animada, depois de 19 dias hospitalizado devido a um enfarto, o marido tivera alta. Eu disse de nossa alegria e que, no dia seguinte, se fosse possível, falaria com ele.

Nesta madrugada encontro-me num velho prédio de dois andares, esquina da Praça XV com a Felipe Schmidt. Entro numa sala onde se montava uma exposição, quadros ainda amontoados, duas pessoas discutindo. Nítido, só tenho diante de mim uma tela de cerca de metro e meio de altura por sessenta centímetros de largura. Toda ela repleta da letra A, grande, média, pequena, minúscula, reta, torta, redonda, enviesada, de cabeça para baixo, para os lados, para cima, por vezes lembrando um U, em outras um H. Os dois homens discutiam, eu fazia questão absoluta do quadro em lugar de destaque e o outro não concordava.

Pelas 7 horas, estremunhado, ouço o telefone. É o Adolfo Boos Jr., pedindo para falar com a Eglê. Ao ouvir: “Não, que tristeza!”, não tenho dúvida, o Hassis morreu.

O que disse no catálogo, em 1997, continua válido: “Por sua obra em constante processo, por sua inquietação, pela pesquisa de novas formas expressivas, pela garra na defesa de sua proposta do fazer artístico e, principalmente, por aquilo que é sua marca inconfundível: a permanente insatisfação com o já alcançado.”

Hassis foi, e continuará sendo, um dos nossos mais representativos artistas plásticos. Ao mesmo tempo em que lamento a interrupção de uma amizade de 52 anos, não tenho dúvidas de que sua obra permanecerá.

Salim Miguel é escritor e jornalista.

Ricardo Ramos

Salim Miguel

A última imagem que retive de Ricardo Ramos, cansado mas cheio de vida, de planos, de humor, de alegria, foi no saguão de um hotel, julho do ano passado, em São Paulo. Eglê e eu tínhamos participado do Seminário de Literatura Brasileira, promoção da Bienal Nestlé. Nessa manhã do dia seguinte ao encerramento, nos preparávamos para partir. Ao nos despedirmos, não conseguimos concluir assuntos pendentes. Do que me lembro é dele, todo entusiasmo, falando do livro, bastante adiantado, sobre seu pai, e das comemorações do centenário de nascimento de Graciliano Ramos, que transcorre este ano.

Tento coordenar as idéias. Relembrar como e quando o conheci, os múltiplos encontros: no Congresso Brasileiro de Escritores em São Paulo, ele lutando por clareza e objetividade na Carta; nas bienais, sempre com projetos novos; em Portugal, quando através dele e de Heloísa, sua mãe, viúva de Graciliano, conseguimos conversar com Miguel Torga; em Ilhéus, durante os festejos dos 70 anos de Adonias Filho; em Florianópolis, onde graças a ele (e ao Iraty) se realizou, na Universidade Federal, com a presença de nomes importantes e um grande público, o Seminário Nacional de Poesia. O projeto mais imediato era a organização das comemorações de mestre Graça. Sabendo que eu gostaria de participar, disse Ricardo: "vamos nos comunicar logo."

Desde nosso primeiro encontro, já distante no tempo, nos tratamos como velhos amigos. Pertencíamos à mesma geração. Mas uma coisa não me parece fácil explicar: ele (pelo menos exteriormente) a extroversão em pessoa - eu a introversão. Talvez exatamente por isso...

Eu conhecera seu pai, tivera com Graciliano alguns contatos, admirava profundamente (mas meio temeroso) o homem e o escritor. Já com Ricardo a admiração pelo escritor se fundia à camaradagem. E pensava comigo que não devia ter sido fácil, para um candidato a escritor, ser filho do autor de *Vidas Secas* e outras obras-primas. Ricardo tudo superou e soube traçar sua trajetória como homem e como intelectual, deixando um recado estético e humano plenamente válidos. Contista, romancista, professor, publicitário, animador cultural, em tudo deixou a impregnação de sua forte personalidade, marcando os que com ele conviveram. Sensível e irônico, sabia ser firme em suas decisões.

Foi com certo receio que li os dois primeiros livros de Ricardo (*Tempo de espera*, 1954 e *Terno de Reis*, 1957). Logo percebi o pulso de um autêntico ficcionista, que com seus outros livros adquiriu o respeito da crítica mais responsável e dos leitores. Resenhando em 1980 *Os inventores estão vivos*, eu dizia: "Ficcionista que publica agora seu oitavo livro, o A. reafirma, aqui, sua força criadora e seu domínio da linguagem, da técnica narrativa. São onze histórias que abordam dois temas: o viver desvivendo na megalópole e o mundo da infância." Mais adiante: "E por todo o livro, nem ao menos uma palavra altissonante. Linguagem enxuta, frases escorreitas, poucos adjetivos, vocabulário exato. Mas, no fim, fica-nos um soco no estômago e um grito nos ouvidos."

Por uma trágica coincidência, Ricardo morreu quase com a mesma idade do pai (Graciliano 61, ele 63) e no mesmo dia do mês em que havia morrido o autor de *Angústia*. Para mim, a notícia foi um impacto difícil de aceitar. Ela me pegou na praia, num dia de sol esplendente, através de outro amigo, Iraty Ramos (que não era parente de Ricardo, mas o chamava carinhosamente de tio). O telefone toca, atendo, reconheço a voz, que pergunta como estou, digo que bem, e você, também, sinto algo estranho no tom, como sempre que nos comunicamos pergunto "e o nosso Ricardo", e Iraty: melhor do que nós; e eu, por quê? e ele, com a voz embargada: morreu. Por um tempo, tomados pela emoção, não conseguimos continuar a conversa.

PM

015: Apresentação do livro As Famílias, de Adolfo Boos Jr

MIGUEL, Salim. Apresentação do livro As Famílias, de Adolfo Boos Jr.. Tribuna da Fronteira. Rio Negro/Mafra, 26 fev. 1993.

Apresentação do livro As Famílias, de Adolfo Boos Jr.

Salim Miguel

As Famílias, com seu mundo sombrio e sua força narrativa, é a confirmação do talento de Adolfo Boos Jr. e da persistência (no trabalho) de um autor que acredita que arte é dez por cento de inspiração e noventa por cento de transpiração. Dono de uma linguagem própria e bastante peculiar, Boos já tem um lugar definido entre os mais expressivos contistas modernos brasileiros.

Diante disto, arrebatado por unanimidade o prêmio Virgílio Várzea, de contos, da Fundação Catarinense de Cultura, não causa surpresa a quem o conhece.

Anote-se que com as exceções de nomes do passado (um Virgílio Várzea, um Tito Carvalho, um Othon Gama D'Eça), a trajetória da ficção, em Santa Catarina, pode ser rastreada a partir do aparecimento do Grupo SUL, que direta ou indiretamente influenciou as novas gerações. E é dentro desta perspectiva que se vem situar a arte de Adolfo Boos Jr. (ou A. Boos Jr., como começou assinando seus trabalhos), que teve seus primeiros contos publicados na revista SUL, e cujo primeiro livro — e até agora único — Teodora & Cia., apareceu igualmente pelas Edições Sul.

Mais de vinte anos passados, o livro mantém aquele frescor e aquela pureza (não isenta de amargos e de uma visão crítica da vida) de um primeiro trabalho, até mesmo com as naturais indecisões. E conserva intactas algumas das qualidades que tornaram seu autor não apenas uma promessa, porém uma das mais gratas revelações da ficção catarinense na década de 50.

Contos como "Teodora" ou "O Dia do Juízo", "Em Surdina" ou "A Noite", por exemplo, permanecem plenamente válidos, pelo tema e pelo tratamento, mostram a "queda" de Boos para o gênero, suas potencialidades como escritor que já começava a conhecer e dominar seu instrumento de trabalho, a plasticidade que identifica seu narrar. Introspecção e humor marcavam a literatura de Boos. E se nela, de maneira geral, o psicológico já predominava, há sempre uma preocupação com o social. Também algumas influências podem ser detectadas. Em contos como "Teodora" nota-se o leitor atento de Graciliano Ramos. O que não é demérito para ninguém.

Depois do livro, e de boa receptividade, uma pádua brusa e inesperada, Boos sumira do território das letras. Nada mais publicado. Certamente devia

continuar lendo muito, estudando, vivendo, aprofundando-se na teoria do fato literário e na análise do bicho-homem; mas certamente ainda continuava escrevendo (pois o vírus se infiltrara nele — e é impossível uma pessoa livrar-se da maldição do escrever). Mas a ninguém mostrava seus originais. Muito menos aceitava discutir a possibilidade de publicá-los. Negava mesmo tê-los.

De repente, da mesma forma que sumira, Boos retornou. Numa antologia (Assim Escrevem Os Catarinenses) e nas revistas Ficção e Status.

Estes três contos revelam não só o mesmo observador atento e interessado, tendo o que dizer e sabendo como dizê-lo, mas um crescente domínio da técnica narrativa. Na briga para domar a palavra ele atinge o tom justo, a medida exata, indo até o mais profundo da psique humana e investigando-a exaustivamente.

Embora seus contos sejam mais de clima, de situações estanques, de localizações indefinidas do que de ação e determinações geográficas precisas, há sempre a permanência de alguns elementos conhecidos e ambientes identificadores (tanto no interior da Bahia como nas praias de Florianópolis, ou ainda na maneira das personagens se colocarem diante de tudo que as cerca) e uma luta surda que se desenrola também no interior dessas mesmas personagens.

É o que ocorre, em dimensões abrangentes, neste As Famílias. Seja no tríptico inicial "Os Retratos" (a nosso ver a parte mais harmoniosa do livro, de grande impacto emocional), seja nos dois contos sugestivamente intitulados "As Manhãs de Antiga-mente": 1 — Um Mar de Enchovas; e 2 — Uma Canoa, Dois Galos, Uma Cabra"; ou nos contos finais de "Outras Histórias", inventiva e dramaticidade se fundem, sendo todo o livro um mergulho profundo nas angústias e contradições do ser humano, suas perplexidades e seus desalentos, sua solidão e sua amargura — sem esquecer a problemática social que a tudo envolve.

Ao abordar o mundo altamente dramático da velhice e da deterioração, com suas mazelas e dores, seus desencontros e desencantos, o Autor o faz com extrema pertinência e com refinada sensibilidade, captando o instante exato em que as pessoas se apercebem de sua total fragilidade e da inutilidade de tudo.

A linguagem é densa, contida, elaborada, carregada de símbolos. Boos pesa cada palavra, avalia-a, buscando seu significado mais íntimo, procurando criá-la para nos transmitir a visão multifacetada de seu universo.

No tríptico de abertura, "Os Retratos", composto de "Requinta: Um; A Noiva; Requinta: Dois", temos a imagem fragmentada e reconstituída de três seres em final de caminhada (o que é uma das constantes do livro). E se cada um dos contos é uma peça autônoma e independente, com vida própria, os três juntos, com suas sugestões e recorrências, seus entre-tons, adquirem dimensão maior. Se interligam pelo tema, pelo clima, pela justaposição de uma palavra ou imagem-chave; se complementam e fecham com absoluta precisão, criando três retratos de inulgar amplitude analítica e humana e de um impacto emocional e artístico raramente alcançado na moderna prosa brasileira.

Para sua fruição completa, o livro é um desafio ao leitor. Não é um livro fácil, digestivo, que se entregue a uma primeira e superficial leitura. Pelo contrário. Requer participação do leitor para que sejam capturadas todas as suas intenções. Exige releitura para a apreensão de todas as suas ambiguidades. E lembra, por vezes, o tratamento de um Adonias Filho, especialmente no volume As Velhas. Ou então, um autor que quase certamente Boos não conhece: o hispano-americano José Donoso, com seu impressivo e angustiante O Obscuro Pássaro da Noite. Mas a possível ressonância de tais autores não diminui em nada o mérito deste As Famílias.

016: Gilberto Mendonça Teles: diversidade e unidade

MIGUEL, Salim. Gilberto Mendonça Teles: diversidade e unidade. *O Escritor*. Brasília, out. 2003, n. 105, p. 5.

Gilberto Mendonça Teles: diversidade e unidade

Salim Miguel

Não é nada fácil dis-
correr sobre a
multifacetada trajetó-
ria de Gilberto Men-
donça Teles. Ainda que
não seja os trezentos,
trezentos e cinquenta
de que nos fala Mário
de Andrade em seu
poema, existem, sem qualquer sombra de
dúvida, vários Gilberto. Poeta, professor,
crítico, ensaísta, pesquisador do fato lite-
rário, antologista, conferencista, parceiro
em numerosas coleções, incentivador de
jovens, eis aí algumas, sem serem todas,
as facetas de sua vida e obra. Sensível, cul-
to, apaixonado por tudo que faz, dedica-se
com empenho tanto a um poema, como a
uma crítica ou pesquisa.



A propósito de sua trajetória e de sua
coerência, aproprio-me do título de um
ensaio de Jacinto do Prado Coelho sobre
Fernando Pessoa: *Diversidade e Unidade*.

No pós-guerra (1939-45), jovens por todo
o país, ansiosos por se manifestar, busca-
vam abrir espaço nos meios de comunica-
ção. Os jornais e revistas eram bem mais
numerosos e não se mostrava difícil ter um
poema, uma crônica, um conto em letra de
forma. Ainda assim era insuficiente; daí
partirem para suas próprias publicações. Em
Goiânia e em Florianópolis não foi diferen-
te. Logo os jovens estavam intercambiando
suas publicações e foi assim que, entre
outros, tomamos conhecimento das
primícias de um Bernardo Élis e um Eli
Brasiliense. Porém não me lembro de qual-
quer texto do Gilberto.

Em 1954, participei do Congresso de In-
tellectuais, realizado em Goiânia e fiquei
conhecendo a maioria de seus escritores,
velhos, bem jovens, menos jovens. Não Gil-
berto, ainda que ele certamente já devesse
mostrar seus originais para outros jovens,
como era comum na época e até mesmo
publicá-los, pois no ano seguinte, 1955,
aparecia seu livro de estréia: *Alvorada*. Em
1956, novo livro: *Estrela-d'Alva*. E Gilberto
não parou mais de publicar. Como sói acon-
tecer em tais casos, e continua acontecen-
do em nossos dias, edição local, que deve
ter ficado restrita à região. Examinado à
distância, pode-se perceber que, neste pri-
meiro livro, está presente aquilo que mar-
caria a obra poética de Gilberto Mendonça
Teles e a sua constante experimentação
formal no trato com a coisa poética, sem

se desviar de sua proposta: lirismo, sensu-
alidade, morte, humor, amor. No trecho a
seguir, de um poema deste primeiro livro,
pode-se anotar o leitor de Cruz e Sousa:
"[...] Soltaí as vossas asas rorejadas/ de
ânsias, desilusões e desventuras/ e volitai
nas siderais alturas/ de esperanças e so-
nhos estreladas./ Rompei as brancas túni-
cas das eras,/ e dos seios ignotos das esfe-
ras,/ e dos lúcidos astros de granito [...]",
do soneto "Eternidade".

Não foi com estes dois primeiros livros
que tomei conhecimento do poeta, só fui
lê-los mais tarde, no volume *Hora Aberta*,
reunindo sua obra poética.

Por mais que me esforce, impossível pre-
cisar o momento exato em que, pela pri-
meira vez, li um texto dele. Sei, com certe-
za, que foi um poema, e deve ter sido no
jornal *O Popular*, de Goiânia, que dedicava
razoável espaço à literatura, como era de
praxe naqueles tempos.

Quando tive em mãos um livro do Gilber-
to, *A Raiz da Fala*, de 1972, ele já havia
publicado vários e tinha um lugar definido
na poesia brasileira. Por essa época vim a
conhecê-lo. A respeito de sua poesia,
Drummond já dissera num poema: "Mostrar
- com um ou com dois eles/ no nome - que
ciência e poesia/ em Gilberto Mendonça
Teles/ são acordes de uma harmonia". E
Fábio Lucas dizia: "Competente coleciona-
dor de palavras, desbravador de horizontes
metafísicos, em cujo livro *Sintaxe Invisí-
vel*, a infância e a morte balizam um imen-
so domínio de emoção poética". Em *A Raiz
da Fala* temos um poeta maduro, dono de
seu peculiar fazer poético. Paralelamente
ia se tornando conhecido e admirado como
professor e crítico.

Gilberto nasceu a 30 de junho de 1931,
em Bela Vista de Goiás, Estado de Goiás.
Fez seus estudos em Goiânia, onde se for-
mou em Letras Neolatinas na Faculdade
de Filosofia da Universidade Católica de
Goiás e em Direito, na Universidade Fede-
ral do mesmo Estado. Fez especializa-
ção na Universidade de Coimbra e douto-
rou-se na PUC do Rio Grande do Sul. Ini-
ciou as atividades profissionais em
Goiânia. Na segunda metade dos anos 60
já se encontrava em Montevidéu onde, em
1969, foi atingido pelo AI-5. Ao contrá-
rio de outros brasileiros, que se exilaram
em diferentes países, ele optou por
retornar ao Brasil, radicando-se no Rio
de Janeiro. Foi professor na Universida-
de Federal Fluminense e na Universidade
Federal do Rio de Janeiro. Recebeu nu-
merosas condecorações e prêmios, sendo

o primeiro em 1955, da UBE de Goiás,
pela publicação de *Alvorada*; em 1967,
foi homenageado pela Asociación Estu-
dantil Brasil-Uruguay, em Montevidéu; Em
1987, foi condecorado pelo Governo de
Portugal com a Ordem do Infante Dom
Henrique, no Grau de Comendador; em
1998, em Santa Catarina, recebeu a Me-
dalha de Mérito Cruz e Sousa do Governo
Estadual. Dos prêmios recebidos, desta-
ca-se o Machado de Assis, da Academia
Brasileira de Letras, pelo conjunto de
obra, em 1989.

Seu currículo é extremamente extenso e
sua bibliografia ativa e passiva também.
Sua fortuna crítica, em livro, começa com
O Poeta da Linguagem, de José Fernandes,
em 1983. O mais recente é *Uma Leitura por
Goiás: A Sa(o)ciologia de Gilberto Mendonça
Teles*, de Carmelita de Mello Rossi, em
2002. Isso nos leva a outra constante na
escrita do autor, o jogo e o brincar com as
palavras que está presente, até mesmo, em
títulos de livros, como: *Sociologia Goiana*,
de 1982, e *Falavra*, de 1989.

Dissemos acima que são muitos os Gil-
berto Mendonça Teles e que não seria fá-
cil nos manifestarmos a respeito de todos
eles. Por isso nos limitamos a breves anota-
ções e a falar mais do poeta, pois cre-
mos que nele se sintetizam todos os ou-
tros. Como crítico e ensaísta ele vai até o
mais profundo da proposta do autor ana-
lisado, tanto num livro de poesia como de
contos, romances ou outro gênero qual-
quer. Livros seus foram publicados em vá-
rios países; ele tem a clara visão de que é
tão importante editar um livro na Espanha
(*Casa de Vidrio*, Luso-espanhola de
edición, 1999), na França (*L'Animal*,
L'Harmattan, 1990), Portugal (*Falavra*,
Dinalivros, 1989), como em Joinville (*Áli-
bis*, Sucesso Pocket, 2000).

Outra faceta de sua preocupação é o fato
de se deter, com igual acuidade, buscando
resgatar a visão íntima do autor, seja no
livro de um poeta ou contista novo, como
na análise de um Drummond ou Camões.

Falei, principalmente, do poeta, mas não
poderia deixar de me referir ao professor
que, em várias partes do país e do exteri-
or, ajudou a formar gerações, e ao crítico
e ensaísta com textos modelares, em es-
pecial, *Vanguarda Européia e Modernismo
Brasileiro: Apresentação e Crítica dos Prin-
cipais Manifestos Vanguardistas*, Editora
Vozes, 1976, hoje um clássico no gênero.
Devo também citar *Camões e a Poesia Bra-
sileira*, Imprensa Nacional - Casa da Mo-
eda (Lisboa), 2000, *Estudos de Poesia Bra-*

sileira, Almedina (Coimbra), 1985 e
Contramargem: Estudos de Literatura, PUC-
Rio/Loyola, 2002. A nova e ampliada edi-
ção de *Hora Aberta: Poemas Reunidos*,
Editora Vozes, 2002, nos dá uma visão da
importância poética de Gilberto Mendon-
ça Teles.

Teria muito mais a dizer a respeito da
vida e obra de Gilberto, mas força é con-
cluir, e o faço transcrevendo trechos de um
texto do também poeta, ensaísta e tradu-
tor Ivan Junqueira que soube, como pou-
cos, avaliar o homem e o artista:

"Qualificar de importantíssimo (ou, tal-
vez, em certo sentido, talvez mesmo crucial)
o lançamento [...] de *Retórica do Silêncio*
seria ainda muito pouco para o que mere-
cem a argúcia, a proficiência e a acuidade
crítica deste admirável poeta e ensaísta que
é Gilberto Mendonça Teles. [...] Obra de se
ler, reler e de com ela muito aprender. A
Retórica do Silêncio releva por seu texto
fluyente e conciso, pela modernidade dos
temas que versa, pela organicidade de seu
desenvolvimento expositivo [...], pela pers-
pectiva sempre lúcida e equidistante do
autor, pela extrema pertinência do leque
de propostas e indagações que nos abre,
por sua erudição jamais pernóstica e, afi-
nal, por um didatismo que, longe de enfiar
o leitor, docemente o intima à reflexão e
ao convívio com algumas das mais agudas
e ainda controversas questões da literatura
brasileira, particularmente as que se irradia-
am do modernismo."

Contudo, não posso me furtar à transcri-
ção de um excerto de um poema de seu
livro publicado em 2000, em Joinville, com
o sugestivo título de *Álibi*: "Quando desejo
fortemente/ uma mulher iniludível,/ ouço
primeiro alguns conselhos/ do Opó-rapá-
cupú-lopó.// Depois invento um assobio/
sibilino,/ pio ou psiu:/ logo uma virgem
me acompanha/ ao ponto extremo da lin-
guagem.// Do contrário não haveria/ ou-
tro lugar para os meus álibis,/ nem a mu-
lher irresistível/ se deitaria assim num ana-
grama."

Em *Contramargem*-2002, seu mais recen-
te livro, defrontamo-nos com o crítico aten-
to e percutiente que usa suas ferramentas
tanto para examinar os poemas de Ledo Ivo,
a prosa de Machado, a obra vária de Oswald
de Andrade como os problemas das edito-
ras universitárias e sua importância para a
divulgação do livro. Coerente com sua his-
tória e tradição, a UBE e a Folha atribuem
o Troféu Juca Pato- Intelectual do Ano a
um intelectual combativo, atento aos pro-
blemas de sua gente e sua época. □

017: Uma ponte com a Europa

MIGUEL, Salim. Uma ponte com a Europa. **Folha da Lagoa**. Lagoa da Lagoa, 30 set. 1996, ano 1, n.1, p. 2.

Opinião

Uma Ponte com a Europa

SALIM MIGUEL

O CD *ponte pensil*, produzido pelo músico Airton Perro-ne, lançado com sucesso dia 18 em bar da Lagoa, me fez recuar no tempo. 1988. Eu dirigia a Editora da UFSC. Air-to era capista e ajudava na produção editorial. Um dia chega-se a minha mesa, diz: Decidi, vou mesmo para Lon-dres. E eu: por que? E ele: aventurar. E eu: no que? E ele:

começo, como tantos outros, lavando prato em restaurante; ganho mais uns trocados com meu violão pelas ruas londri-nas. E eu: besteira, rapaz. E ele: é pra valer. Pensei demo-vê-lo. Reconsidere: afinal, só bem jovem se deve partir para a descoberta do mundo. E o que eu queria era não perder o capista e o quebra-galho da editora.

Foi. Mas a Ilha tem um es-tranho fascínio, uma inexpli-cável magia. Dela ninguém se desgruda para sempre. Início deste ano o Airton aparece na Fundação Fraklin Cascaes. Eu sabia que ele pouco tra-balhara como lavador de pratos. Circulou pelas Euro-pas. Depois, casado com uma suíça, se estabeleceu em Zu-rich.

Me disse: com outros dois músicos da terra, preparo um CD. Tens como ajudar? E eu: pouco, sim. A Fundação

apóia tudo que diga respeito à Ilha. Creio que o pouco contribuiu para que nossos músicos concluíssem o CD, gravado entre Zurich e Lon-dres. E que depois de Flori-pa, numa espécie de ponte musical, será lançado, ainda este ano, naquelas duas ca-pitais.

O escritor Salim Miguel é superintendente da Fundação Franklin Cascaes.

Na mesma trama, vários fios

SALIM MIGUEL

Através de uma típica família de imigrantes, vivendo em área de colonização italiana no Rio Grande do Sul, a história de Sérgio Capparelli, "Gaspar e a linha Dnieperpetrovski" (Editora L&PM), vai se construindo. Temos bem marcado o cotidiano daquelas vidas, até o surpreendente final. No entanto, o que se lê não é apenas a trajetória de uma família; é muito mais: um retrato pertinente de determinado momento, na pequena comunidade, durante o ano de 1942; e nela os reflexos da guerra mundial. Espécie de microcosmo que reflete o macrocosmo.

O fio condutor da trama pode ser Gaspar Hauser, retardado mental, com sua peculiar visão de mundo; ou o pai, a mãe, a irmã Beatriz, a pequena Mariana, a prima Agnes, o tio com seu jornal anarquista, até o cachorro Fuligem ou o cavalo Nero; e, ainda, Pierre Menard, que ausculta os fatos, e ao escrever antecipa-os, até que tudo lhe foge das mãos, a ponto de ele mesmo se perder no que elabora, dizendo ao concluir: "também fui inventado para contá-la".

De que maneira nos chega a tragicomédia de Gaspar e os seus; de que modo tomamos conhecimento da hecatombe no velho mundo e da luta que se trava entre os Aliados e as forças do Eixo; qual o entrelaçamento com que ocorre na região gaúcha; como o A. fecha as pontas da meada? A família de Gaspar tem pequena extensão de terra, igual a tantos outros imigrantes, que se encontra hipotecada; o pai batalha para retirar do solo árido o sustento dos seus e, se possível, alguma sobra com que vá amortizando a dívida. Mas forças estranhas interferem. O governo Vargas, depois do namoro com a Alema-

nha, se volta para os Aliados. Melhor: os Estados Unidos. Quer ajudar no esforço de guerra, quer extrair álcool combustível da mandioca. É então que homens, não interessados no esforço de guerra, mas ambicionando passar as terras para a companhia de Álcool-motor, usam do artifício para pressionar os descendentes de italianos. Pouco importa, no caso, se os mesmos são adeptos do Eixo, se indiferentes, ou adversários do regime de Mussolini e Hitler.

Tudo isto nos chega de forma nuançada. Excelente construtor de situações e personagens, observador atento, criador de diálogos que fluem e complementam o andamento da narrativa (veja-se, por exemplo, os fantásticos diálogos entre Gaspar e o cavalo Nero), Capparelli, que já era (re) conhecido por seus textos para o público infanto-juvenil, acrescenta à sua bibliografia esta obra envolvente, no momento em que se completam 50 anos do fim da guerra. E não teme deixar-se levar pela emoção (e pitadas de humor) que perpassa todo o livro. Nem retomar, sob outra perspectiva, alguém que realmente existiu (Gaspar Hauser, tema do filme de Werner Herzog), ou tomar de empréstimo um personagem ficcional de Jorge Luís Borges, e por intermédio dele, Pierre Menard, tecer a estrutura romanesca. Capparelli vai além. Menard, personagem calcado em outro personagem, acaba num processo de meta-literatura, por se transformar em alter-ego do próprio autor. E por igual, a metáfora do título serve também para a proposta do romance, já que da mesma forma como a linha Dnieperpetrovski atalhou a caminhada de Hitler em terra soviética, a resistência dos colonos atalha os grileiros que queriam se apossar das terras dos imigrantes.

019: O poder da palavra em nova dimensão

MIGUEL, Salim. O poder da palavra em nova dimensão. [s.l.], 1986. Leitura/critica.

SALIM MIGUEL

O Poder da Palavra em Nova Dimensão



É através de um singular e fascinante estratagem, de um artifício ficcional, que o mineiro gaúcho Donald Schulz estrutura e desenvolve sua mais recente novela *Faustino*, publicada pela Editora Mercado Aberto PA, na Série Novelas, dando assim continuidade à sua importante e diversificada obra de professor, crítico, ensaísta, ficcionista.

De que maneira tudo isto se realiza? Quais os elementos de que o Autor se utiliza? Parece-nos indubitável que todos os Donalds nele contidos se interpenetram e complementam, uns influenciando e motivando a atividade dos outros. Estarão presentes na construção de sua trama em *Faustino*? Será que existem elementos que permitam inserir esta novela nas que ele já publicou? Parece-nos que sim. Basta um simples confronto. Mas não é momento para nos determos numa análise que englobe os trabalhos anteriores. Queremos apenas aqui anotar o fato, chamando para ele a atenção dos estudiosos do fenômeno da criação literária. E aproveitar para fazer algumas considerações a propósito deste insólito e tão infasto *Faustino*.

Tomemos, como ponto de partida, a compulsiva Hortência. Ela sente necessidade de extravasar, de jogar para fora, e o faz de forma tumultuada e caótica, tudo que a inquietar e tortura e que ela acredita (ou se esforça por acreditar) ser consequência direta do seu tenso relacionamento com o marido. Até pode ser. Cabe ao leitor atentar para o

que lhe está sendo transmitido, examinar, avaliar, duvidar ou aceitar, concluir.

Como em toda obra de arte que se preze, Donald Schulz deixa mais entrever do que revelar, insiste em sugerir em lugar de afirmar, temos mais o implícito do que o explícito.

Mas existe também nela, nessa Hortência que narra na primeira pessoa (e nem por outro motivo tem o nome de um arbusto que também é flor, uma flor composta de numerosos filamentos até se transformar no que é), um componente de ambigüidade, e entreabrindo-se entrefechando-se simultaneamente para si mesma e para os outros.

Hortência dirige-se a uma interlocutora que só ouve, que não tem (ou quase não tem) como interagir, que bem pode ser (como nos quer induzir a aceitar o Autor) a amiga Serafina, mas que, aos poucos, num processo de transferência, acaba de modo subreptício por se transmutar no leitor, fazendo-o partícipe da trama. É todo um jogo lúdico armado com precisão.

E é aí, fragmentariamente, que se vai construindo destruindo a figura do protagonista Faustino. É do universo que o cerca.

Anoto a frase e paro. Penso. Respondo. Avanço. Recuo. Releio o que escrevi. Volto ao livro. Examinamos uma frase e outra, um trecho aqui ou ali. E me interrogo: como? Protagonista Faustino! Será? Não será antes Hortência, já que é por intermédio dela que vemos (e tememos) a visão de mundo que nos chega? Não

é certo que Hortência, da mesma forma pela qual a flor vai se compondo, nos re-cria um Faustino à sua imagem e des-selhança? Ou seremos todos nós Faustinos dessa louca aventura na qual nos introduz Donald Schulz. Mais do que nos introduzir quer nos alertar: também fazes parte de tudo aquilo de que acabas de tomar conhecimento.

Afinal quem é Faustino?

A epígrafe de Mário de Andrade, uma das chaves do livro, nos possibilita uma das inúmeras leituras, uma primeira leitura que até pode ser arbitrária. Paciência. Diz ela: "Eu sou trezentos, eu sou trezentos e cinquenta Mas um dia afinal eu toparei contigo." "Duas questões se colocam: a insistência no eu e se na verdade o Faustino confundirá aquele toparei contigo." que com as reticências não afirma nem nega.

A partir daí, creio, tudo é válido, tudo é permitido nesta ficção de Donald Schulz. Estamos em pleno terreno do insólito, do real e do fantástico interligados.

Faustino bem pode ser mais de trezentos como bem pode ser um Fausto subdesenvolvido que nem mesmo consegue se realizar vendendo a própria alma, chafurdando na lama. Fracassa em tudo aquilo que se mete, vai de desengano em desengano. Acaba por se confundir ou nos confundir. É o retrato (ou protótipo) do brasileiro de nossos dias que luta por se realizar num país que é e não é dele, que lhe escorre das mãos, que ele reconhece

corpo, sensibilidade, inteligência, riqueza — tudo enfim. E ao contrário do outro, nada oferece em troca. Nem uma ilusão que dure um pouco mais. E também não quer saber de se comunicar com Faustino. É, de novo, através de Hortência que ele nos chega. Tem sempre seus intermediários. Será necessário muito esforço para reconhecê-los entre nós?

Vejamos este pequeno e significativo trecho do diálogo entre Hortência e Mefistófeles. Elze:

— Meu contato com pessoas estava reduzido ao Faustino, quase sempre fora de casa, e ao telefone, que tilintou. Imagine de quem era a voz.

— O senhor é a última pessoa com quem eu desejaria falar hoje.

— All Right, my lady, e sou o primeiro não é? Aliás, seu único amigo. A solidão não lhe dói?

— Solidão? O que é que o senhor tem a ver com a minha solidão?

— Além dos interesses estritamente profissionais, nothing, senhora. Quero apenas notícias do meu servo Faustino (pág. 79).

— Ou este trecho que nos devolve um tempo não de todo sumido:

— Carnaval? Did you say carnaval? Carnaval para convulsionar o país?

— Não se preocupe. Todo carnaval termina em quarta-feira de cinzas.

— Isto se deixarmos o carnaval acontecer. É o bastante, senhora. Tenho mais coisas a fazer. Este foi o nosso primeiro contato. Teremos que conversar outras vezes para nos conhecer melhor. Não saia da cidade, senhora. Muito cuidado com telefonemas. Evite contato com pessoas que possam comprometer a saída é por aqui. Por hoje é só." (pág. 99).

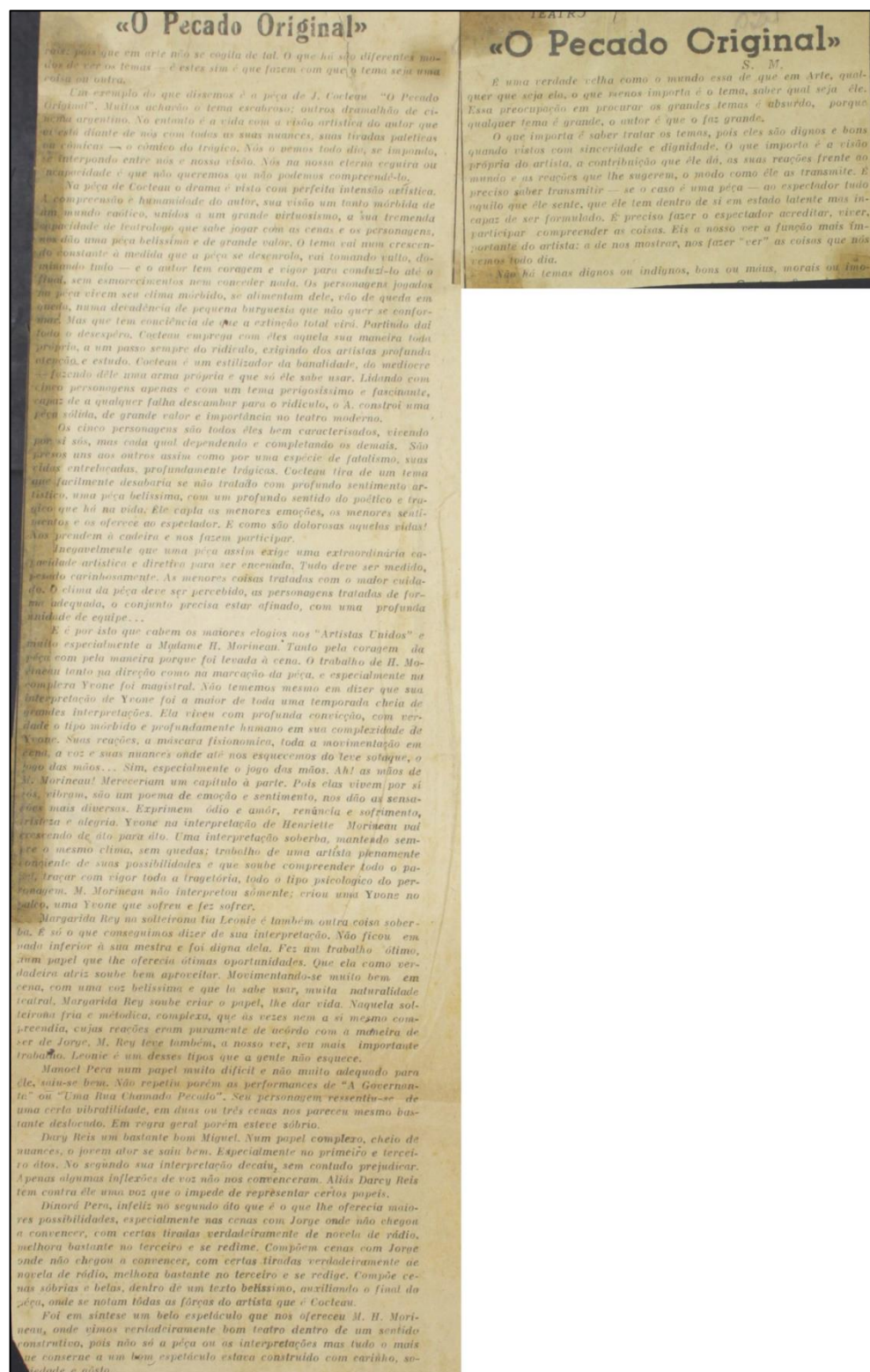
Enquanto isso, de que jeito se posiciona Faustino diante do mundo. Vejamos um trecho da pág. 30: "O certo é o convencional, o que sempre foi e sempre será. Certo é a pedra, sempre igual a si mesma. Uma pedra não pode estar errada. E o erro que faz o homem ser homem, por isso errar é humano. Porque o computador não erra, nunca chegará a ser homem. Você não vê que o homem é um erro, Hortência?"

Em suas diferentes transfigurações, de repente Faustino se vê encravado, quer ser autor do livro perfeito e único, logo o abandona, para se encontrar em outro eu, não sem antes constatar que "o poder da palavra é uma coisa espantosa". E é por aí que o Autor nos leva, desvendando-nos uma Porto Alegre que existe-inexiste e uma Florianópolis-ilha-mágica por onde circulam, ao mesmo tempo, gentes reais e gentes estranhas não só do poder da palavra que perpassa a obra de Donald Schulz, mas outros que se devem a escritores catarinenses. De repente nos deparamos com personagens saídas da ficção de um Silveira de Souza, um Flávio José Cardoso, um Jair Francisco Hamms. E até mesmo do cronista que esta assina. Sendo os mesmos personagens, adquirem, graças ao poder da palavra a que se refere Schulz, nova dimensão, emocionando e intrigando. Se compõe e recompõe a nova trama, já agora parte integrante dela.

1987

020: O Pecado original

MIGUEL, Salim. O Pecado original. [s.l.].



021: Palestra - Salim Miguel: jornalismo e literatura deixam recado de sua época

MIGUEL, Salim. Palestra - Salim Miguel: jornalismo e literatura deixam recado de sua época. *Jornal da UFSC*. Florianópolis, 28 jun. 2001. Literatura.

Jornalismo
História
Currículo
Professores
Alunos
Laboratórios
Produção
Expediente

Notícias
Universidade Federal de Santa Catarina

Palestra - Salim Miguel (28/06/2001)

"Jornalismo e literatura deixam recado de sua época"
Por Adriana Küchler

"Não consegui viver dos direitos dos meus livros, mas vivi da palavra." Salim Miguel, jornalista e escritor, esteve na Cátedra Fenaj-UFSC explicando aos alunos de Jornalismo como conciliou durante a vida as duas profissões. "Não acredito em inspiração, mas em vocação. Grande jornalista e escritor é aquele que trabalha o texto à exaustão."

Autor de mais de 20 livros, Salim Miguel foi personagem de diversos movimentos culturais em Santa Catarina. Foi, por exemplo, um dos fundadores do Grupo Sul, que renovou a arte e a cultura do estado nos anos 40 e 50.

Também foi um dos membros do primeiro clube de cinema de Florianópolis, grupo de aficionados pela sétima arte, que decidiu não só comprar filmes, mas também produzi-los.

Salim conta que a sinopse aprovada para o primeiro filme catarinense foi a feita por ele e sua mulher, Eglê Malheiros, e que o dinheiro para a realização foi obtido através da venda de cotas do filme. "O Preço da Ilusão era uma mistura de neorealismo italiano e expressionismo alemão. Esperávamos uma obra prima que fosse 'revolucionar' o cinema mundial, mas ficamos com vergonha do resultado." Segundo Salim, os autores sempre esperam muito de sua obra e, apesar de os criadores estarem decepcionados, muitas pessoas acabaram gostando do filme.

Jornalismo

Salim Miguel, libanês, começou a trabalhar como jornalista em 1943 em Biguaçu (a 10 km de Florianópolis), onde morou dos cinco aos 19 anos. Criou com amigos um jornal para criticar os políticos de Florianópolis, o Cicuta e também a Folha da Juventude, jornal ligado à faculdade de direito. Trabalhou nos jornais Diário da Manhã e A Verdade. Publicou em O Estado de São Paulo, no Correio do Povo e no Correio da Manhã. "Já fiz de tudo em jornal, menos plantão policial. Até horóscopo já fiz."

Trabalhou também como assessor de imprensa do governador Celso Ramos, na mesma época em que tinha um emprego na agência nacional, em 1964. Salim conta essa história como prova de que o Brasil é um país "surrealista". "No primeiro dia depois do golpe, fui preso e perdi o cargo no governo. Mas não perdi o da agência nacional. Ao invés disso, fui convidado para um cargo na direção geral."

No período da ditadura, também trabalhou nas revistas do grupo Bloch, como Manchete e Fatos e Fotos. "As revistas tinham que ser mandadas para Brasília por causa da censura." Ele se orgulha de matérias que fez nesta época, como uma sobre a Amazônia.

Literatura


Salim Miguel





<http://www.jornalismo.ufsc.br/noticias/salim-miguel.html>

06/12/01

Após certo tempo trabalhando como jornalista, Salim Miguel decidiu dedicar seu tempo exclusivamente à literatura. Em 1999, ganhou o prêmio de melhor romance brasileiro por seu livro *Nur na Escuridão*. O prêmio foi atribuído pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Salim é o único escritor catarinense com expressão no mercado de livros nacional e explica que, assim como o país, o mercado editorial está em permanente crise. "Se um escritor vende três mil exemplares no Brasil é considerado best-seller. Se tivermos dez escritores vivendo de direitos autorais é muito", lamenta. Não podendo viver somente de direitos autorais, Salim foi sócio de livrarias, editoras e gráficas. Ele conta que a maioria dos escritores tem outra profissão, como advogado, funcionário público ou jornalista.



Jornalismo e literatura

Já tendo exercido as duas profissões, Salim Miguel pode fazer uma comparação entre o jornalismo e a literatura. "O jornalismo tem que ser baixado na hora, resolvido no ato. O texto jornalístico envelhece. A literatura não. Um capítulo pode ser escrito nove vezes, um livro pode ficar cinco anos na gaveta." Salim acredita que o jornalismo também é literatura. "A gente só decidiu dividir."



Para ele, a semelhança entre as duas funções é que em ambas quem escreve deve trabalhar o texto e deixar um recado de sua época. Segundo Salim, a literatura dá uma maior instrumentação para o jornalista. Ele cita como autores fundamentais na literatura brasileira Machado de Assis, Raul Pompéia, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Cruz e Sousa entre outros.

história | professores | currículo | alunos | laboratórios

produção | parcerias | nanico | expediente

O personagem natureza em "Tocaia Grande"

Salim Miguel*

O universo ficcional de Jorge Amado comporta numerosas abordagens e permite diversificada gama de leitura. Mas devemos reconhecer que há uma unidade intrínseca e extrínseca em sua obra, centrada basicamente no seu chão baiano, nos conflitos sociais, e nela lidando com determinados estratos humanos, tipos que vão e voltam de um texto para outro. São os marginais, os deserdados, as crianças, os coronéis, os negros, as prostitutas, todos envolvidos num clima mágico e místico, banhados pelo forte sol da Bahia e pela influência que uma estranha mistura de raças, de hábitos, de costumes, ali exerce.

Pode-se então dizer que seus livros são resultado e amalgama de tudo isto, procurando ele se asenhorar de todos aqueles elementos e os transmitir num estilo peculiar e numa linguagem envolvente. Mesmo Amado amarra-o até e última página. Justamente por isso sua obra é consumida em larga escala, elogiada, detestada, debatida. É que, de livro para livro, parece que se vai ao encontro (melhor, reencontro) de velhos temas e de velhos amigos, que passam a atuar em situações diferentes, dando-nos por igual uma visão diferente do complexo mundo que os cerca. Mas lá no fundo tudo parece permanecer idêntico, fica a impressão de que, contentes, retomamos contato com um caso conhecido. São mitos, fantasmas, fantasmas, obsesões antigas; é sua tradicional universo ficcional, tão pessoal e tão próprio, que ressurge.

Quando do lançamento de *Tocaia Grande*, em entrevista que me concedeu, Jorge Amado declarava: "Estou com 72 anos, e escrevi também este livro para voltar ao ambiente do cacau, de minha infância, de onde nasci, das coisas que vi." A seguir: "Hoje todo mundo quer ser meu personagem; houve um momento que ninguém queria. Muita gente até queria me matar. As vezes um personagem meu é três ou quatro. Acontece até eu botar uma pessoa, no livro, com o próprio nome, por exemplo, botei o pai do Jorge Medeiros, para prestar uma homenagem a ele." A frase, com pequenas variações, vale praticamente para toda a literatura dele.



Não pretendo, aqui, analisar Jorge Amado do ponto de vista literário, nem fazer a crítica de sua obra. Tanto já se escreveu a respeito dele e de seus livros que quase tudo foi dito. Meu intento, neste artigo, é outro: procurar situá-lo, e a seu último romance, *Tocaia Grande*, dentro de uma perspectiva mais restrita - e paradoxalmente mais abrangente. Ver até que ponto, neste seu mais recente romance, consciente ou inconscientemente ele abre o leque de sua preocupação, levando até o leitor um tema que hoje vem se tornando dominante. Refiro-me aos problemas ecológicos e seus desdobramentos, que começam a ser tratados de forma sistemática entre nós. Para tal, vou me valer das palavras do próprio escritor, quando diz: "Porque o romance você escreve e o leitor releve."

A preocupação ecológica

O modelo de desenvolvimento econômico, a predação indiscriminada, a migração interna não planejada (e outros fatores menores, mas que se interligam e interpretam), acabam por influir no todo e têm sido apontados como cau-

sas do desequilíbrio ecológico, que se não for contido, acabará por ampliar as situações calamitosas com que a cada passo nos defrontamos. Há, portanto, que se tornar mais eficaz e premente a luta pela preservação da natureza e o combate à poluição.

De que maneira será possível enquadrar *Tocaia Grande* dentro dessa perspectiva? Terá Jorge Amado, intencionalmente, tido a preocupação de enfatizar o tema, trazê-lo à tona, utilizando-se do passado a fim de nos chamar a atenção para o presente? Ou, sensível, com suas antenas permanentemente ligadas ao que o cerca, inserido em seu tempo e seu meio, o tema veio a se lhe impor? Quem sabe ainda se nós, atentos à problemática da ecologia, é que buscamos captar nas mais de 500 páginas aquilo que é preocupação quase generalizada?

Pouco importa. Vamos rastrear o que existe no romance ligado ao assunto que nos interessa, explicito ou implícito, o que nos levará a abordar de tal ponto de vista a mais recente obra amadiana.

Jorge Amado começa seu romance pelo fim, isto é, a partir do momento em que todos em Iriópolis (ex-Tocaia Grande) se preparam para as comemorações dos setenta anos de fundação e dos cinquenta de elevação à cidade. Ela não é mais a maldada (e maldadada) Tocaia Grande; seus habitantes procuram esconder e esquecer o passado; agora é a elogiada Iriópolis, com todos os festejos alcançando repercussão na "imprensa do sul" - pouco importa se para isto o "dinâmico" Prefeito "despendeu verba elevada", conforme frisa Jorge Amado, tudo isto "para glória dos notáveis, da intelectualidade, da juventude..."

Mas não é tal aspecto que o autor quer mostrar. Para ele, o que na verdade interessa é a "face obscura", é ver os comícios, como tudo aquilo se formou e de que maneira as pessoas se comportaram naquele ambiente virgem. "É dizer não (grifo nosso) quando os outros dizem sim (idem) em coro unânime", a fim de revelar "a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios da História por infame e degradante", descer ao "renegado comício, sentir a consistência do barro amassado com lama e sangue, capaz de enfrentar e superar a violência, a ambição, a mesquinhez, as leis do homem civilizado..."

"As leis do homem civilizado". Eis a chave de que necessitamos. Será possível, a partir de algumas colocações do tema ecológico, examinar o livro de Jorge Amado e interpretá-lo? Examinando-se o que o dito homem civilizado, com suas leis, pratica de demandas? Não custa tentarmos alguns breves exercícios, que nos levem a uma aproximação.

Pode-se focalizar, pela proposta do livro, a passagem do homem biológico para o homem biosocial, e o que isto representou na escala humana e social. Será também possível, dentro da mesma sistemática, tentar a reconstituição (ou reconstrução) evolutiva, a modificação da natureza pelo homem, a partir igualmente dos temas tratados no livro.

Parece-nos que sim, partindo do fato de que a ecologia se preocupa com as "interrelações dos seres vivos e suas funções dentro de ambientes diversos", conforme anota um estudioso.

O poder predatório do homem

Recuemos um pouco. Há uma pequena e significativa frase de Jorge Amado que vai nos ajudar, possibilitando-nos um início de caminhada. É quando ele fala das "leis do homem civilizado". O que nos leva a outra constatação dramática: o poder predatório do homem, mais predatório à medida que ele ascende na escala social.

Vamos acompanhar Jorge Amado, voltando com ele até os primórdios de seu livro (ou ousamos dizer da escalada humana!), quando nos é revelado de que maneira, a partir de uma "tocaia num lugar bonito", cavou-se, mesmo antes de existir qualquer casa, um "cemitério ao sopé da colina, na margem esquerda do rio..."

Num exercício de imaginação pode-se tentar um paralelo bíblico entre este lugar "bonito e paradisíaco" (mais adiante Jorge Amado volta a se referir ao lugar como "um paraíso") e a expulsão do paraíso. O processo de aproximação vai se aprofundando à medida que avançamos na leitura, com as inevitáveis recorrências que surgem, quando as figuras se tornam mais íntimas e os temas se desdobram e alargam, e a estrutura narrativa abre novas vertentes, confluindo do nascente vilarejo, para onde gentes de vá-



rias localidades se dirigem em busca de um chão amigo e uma vida melhor, até a chácina final.

Claro que Jorge não reelabora a bíblia, mas trabalha em cima de temas bíblicos. Vê-se então que a precária estabilidade não tinha como durar, que o paraíso vai ser perdido. É que até bem longe se espalha a notícia sobre a beleza do lugar, a fertilidade das terras, a necessidade de mão-de-obra barata, até mesmo de quem quisesse trabalhar no amanho do solo e mais adiante ganhar um chão.

A cobra vai se aguçando. Os homens primitivos que ali vêm e convivem, que ali produzem de forma elementar para suprir suas parcas necessidades, não têm consciência do perigo que os espreita. Enquanto o coronel que determinou a tocaia está vivo, enquanto Natário a ele se subordina numa relação que lembra um feudalismo tardio, tudo caminha em meio a pequenas rixas que se estiolam ali mesmo entre eles, em meio ao isolamento que os cerca, sem que cheguem sequer ao conhecimento do Coronel, dono das terras e deles, o Senhor de tudo.

A modificação do ecossistema se dá gradativamente, à medida que o homem vai aumentando seu poder de transformação. No estágio inicial, parece que não há necessidade de preservar as relações de produção, instintivamente tudo se acomoda.

Jorge Amado, em *Tocaia Grande*, arma uma estrutura que atende a tais predicados teóricos. Vemos como, após aquela tocaia no lugar bonito, Natário, o capanga, vai até o Coronel e lhe diz que o trabalho foi feito, o adversário do Coronel está derrotado, pode-se pensar na ocupação do solo. O diálogo seguinte é bastante significativo por suas implicações futuras:

"- Você nasceu para militar, Natário. Se tivesse se engajado na tropa e houvesse guerra, ia terminar com galões de oficial."

"- Se assim lhe parece, Coronel, e se acha que mereço, então me compre uma patente de Capitão."

"- De Capitão da Guarda Nacional?"

"- Vossê não vai se arrepender."

"- Pois a promessa está feita e vai ser para logo. Pode se considerar Capitão desde hoje."

"- Capitão Natário da Fonseca, para lhe servir, Coronel."

A conquista da terra

Livre de quem outros disputam, a terra passa a ser apenas do Coronel, que ali mantém seu preposto, o agora Capitão Natário. É necessário tomar posse efetiva, acabar com os resíduos de descontentamento, botar gente nas glebas, garantir o domínio. Uma gente que seja ao mesmo tempo trabalhadora e cordata, temida e grata ao Coronel pelo "benefício" que lhes faz concedendo-lhes um pouco daquilo que ele tomou a ferro e fogo.

Ao mesmo tempo em que lhes concede o que não era dele, se conserva acuada. E eles ainda lhes são agradecidos, pois saíram de uma situação pior (o grupo que chega fugido de Sergipe, por exemplo) e ali pelo menos começam a se considerar "donos" de um chão, onde plantam, colhem, negociam, brincam, amam, se divertem, vivem.

As terras são dadas, os homens a elas se apegam, procuram conservá-las e mantê-las produtivas, conservar aquele precário relacionamento, num processo de interação que ao mesmo tempo lhes dá o sustento de que precisam e preserva as condições ambientais.

Jorge Amado joga com dados que lhe são caros e que ele manipula com conhecimento. A

história vai se erguendo, armando, surgem os entrelaçamentos de personalidades, há o aparecimento de dificuldades inerentes ao tipo de vida que levam. Mas tudo é ultrapassado. O jogo de perde/ganha continua.

E a natureza, sem graves percalços, se adapta e se transforma sem maior prejuízo. É bem depois, com a chegada do processo de industrialização acelerada e indiscriminada, com o chamado "progresso", que o equilíbrio começa a se romper.

Entram aí as relações de produção capitalista, a agressão violenta contra a natureza, resultado de um sistema econômico que só visa o lucro. Mas neste ponto Jorge Amado já abandonou *Tocaia Grande* (que vai passar a ser *Iriópolis*), já largou seus personagens - e deixa a conclusão mais lógica para o leitor. Ele não está fazendo ensaio, não está querendo comprovar nenhuma teoria. Através da ficção, contando sua história, ao revelar problemas inerentes à condição humana, tudo fica implícito.

A cobra aumenta. Prepara-se a invasão das terras.

Mas enquanto o Coronel vive e mantém seu prestígio, ele conta com a força de Natário e o apoio dos homens que ali estão. Só que um dia tudo isto acaba. Morre o Coronel, Natário não quer se subordinar a Venturininha, o filho doutor do Coronel. Seu compromisso, sua palavra empenhada, era com o homem que lhe dera a patente de Capitão. Natário não mais se subordina, o tempo do feudalismo acabou, ele quer outro tipo de relacionamento, quer ser considerado um igual. Só que isto não satisfaz as ambições do doutor, formado na cidade grande, sem nenhuma vivência com os problemas da terra, o relacionamento que seu pai mantinha com os "seus" homens. Venturininha só quer auferir lucros, deseja que Capitão Natário continue seu "homem de confiança", seu preposto, para que ele não tenha que abandonar a vida que vem levando.

O rompimento com a natureza

A recusa de Natário é, para ambos, o começo do fim. O "paraíso" vai desaparecer; as relações homem/ambiente vão se modificar de forma radical. O entrelaçamento é inevitável; inevitável a derrota de Natário e do que ele representa - se bem que tal derrota represente também a derrota do "doutor filho do Coronel".

Vendo-se acossado, "Natário firma a pontaria, visando a testa de Venturininha. Em mais de vinte anos, não errara um tiro. Com sua licença, Coronel." Mas derrotados não são apenas os dois. As consequências logo serão bem maiores. É toda uma concepção de vida que acaba, toda uma estrutura que se rompe e se modifica; é todo um modo de vida que vai ser sepultado com Natário e Venturininha, a interação do homem e meio ambiente deixa, de modo brusco, de existir.

Setenta anos passados, em lugar de *Tocaia Grande*, valhacouto de deserdados, temos uma comunidade nascida do arco-íris em longínquo dia de bonança - lembra ironicamente Jorge Amado. É a *Iriópolis* "de paz e fraternidade entre os homens", conforme proclama em "poema de versos brancos o vate principal da região".

Chegamos ao fecho do romance. É a man-tança indiscriminada de homens primitivos que ali viviam em comunhão com a natureza, mesmo sem terem clara consciência de nada disso; é o início de um novo ciclo, onde a correlação de forças se modifica e tudo será reformulado; é o rompimento do elo de equilíbrio que se mantinha e que logo irá exterminar fauna e flora, espécies vegetais e animais, trazendo a inadequação do solo, os problemas de poluição ambiental, com o surgimento do que se chama "progresso" e "grande cidade".

Mas a proposta de Jorge Amado não é examinar este futuro, que ele presente e deixa intuído. Por isso, suas últimas palavras são:

"E aqui se interrompe em seus comícios a história da cidade de Iriópolis, quando ainda era Tocaia Grande, a face obscura. O que aconteceu depois - o progresso, a emancipação, a mudança de nome, a comarca, o município, a igreja, os bangalôs, os palacetes, os paralelepípedos ingleses, o intendente, o vigário, o promotor e o juiz, o fórum, a cadeia, a loja maçônica, o clube social e o grêmio literário, a face luminosa - não paga a pena contar, não tem graça. Até mais ver."

* Salim Miguel é escritor e jornalista. Escreveu seis livros e o último, o romance *A Voz Surmuda*, foi publicado em 1974.

Cruz e Souza revisitado

A publicação comemora os cem anos de *Broquéis*. Mais atual que nunca, é estudado pelo professor Ivan Teixeira

□ Por Salim Miguel

A introdução do professor Ivan Teixeira à edição fac-similar do *Broquéis*, de Cruz e Souza, comemorativa dos cem anos de publicação do livro (1893), é uma nova e instigante proposta, extremamente rica em indicações e sugestões, que nos desvela insuspeitadas possibilidades de leitura. Embora a análise se concentre em *Broquéis*, cremos que pode, sob muitos aspectos, ser aplicada, sem receio, para todo o fazer poético do simbolista catarinense. Não! Afastemos o restritivo "catarinense"; em lugar dele, um Brasileiro, assim mesmo com maiúscula, tão do agrado do poeta.

Talvez uma primeira abordagem, para melhor se chegar à obra (e por consequência à vida) do autor, deva ser feita a partir da epígrafe de Beaudelaire, escolhida para este seu primeiro livro solo. Diz ela: *"Seigneur mon Dieu! accordez-moi la grace de produire quelques beaux vers qui me prouvent à moi-même que je ne suis pas le dernier des hommes, que je ne suis pas inférieur à ceux que je méprise"*.

Ongulhoso, consciente de seu valor, das inovações formais e estilísticas de sua poesia, terá tido a premonição de que estava adiante de sua época? Que falará, mais e melhor, para os pósteros? Que os muitos níveis de leitura de seu trabalho pioneiro só bem mais tarde viriam a ser devidamente avaliados e apreendidos? Tudo é possível.

Inegáveis as incompreensões que sofreu, "rigorosamente desentendido por quase todos os críticos do período", conforme assinala Ivan Teixeira. É bom nos determos sobre o tema. Mesmo aqueles que não o aceitavam e/ou compreendiam eram obrigados a se curvar e lhe reconhecer o valor, ainda que com estranheza-

mento.

José Veríssimo, por exemplo: "Se a poesia, como toda a arte, tende ao absoluto, ao vago, ao indefinido... quase estou a dizer que Cruz e Souza foi um grande poeta!" E Silvio Romero: "Ele não descreve nem narra. Em frases vagas, indeterminadas, aparentemente desalinhadas, sabe, não sabemos por que interessante e curiosa magia, atirar o pensamento do leitor nos longes indefinidos, suggestionando-lhe a imagem, fazendo-o perder-se em mundos desconhecidos..." Sem se aperceber, ambos os críticos estavam abonando o que Teixeira afirmaria mais de um século depois: *Broquéis* "introduzia no Brasil a poesia pura, marcada pelo deliberado abandono do significado explícito e pelo apego à sugestão vaga e insinuante". Até a mesma palavra (vaga) aparece nos três.

A trajetória poética de Cruz e Souza se singulariza sob vários aspectos. Sem uma fortuna crítica substancial, nunca esteve num limbo. Teve sempre seus fiéis, sejam críticos ou leitores. Pode-se, assim, falar em uma corrida de reveza-



Cruz e Souza: "rigorosamente desentendido por quase todos os críticos do período"

cy, a quem devemos, em 1961, centenário do nascimento do poeta, a até então mais autorizada edição da obra, poesia e prosa. Para não alongar a lista, imprescindível fazer referência a dois cearenses, primeiros a se preocuparem com a sistematização da vida de Cruz e Souza: Abelardo F. Montenegro e R. Magalhães Jr. Nesse entretanto, de que maneira o torrio natal tratava seu mais ilustre filho? O que se fazia em Santa Catarina para valorizá-lo e tomar (re)conhecida sua obra e vida?

O processo é idêntico, vale a imagem da cor-

mento, com o bastão a passar de mão em mão: Adolescente na província, foi o centro do grupo Idéia Nova, tendo como parceiros, entre outros, Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo...

Adiante, é a presença de Nestor Victor, que se dedica à luta pelo reconhecimento do amigo. O bastão é passado a Tasso da Silveira. Antes disso, bom lembrar Roger Bastide, para quem Cruz e Souza é um dos três mestres do simbolismo universal (os outros, Mallarmé e Stefan George). Chega a vez de Andrade Muri-

rida. Inexistia, até há pouco, um trabalho continuado, consistente. Eram ciclos quase estanques. Dois exemplos: em 1948, cinquentenário da morte do poeta, um grupo de jovens lhe dedica o terceiro número de sua revista de renovação cultural; 1961, centenário de nascimento, reúnem-se, numa semana de comemorações, representantes de várias gerações, cada qual buscando um recado estético e humano e uma visão da proposta sousiana.

Com o passar do tempo, mais os estudiosos vão reconhecendo a influência de Cruz e Souza na poesia de um Augusto dos Anjos, um Mário de Andrade, um Murilo Mendes. Resultado: o leitor de hoje, que se aproxima dele, já o faz melhor afinado para absorvê-lo, ainda que por via indireta.

Cruz e Souza é um poeta profundamente atual. Estudos como *Cem anos de Broquéis — sua modernidade*, pleno de projeções, de indagações, até de provocação, só contribuem para alargar e aprofundar esse entendimento. Ivan Teixeira coloca ao alcance do leitor alguns segredos técnicos (a exclusão de verbo em muitos poemas, o formalismo e a poesia pura, na linha de um abade Bremond, o verso harmônico, a reiteração), mas para além da grande erudição revela particular sensibilidade. Consideramos, em especial, sua sistematização dos eixos temáticos altamente pertinente — e ele fica a nos dever um desdobramento ainda mais minucioso de sua proposta.

□ *BROQUEIS*, de Cruz e Souza. Edusp, 167 págs. R\$ 40,00.

Salim Miguel é escritor

024.: "Pluft, o fantasminha": opiniões de artistas, intelectuais e estudantes, sobre a estreia da peça de Maria Clara Machado pelo teatro catarinense de comédia

MIGUEL, Salim. "Pluft, o fantasminha": opiniões de artistas, intelectuais e estudantes, sobre a estreia da peça de Maria Clara Machado pelo teatro catarinense de comédia. **A Gazeta de Arte**. Florianópolis, 3 jun. 1956, Ano 1. n. 11.

"PLUFT, O FANTASMINHA"

O PÚBLICO APLAUDIU E A CRÍTICA CONSAGROU.

OPINIÕES DE ARTISTAS, INTELECTUAIS E ESTUDANTES.
SOBRE A ESTREIA DA PEÇA DE MARIA CLARA MACHADO
PELO TEATRO CATARINENSE DE COMÉDIA.

Acreditamos que Maria Clara Machado, a autora de "Pluft, o fantasminha" não se envergonharia da peça na interpretação do T. C. C.

O trabalho da equipe dirigida por Sálvio de Oliveira foi bom.

Não vamos fazer aqui as naturais restrições, devidas a um sem número de fatores: estréia da peça e de diversos atores, nervosismo etc.

Vale antes destacar o que de elogiável havia: direção, cenário, interpretação de Gilda Maria, Miro Moraes eACY Cordeiro, especialmente.

Estão de parabéns, portanto, todos os amadores de teatro.

Sabendo-se das dificuldades para se fazer teatro, não só aqui, mas em toda a parte, o T. C. C. só merece aplausos. E apóio. Principalmente apóio para levar avante a tarefa que se impôs: formar entre nós uma consciência artística; procurar aprimorar o gosto pelo teatro, pelo bom teatro.

SALIM MIGUEL

Viajando sem sair de casa

Salim Miguel

Não era o Ulisses de Homero, cujo retorno ao lar foi pleno de aventura e emoção, nem o Leopoldo-Ulisses do Joyce, em intermináveis viagens por sua Dublin. Era o Ulisses da Ilha, a maior viagem que fizera tinha sido de sua casa na Agromônica até o Correio, na Praça XV. No entanto, conhecia praticamente o mundo todo.

Dia sim dia não, pela manhã ou à noite, percorria as livrarias e nem necessitava pronunciar a mesma frase, temos novidades?

Toda semana, todo mês, todo ano (durante muitos), o homem se postava primeiro em frente à livraria Anita Garibaldi (a mesma que foi queimada em 1964, durante o golpe militar), esperando que a porta fosse aberta. Visitava, também, com igual regularidade as outras: Moderna, Record, Rosa.

Enquanto ia percorrendo as estantes, não se cansava de repetir a mesma frase. A resposta, em geral, era um sinal negativo com a cabeça, mas o homem não se dava por satisfeito. Retirava da prateleira um livro já examinado à exaustão, ia folheando-o minuciosamente página a página em busca de fotos, ilustrações, gravuras.

Durante os anos 1950, ao contrário dos dias atuais, eram numerosos os jornais, até mesmo em Florianópolis; ele jamais foi visto folheando um único. Sua paixão era, nesta ordem, álbum, livro, revista.

Sabia tudo, quase, a respeito de monumentos, museus, antiguidades, sítios históricos, peculiaridades desta ou daquela região. Discorria sobre Baalbek como se lá tivesse vivido nos tempos áureos ou acabado de chegar indagorinha das ruínas. Falava dos setecentos quartos, das dezenas de salas e salões de Versalhes, dos monumentos inumeráveis que cobriam vastíssimas áreas e de como, para não perder de vista tais fantásticas construções, Luiz XIV, o rei Sol, havia modificado a posição das árvores. Conhecer o Coliseu era fchinha para ele, o mesmo no que se refere ao Partenon, às ruínas Maias, às pirâmides do Egito, à Roma dos papas. Nos fins de semana, em sua casa, abria dois álbuns, debruçava-se sobre o Sena e o Tejo e passava horas

viajando por aquelas águas de Paris e de Lisboa. Encostado ao balcão da livraria, discorria com igual sabença sobre as cidades históricas mineiras, os Sete Povos das Missões, o Cristo Redentor.

Embora dominasse apenas o português, nosso Ulisses que jamais saíra de sua Ítaca, talvez nem tivesse atravessado a ponte Hercílio Luz, segundo ele, construída em 1926, o nome uma homenagem a seu idealizador que morrera antes de vê-la concluída, mas vira uma maquete perfeitamente igual; a frase já vai longa, o fundamental é dizer que Ulisses apenas sabia português, contudo, desde que existissem fotos ou gravuras ou ilustrações, ia comprando ou encomendando, mesmo com sacrifício de outros itens, tudo retirado de seu modesto salário de funcionário dos Correios.

Certa ocasião, outro frequentador assíduo de livrarias, provocou-o: certamente conheces a igreja, o casarão e o aqueduto de São Miguel, ali depois de Biguaçu; a resposta foi a esperada, com um taxativo: claro, tenho tudo isto num livrinho.

De repente, um dia a surpresa, Ulisses se decidira, tinha férias, ia acompanhar um grupo que alugara um ônibus e durante vinte dias viajariam por cidades históricas, a primeira parada em Tiradentes, destino final, Salvador. Nem foi surpresa vê-lo, em menos de uma semana, de novo na Ilha. E logo Ulisses apareceu na livraria com a mesma pergunta de sempre, temos novidades? Sem que lhe perguntassem, foi logo esclarecendo, não dá, não dá mesmo, coisa antiga é pra se ver em álbum, em revista, aí adquire vida por si só, nem há necessidade de legenda. Por isso, em lugar de ir até a Ponte Hercílio Luz, prefiro uma boa fotografia dela. Da mesma forma, de Tiradentes, prefiro, também, ver as esculturas do Aleijadinho nos três álbuns que possuo. E, para se livrar dos gozadores, adotou como lema de vida um velho brocardo português, com duas brevíssimas modificações. Dizia o brocardo: boa romaria faz quem em casa fica em paz. Para ele ficou sendo: boa viagem faz quem em casa vê em paz. 📖

SALIM MIGUEL nasceu no Líbano, em 1924. Está radicado no Brasil desde os três anos de idade, quando sua família se estabeleceu em Santa Catarina. Iniciou sua carreira literária nos anos de 1950, tendo publicado cerca de 30 livros. Entre eles, *Nur na escuridão*, *Mare nostrum*, *Arelas do tempo* e *Jornada com Rupert*.

26

Gazeta de Notícias

O MATUTINO INDEPENDENTE DO CEARÁ

FORTALEZA — 6a FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 1959

Roteiro Fortalezino — 1

Em setembro de 1957 já se sabia: o próximo Congresso Nacional de Jornalistas seria em Fortaleza. Tão logo tomei conhecimento, fui avisando: “— a este eu vou!” Confesso, com franqueza, que ainda mais do que participar do Congresso da classe, me interessava conhecer a capital do Ceará e entrar em contacto com o seu meio cultural.

Setembro de 1959. Fui.

Explico a razão deste meu interesse.

Fins da década de quarenta. No país, pela maioria dos estados, vão surgindo publicações de novos, que chegam, num dado momento, a atingir quase meia centena. Todas elas, resistindo mais ou menos às condições adversas, trazem uma contribuição nova, levantam problemas e debatem idéias, permitem um maior conhecimento mútuo, uma aproximação entre os jovens, a maioria dos quais se iniciando nas letras e artes. A importância de tais publicações, a contribuição que deram, englobadas, foi inestimável. Pode ser mesmo que, de muitas delas, individualmente, ninguém tenha vindo a se realizar. Isto pouco importa. Elas valem como conjunto, pelo espírito de inquietação, de renovação e combate, pela experimentação que as caracteriza e identifica neste ponto, muito embora divergissem em todos ou quase todos os outros.

Aqui em Florianópolis também uma publicação assim apareceu. Foi “SUL”, surgida de 1948. Com uns primeiros números informes, matéria sempre desigual, lutando com dificuldades, ela, contudo, aos poucos se firmou, resistiu durante dez anos e levou para fora do estado não só a mensagem de cultura, como também este espírito de inquietação e busca tão característico das novas gerações.

Com quase todas as demais, “SUL” manteve permuta. Era esta uma curiosa maneira de aproximação e melhor conhecimento dos nossos problemas.

“Clã”, do Ceará, surgiu na mesma época. Então, lentamente, fomos tendo conhecimento de muitos valores novos: um Braga Montenegro, um Moreira Campos, um Fran Martim, um Eduardo Campos, um Antonio Girão Barroso, um Aluizio Medeiros, um Mozart Soriano Aderaldo, um João Climaco Bezerra; mais tarde outros que foram surgindo, um Milton Dias, um Mario Pontes, um José Helder de Souza, um Carlos Pontes, um Juarez Barroso, um Jairo Martins Bastos, outros tantos mais.

Nada mais justo, portanto, do que procurarmos conhecer pessoalmente tal gente. E aterra onde vivia e atuava tal gente.

O Congresso Nacional dos Jornalistas, ao qual fui como Delegado do SJPC me forneceu a oportunidade há tanto procurada e desejada. Só assim mantive um curto porém proveitoso e agradável contacto com estes amigos desconhecidos. Pude ver, de perto, o admirável trabalho que eles realizaram desde o lançamento de “Clã”, trabalho que continua com mais entusiasmo e vigor. “Clã”, diga-se de passagem, é uma das raras revistas, daquele período, que continua — não só continua, mas realiza, mas constrói culturalmente uma obra que merece os melhores elogios.

Salim Miguel

Notas Sociais

Oswaldo Silveira

A efeméride de hoje assinala o aniversário natalício do denodado e valoroso esportista Oswaldo Silveira.

Ac Badoca, como é mais conhecido, o abraço afetivo de seus inúmeros amigos, principalmente os torcedores do Botafogo F. R..

Léo Born da Silva

Vê passar na data de hoje mais um aniversário natalício do garoto Léo Born da Silva,

niversário da graciosa senhorita Marta Rodrigues Noronha, fino ornamento da nossa melhor sociedade e aplicada aluna do Colégio Coração de Jesus. A senhorita Marta é filha do nosso estimado e benquistado conterrâneo Professor Ivo Noronha e de sua exma. esposa dona Lucí Rodrigues Noronha. Por tão feliz acontecimento, muitas serão as felicitações que Marta receberá nessa data, pelas suas inúmeras amiguinhas.

A GAZETA

Diretor-Proprietário: JAIRO CALLADO

Florianópolis, Sábado, 17 de Outubro de 1959

ROTEIRO FORTALEZINO – II

SALIM MIGUEL

— Tem aí um senhor que está te procurando; traz um recado qualquer de um escritor qualquer teu conhecido. Sabes quem é? Dá uma chegada lá no “Acôrd” prá falar com o homem...

— Mas afinal quem é ele e de quem é o recado?

— Ah, isto não sei, não! — E com esta resposta, um dos famosos gêmeos Apóstolo me deixou.

Fui.

E foi assim que fiquei conhecendo o Paulo Botelho, jornalista, elemento do Clube de Cinema, profundamente ligado aos problemas culturais, conhecendo e sendo conhecido por quase todo mundo em Fortaleza. Vinha ele para Florianópolis. De passagem pelo Rio, telefonou para o Aluizio Medeiros, bom poeta e bom amigo. Queria saber se o Aluizio conhecia alguém em Florianópolis a quem ele pudesse procurar. Aluizio me indicou.

Conversamos — e, acredito, logo nos acertamos.

Paulo Botelho é do Ceará — eu ia ao Ceará, participar do Congresso de Jornalistas. Ia, enfim, poder conhecer pessoalmente toda a turma da revista “Clá”, entrar em contacto com um dos movimentos culturais mais importantes da “província”. Ao me despedir, Paulo Botelho me deu um bilhete para o Luiz Maia, dizendo:

— Procure o Luiz Maia que ele logo o porá em contacto com todo o pessoal de lá.

Procurei.

Luiz Maia é uma espécie de Carlos Ribeiro de Fortaleza. Na sua livraria, a Livraria Renascença, se encontram pessoas, se deixam recados, se discute de tudo, se toma cafêzinho e até mesmo se compra livro. Baixo, magro, muito vivo e ágil, amabilíssimo, Luiz Maia, sua livraria, seu automóvel, já são instituições de Fortaleza, estão integrados na vida da cidade. Qualquer folga que eu tinha, abusava da boa vontade do Carlos Pontes e Juarez Barroso, meus companheiros mais constantes durante aqueles dias — e lá me tocava para a livraria. Sentávamos. Folheávamos livros: íamos sendo apresentados a quem chegava — e quem é que não chegava? Conversávamos. Tomávamos cafêzinho. E de repente, “não mais que de repente”, já era hora de voltarmos para o Congresso, ali pertinho.

Falemos, então, do VIII Congresso Nacional de Jornalistas, realizado de 3 a 7 de setembro último, em Fortaleza.

Falemos do Congresso. Mas na próxima crônica, porque esta acabou.

ROTEIRO FORTALEZINO – III

Salim Miguel

Falemos do Congresso.

Sim, porque atinai estívemos no Congresso. Participamos ativamente dos trabalhos. O Congresso existiu, foi positivo, durante cinco dias jornalistas de todo o Brasil discutiram (e como discutiram!) seus problemas específicos e os problemas do país, trabalhos e mais trabalhos foram apresentados, teses sem fim relatadas, as diversas comissões “deram duro”, as sessões plenárias eram intermináveis. Todos estes aspectos porém já foram abordados e relatados pelos meus companheiros de Delegação: Waldir Grizard e Adão Miranda que deram, numa série de artigos, alguns remetidos lá mesmo de Fortaleza, uma visão bem ampla do que foi o Congresso. Ah, sim, ia-me esquecendo, também o Dr. Túlio Gondim já deu, em reportagens, pelo seu jornal, um apanhado do que foi o Congresso e de sua participação no mesmo.

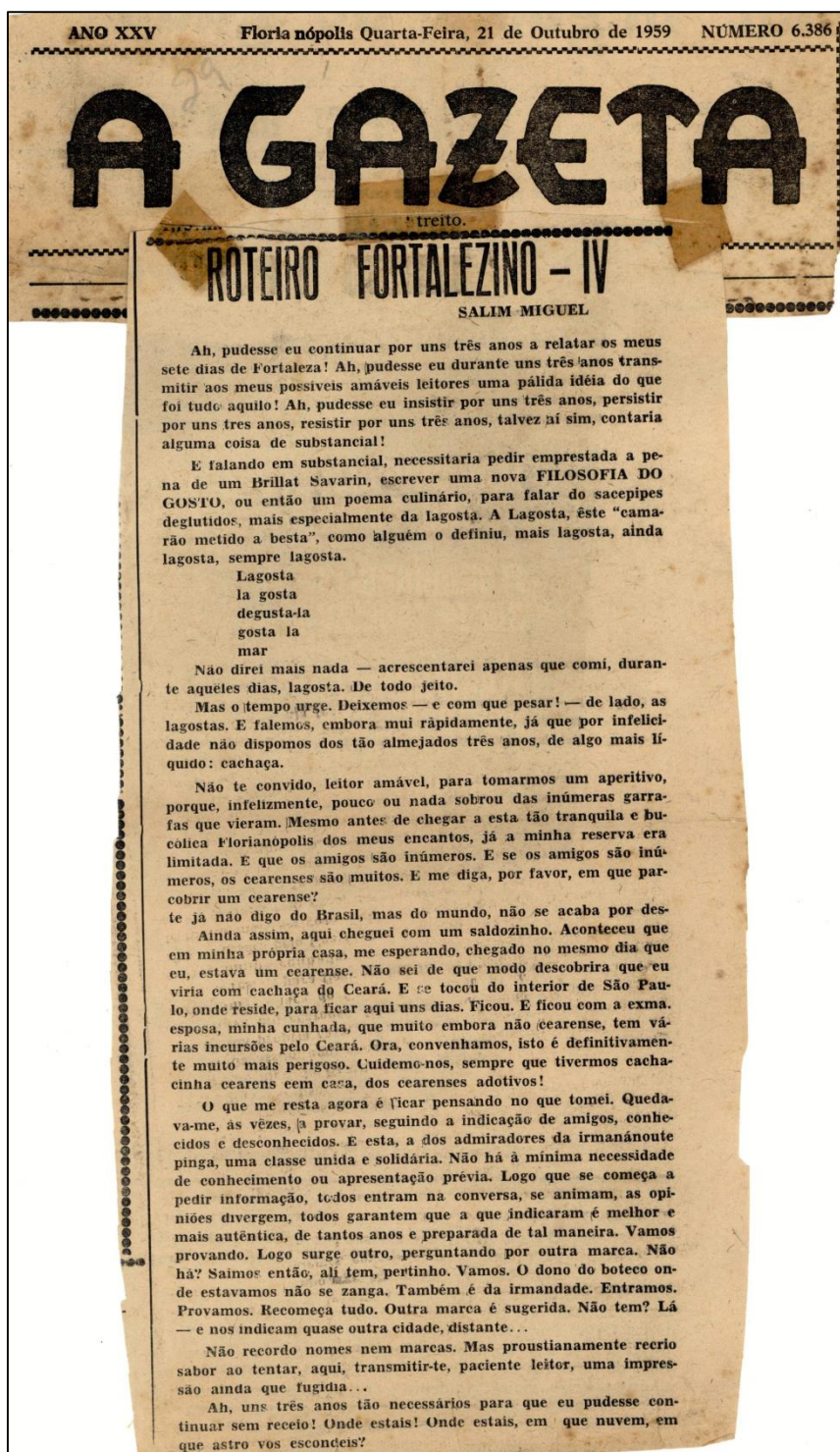
Várias exposições se realizaram durante o Congresso: de pintores cearenses, de primeiros números de jornais e revistas, do Banco do Nordeste, do Amazonas, etc.

A Casa do Jornalista, imponente edifício, onde se realizou o congresso, foi inaugurada durante o mesmo — e é bem um atestado do esforço e da capacidade dos homens de imprensa de Fortaleza.

Tôda a cidade participou da reunião dos homens de imprensa do Brasil. Festas no principais clubes, coquetéis no Palácio do Governo e na Universidade, passeios, visita à casa de José de Alencar... Quase 400 jornalistas dos mais longínquos recantos do país tomaram conhecimento de uma capital, que para muitos foi uma verdadeira surpresa. Por mais que se tenha lido, por mais que se conheça cearenses e eles nos falem de sua capital, ainda assim Fortaleza surpreende agradavelmente. Com seus quatrocentos mil habitantes, com suas ruas largas e suas retas a perder de vista com suas praias, seus coqueiros e sua aragem constante, seus edifícios subindo, principalmente com sua gente tão boa e acolhedora, Fortaleza deveria ser uma visita obrigatória.

Até mesmo com seus contrastes tão flagrantes. Clubes dos mais suntuosos do país — e poucos quilômetros além, choupanas das mais pobres do país.

Saíamos, às vezes, acompanhados de tantos e tão bons amigos que fizemos naqueles poucos dias, a andar, a andar sem um destino certo, vendo coisas, sentando, parando para bebericar uma cachacinha — íamos terminar na Praça do Ferreira, uma nossa Praça XV em ponto maior, embora menor em tamanho. Maior pelo espírito de sátira, de crítica, que bem caracteriza um povo. Ali ficávamos a escutar histórias acontecidas — e que estão sempre a acontecer.



Dois contistas que surgem

Salim Miguel, do "Círculo de Arte Moderna".

O conto, todos os críticos o dizem, é dos mais difíceis gêneros literários. Precisa resumir, sintetizar. O autor de contos deve ter agilidade de estilo, facilidade na construção de frase, simplicidade no narrar. Em geral o conto é um instantâneo da vida. Fixado com precisão e clareza. Sem grandes rasgos de imaginação ou de descrição. Sem palavreados inúteis. Romancistas bons se conhecem muitos, porém bons autores de "short-story" podem ser contados a dedo. Um Tchekoff, um Maupassant, um M. de Assis, um O. Henry, surgem de longe em longe.

Todos os que se iniciam nas letras, começam escrevendo contos. Pensam ser o mais fácil. Puro engano! O conto, jus-

tamente pela sua brevidade, exige maior conhecimento do "metier", do que o romance. Por isso, no meio de tantos mediocres, quando aparecem alguns valores reais, é uma satisfação para quem lê.

Em Florianópolis, na nova geração, ainda não havíamos travado conhecimento com nenhum contista de valor. Somente leramos, de uns raros amigos, alguns contos ainda inéditos, que, se não são obras primas, não estão destituídos de valor. São promessas de que boas coisas virão.

Agora, porém, dois desses nossos amigos, resolveram publicar seus trabalhos. Enviaram seus contos para o popular concurso da "Revista da Semana". E ambos foram premiados.

Anibal Nunes Pires, já conhecido como um dos melhores poetas novos, surge agora como contista. Seu conto "Cafezinho de visita" é uma história alegre, irônica, escrita num estilo muito pessoal.

Antônio Paladino é o autor de outro trabalho premiado. "A Morte de Vovô", intitula-se o mesmo. É um conto original, visto através do espírito de duas crianças, descreven-

do, numa linguagem toda especial, as emoções, às vésperas do Carnaval, quando o "vovô resolve morrer". Uma ironia amarga perpassa por todo o conto. Nota-se a influência de Tchekoff, principalmente nas descrições rápidas, saltitantes.

Ambos os contos premiados são modernos. E seus autores pertencem ao novel "Círculo de Arte Moderna". Esperemos agora que outros contistas enviem seus trabalhos, para mostrar lá fora, que também a nova geração catarinense não está parada. Acompanhando o surto de renovação que se processa em todo o mundo, ela também saberá mostrar do que é capaz. O Círculo de Arte Moderna, cuja finalidade é justamente está-movimentar, congrega e elevar até ao nível das outras mais adiantadas, a juventude catarinense se congratula com seus dois membros e com toda a mocidade barrigaverde pela vitória alcançada.

JUIZO ELEITORAL DA 1ª ZONA

Uma experiência séria

Salim Miguel
(Círculo de Arte Moderna)

No teatro, como em tudo o mais, tende a apresentar em Florianópolis — oh! loucura das loucuras — os grandes teatrólogos contemporâneos.

Que se danem os tímidos e medíocres! Que falem e esperneiem! Florianópolis, todos o sabem, já por falta de um bom teatro, já por sua reduzida população, já por serem raríssimas as boas companhias teatrais do Brasil, não conhece o verdadeiro teatro. Só nos visitam "João Rios e que tais". Chanchadas, sem nenhuma expressão como teatro. Peças vazias, completamente cretinizadas, elencos péssimos, sem direção, sem conjunto, visando unicamente, pelo deboche de peças pornográficas, iludir os incautos. Buscam um só fim: dinheiro.

Mas agora, pela primeira vez, Florianópolis vai ter bom teatro. Não visando lucros, o "Círculo de Arte Moderna" pretende apresentar, com o apoio dos amantes da cultura, teatro de elevado nível artístico. E dentro de breves dias, apresentará sua peça de estreia. Por hoje, é só. E em próximos artigos, daremos mais detalhes.

Verdade seja dita que ainda hoje o teatro mantém inalteradas as três unidas: ação, tempo, lugar. Mas notam-se também sensíveis mudanças. Desapareceu, por exemplo, o côro, que acompanhava as representações, e que substituiu o cenário, então inexistente. A movimentação cênica é muito mais natural. E assim outras pequenas modificações foram sendo feitas através dos tempos. Para exemplificar melhor o que dizemos, citaremos duas peças sobre o mesmo assunto: a "Electra" de Sófocles e a de E. O'Neil. Ambas iguais no fundo, no "leitmotiv", diferem profundamente na textura, no tratamento, na estrutura.

A medida que o mundo evolui, o teatro evolui com ele. O teatro é um dos melhores meios para se aquilatar do índice de cultura de um povo. O teatro, como arte, é muito mais importante do que o cinema. Sabemos que o cinema é uma síntese de todas as artes. E, por isto mesmo, é sempre um pouco falso, um pouco irreal. O cinema — principalmente o americano — preocupa-se demasiadamente com o realismo técnico, descurando do conteúdo, visando unicamente o grande público. Não tem o poder de realidade, de aproximação direta com o espectador que o teatro possui.

O artista de teatro deve e precisa ter muito mais personalidade, uma cultura mais sólida. No teatro, a cena, depois de jogada, esteja boa ou má, não há remédio, não se contiguar. Por isto, é preciso firmeza, inteligência para contornar as dificuldades, agilidade mental. Enquanto que no cinema, pode-se repetir sempre, até alcançar um maior grau de aperfeiçoamento. Ainda que á primeira vista isto pareça favorecer o cinema, na realidade não é assim. É que o que ganha em aperfeiçoamento, perde em vida, em humanidade, em emoção.

O teatro, o bom teatro, o teatro sério, é muito difícil. Por isto, quando um grupo, principalmente de amadores, se arrisca a apresentar uma peça séria, é uma tarefa arrojada e que exige sacrifícios. E quando isto se dá em Florianópolis, é sinal de loucura, dirão as pessoas prosaicas e sensatas.

Pois "o que é o "Círculo de Arte Moderna", pelo seu Departamento de Teatro, vai fazer. Apresentar bom teatro, teatro verdadeiro. Porque, apresentar teatro, teatralizado como surge aqui, de vez em quando, não é nada. Apresentar bom teatro é que são elas. E o "Círculo de Arte Moderna", estamos certos, o fará — e melhor — está fazendo, pois é a primeira experiência pre-

032: A Noite decepada

MIGUEL, Salim. A Noite decepada. Letras e Artes. 23 dez. 1951, p.10.

LETRAS E ARTES

Domingo, 23-12-1951

A NOITE DECEPADA

SALIM MIGUEL

COMO definir o conto: qual a característica primordial do conto; e o que é um contista? São perguntas que oferecem inúmeras respostas. E tanto uma qual quer, como nenhuma de todas elas, pode satisfazer. Temos lido tantas definições que acabamos por concluir que o melhor mesmo é não definir. Dizer que uma determinada pessoa tem tendências para o conto tornou-se tão vago quanto dizer-se que fulano escreve. Escreve o que? É contista como? Que contista? Que gênero de conto?

Ha o conto que segue a corrente de Maupassant, que conta uma história, que relata um fato, que é o conto tradicional; há, por outro lado, o conto tipo Katherine Mansfield e Tchekov, que fixa uma sensação, um detalhe, donde, com diver-

sas variantes, deriva todo o conto moderno. Mas não seria possível conseguir-se uma espécie de conto onde ambos os métodos, com todas as suas nuances, fossem empregados? Utilizando-se, entrelaçando-se as duas correntes?

A nosso ver o presente livro é uma destas tentativas. Se bem sucedida ou não, caberá a outros, que não eu, decidir. O livro de Diógenes Magalhães segue a tradição que celebrizou, por exemplo, um Poe, joga com o tético, o fantástico. Somente, aqui, de uma forma diversa,

pois, enquanto naquele, tanto os personagens quanto o autor pareciam "acreditar" no que contavam, neste se dá de modo diverso, pois o A. acaba, quase sempre, por ironizar e desvendando o "caso", que não passava de um caso comum e vulgar, as mais das vezes mera imaginação de um personagem desequilibrado. Desta forma, o A. de "A Noite Decepada" consegue prender, interessar, quer seja pelo imprevisto de narração, quer seja pela maneira como usa as palavras, pela linguagem tão característica. Ver-

dade que ainda não domina inteiramente o "métier", que alguns contos se arrastam, monótonos, enquanto que, em outros, esta busca do "hoffmaniano" atinge um ridículo (propositado?) que acaba por nos desagradar.

Também algumas piadas são sumamente desagradáveis, além de que, verdadeiramente, o autor não consegue criar nenhum personagem que fique ou nos impressione mais. As vezes, contudo, com pequeninas nadadas, consegue construir um bom conto, sabe como aproveitar os

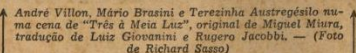
sentimentos que vivem submersos, captá-los e mostrá-los. Assim, por exemplo, "Corpo em Branco", onde em rápidas pinceladas arma uma cena e faz tipos se movimentarem. Mas, sem que saibamos com que finalidade, quase sempre no final o autor estraga o trabalho com uma explicação inútil. A nosso ver, um trabalho deve se explicar por si mesmo, pelo que contém como mensagem artística e humana. Depois disto, se o trabalho por si não consegue transmitir o que o autor deseja, qualquer explicação subsequente é inútil e vem, além do mais, quebrar a harmonia da obra.

De qualquer forma, com seus defeitos e virtudes, o livro vale especialmente como tentativa, como busca, num gênero que deve sempre estar em evolução para viver...

MIGUEL, Salim. Notícias de Santa Catarina: "Arte é antes de mais nada emoção". **Jornal A Hora**. Porto Alegre, 29 nov. 1956, p. 11.

Tôda profissão tem sua geografia própria — Florianópolis, cidade amante do teatro — Função dos grupos amadores: levar o teatro ao povo, como meio de divulgação cultural e artística — Necessidade do apoio oficial — Progresso do teatro no Brasil — Importância da lei dois por um — É preciso incentivar o autor nacional — Outras notas

André Villon, Mario Brasini e Terezinha Austregesio numa cena de "Três à Meia Luz", original de Miguel Miura, tradução de Luiz Giovanini e Rugero Jacobbi. — (Foto de Richard Sasso)



45

Notícias de Santa Catarina

DELEGAÇÃO DE JORNALISTAS CATARINENSES AO CONGRESSO DE GOIÂNIA
FLORIANÓPOLIS, 5 (H) — O Sindicato

dos jornalistas profissionais de Santa Catarina realizou sábado último uma reunião para escolha dos elementos que representarão o Estado no Congresso de Goiânia. É a primeira vez que o Estado se fará representar num congresso da classe. Foram escolhidos: Martinho Callado Jr., Presidente do Sindicato; Adão Miranda, secretário; Dorvaldo Soares, tesoureiro e mais os jornalistas Waldir Grisard, Waldir de Oliveira Santos e Orion Platt. Além disto, cada jornal terá direito de enviar um representante.

PALESTRAS, SOBRE ASSUNTOS ECONÔMICOS, EM FRANCÊS

O Prof. Jacques Moussampê, Diretor da Aliança Francesa e Prof. da Faculdade de Filosofia, está realizando uma série de palestras sobre temas econômicos, na sede da Faculdade de Direito. As palestras serão realizadas todas as quintas-feiras, tendo sido iniciadas no dia 27, quando o Prof. Jacques discorreu a respeito do Plano Schumann de Pool, Charbon et Acier. No dia 4 falou sobre "Le rôle de masses populaires dans le mouvement français". As demais palestras serão: Dia 11 do corrente: La Loi constitutionnelle dans les deux Allemagnes.

Dia 18 — Les économies des divers pays de l'Europe occidentale sont-elles complémentaires ou concurrentes?

Dia 8 de novembro — Un des fondateurs de la république: Jules Ferry.

Dia 22 — Socialisme et féodalisme dans l'Inde de Nehru.

As palestras estão prendendo a atenção do público que tem comparecido para escutar a palavra do professor francês.

43.º ANIVERSÁRIO DO G. E. "SILVEIRA DE SOUZA"

O G. E. Silveira de Souza, modelar estabelecimento de ensino desta Capital, comemorou sábado último o seu 43.º aniversário. A recepção oferecida pelo estabelecimento, por motivo da data, compareceram: Dr. Rubens Nazareno Neves, Secretário de Educação e Cultura; Dr. Lydio Martinho Callado, Assessor Técnico; Dr. José Figueiredo de Siqueira, Diretor de Administração; Prof. George Agostinho da Silva, Diretor de Cultura; Prof. Angelo Ribeiro, Diretor de Estudos e planejamentos; Dona Jair Simões da Silva, Inspectora Geral do Ensino; Prof. Américo Vespúcio Prates, Inspetor Geral do Ensino, aposentado, e acadêmico J. Artur de Vasconcelos, oficial de Gabinete do Secretário.

Fazendo uso da palavra, a Diretora do Estabelecimento, Dona Diná Mendonça Geveard, agradeceu a presença do Secretário e demais funcionários. O Dr. Rubens Nazareno Neves dirigindo-se à professora D. Juca Callado, que há 38 anos exerce o magistério, destacou o trabalho desse herói que é o mestre, que labuta em todo o território berriga-verde e que não mede esforços para dar à Pátria a sua valiosa contribuição. Antes de se encerrar a solenidade, foi oferecido aos presentes um coquetel. Os 43 anos de existência trabalhosa e educativa do Grupo Escolar Silveira de Souza, são um verdadeiro exemplo, demonstração da eficiência, do nosso ensino.

Repercutiu de maneira favorável a campanha pró natal dos lázaros e filhos dos lázaros — Cr\$ 13.481,00 enviados pela 48.ª circunscrição escolar com sede em Joaçaba.

Delegação de jornalistas a o Congresso de Goiânia — Palestras sobre assuntos econômicos — Campanha pró-natal dos lázaros — Primeiro Salão de Artes Plásticas de Lajes — Reunião dos Governadores da Bacia Paraná-Uruguaí — Salão de Artes Fotográficas — Assembléia Legislativa — Outras notas

Continuam chegando, de todo o Estado, as contribuições Pró Natal dos lázaros e seus filhos. Ainda agora, de Joaçaba, a 48.ª circunscrição acaba de remeter Cr\$ 13.481,00. Da 55.ª circunscrição, sediada em Itajaí, chegaram 4.040 cruzeiros. E assim, de todos os recantos do Estado, vão chegando as contribuições para essa campanha humanitária e mais do que meritória.

PRIMEIRO SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS DE LAJES

Realizou-se, conforme fôra anteriormente noticiado, e com amplo sucesso, o Primeiro Salão de Artes Plásticas de Lajes. A inauguração compareceram o Secretário de Educação e Cultura, Dr. Rubens Nazareno Neves, o Diretor da Diretoria de Cultura, Prof. George Agostinho da Silva e o Prof. Ernani Correia, da Escola de Belas Artes de Porto Alegre. Além da importância que representou a mostra de Lajes, do seu valor específico, tratando-se de uma exposição à qual concorreram somente amadores, é de se destacar o que há de realmente novo no fato.

Um município do interior iniciou essa descentralização da cultura, que já hoje é uma necessidade reconhecida por todos. Embora esforço comum e que sem o apoio, a compreensão e a boa vontade de todos não se teria realizado, é bom frisar que se deve o salão à tenacidade de alguns abnegados, especialmente Fortunato Ferreira, Mário Sousa e Antônio Edú Vieira.

Alcançou o primeiro prêmio de pintura Galileu Amorim, que apresentou uma série de trabalhos de real interesse, merecendo o prêmio pelo conjunto de obra tanto quanto pelo quadro prelado. Em segundo lugar, na seção de pintura, ficou Alinir Walmbirda, que nos pareceu melhor como desenhista.

Uma surpresa e das mais agradáveis foi a do garoto de 10 anos, Antônio Jader Marques Filho, que demonstrou uma extraordinária vocação, revelando-se um artistazinho mais do que promissor. É plano da Diretoria de Cultura, e para tanto já entrou em entendimentos com o pintor Augusto Rodrigues, organizar, para o ano, uma Escola de Arte, a exemplo da que vem sendo mantida há anos no Rio de Janeiro. Seria de grande interesse que, iniciando esse plano de descentralização, pudesse a Diretoria fundar essa Escola de Arte, em Lajes, ao mesmo tempo em que lá se criava o primeiro núcleo cultural do interior do Estado.

De qualquer maneira, o exemplo do Primeiro Salão de Artes Plásticas de Lajes deve ser seguido, pois só assim é possível ir interessando uma camada sempre maior da população nos problemas culturais e artísticos.

PALESTRAS DA DIRETORIA DE CULTURA NA RÁDIO ANITA GARIBALDI

A Diretoria de Cultura, por gentileza da Rádio Anita Garibaldi, vem realizando palestras semanais sobre assuntos de seu âmbito: exposições sobre os planos de ação formulados e sobre a colaboração ativa de todos aqueles que estão interessados nos problemas de cultura. Por outro lado está apresentando regularmente relatos do que tem sido realizado.

PRIMEIRO SALÃO CATARINENSE DE ARTE FOTOGRÁFICA

Encerrou-se domingo o Primeiro Salão Catarinense de Arte Fotográfica, patrocinado pelo Clube Foto Amador de Florianópolis, que reuniu trabalhos de amadores catarinenses.

Esta primeira amostra do âmbito estadual revelou o alto nível alcançado pelos nossos fotógrafos amadores. Foi grande o número de visitantes que acorreram ao Teatro Álvaro de Carvalho, podendo comprovar, mesmo os meros espectadores, que a arte da fotografia já atingiu, entre nós, um apreciável nível técnico.

Foram em número de 39 os trabalhos selecionados pela Comissão Julgadora. "Sonho Primavera", de Jobel Cardoso, foi a foto classificada em primeiro lugar. A comissão destacou, neste trabalho, a "surpreendente técnica".

"Infames", de Eugênio Muller, conseguiu o segundo lugar. A comissão destacou no trabalho a "bela composição em escala baixa", ressaltando também a "dramaticidade do tema escolhido".

"Vésperas de exame", de Waldir Fausto Gil conseguiu a terceira classificação.

"Ernestina", de Alfredo Liberato Meyer, conseguiu quarto prêmio, tendo a comissão ressaltado o grande poder técnico que destaca a suave beleza de Ernestina Bruggemann.

"Incitamento", de Walter Jorge José, linda cena pastoril, valorizada pelo feliz aproveitamento da iluminação e do movimento, obteve a quinta colocação.

Mereceram ainda menção honrosa trabalhos da autoria dos Srs. Cúneo, de Florianópolis, Ferraz, de Itajaí e Otto e Leyendecker de Blumenau.

A Iniciativa dos amadores do Clube Foto Amador de Florianópolis é digna dos melhores aplausos. Merece o apoio de todos para que a tarefa iniciada possa prosseguir, dando-nos daqui para diante sempre melhores mostras.

SERÁ EM NOVEMBRO PRÓXIMO A REUNIÃO DOS GOVERNADORES DA BACIA PARANÁ-URUGUAÍ

Realizar-se-á, conforme já vinha sendo anteriormente anunciado, nesta capital, em novembro próximo, de acordo com a sugestão do Governador Ildo Meneghetti, a Reunião dos Governadores dos Estados que formam a Bacia Paraná-Uruguaí, oportunidade em que serão abordados assuntos de suma relevância para os Estados de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e R. G. do Sul.

O Governador Jorge Lacerda está tomando providências preliminares para que esta reunião seja coroada de pleno êxito, uma vez que será benéfica para esses Estados o resultado a que chegarem os Chefes de seus Executivos.

Podemos informar que o presidente Juscelino Kubitschek estará presente a essa reunião.

Notícias de Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS, 20 (H) — pela TAC — Durante a recente viagem do Governador do Estado ao Rio de Janeiro, onde foi tratado de assuntos relativos à política administrativa de Santa Catarina, tivemos oportunidade de fornecer aos ilustres visitantes informações a respeito do que a nossa cidade e realizado um papel do Estado. Durante os dias em que ficou, o Dr. Jorge Lacerda teve ocasião de palestrar com as mais altas personalidades do país, inclusive com o Presidente da República, sempre procurando solucionar os problemas existentes no Estado. As informações que foram fornecidas, contudo, necessariamente falhas, devido, em especial, aos poucos meios de informações com que contamos e as dificuldades encontradas no exercício da nossa tarefa. Agora, despois de nos informar o Interior, resolvemos fornecer um apêndice, embora breve, dos principais problemas tratados, das soluções, dos projetos, enfim, do que, durante sua estada, na Capital Federal, o Governador catarinense realizou.

Previamente atendidos, tendo sido adequadamente fornecidos todos os dados necessários, resolvemos organizar um resumo do que foi tratado durante os dias em que o Dr. Jorge Lacerda passou no Rio. Não julgamos necessário constar nem adjetivos. Os fatos falam por si e são eles os melhores adjetivos.

No período da sua chegada ao Rio o Governador se encontrou, no Ministério da Saúde, com o Ministro Maurício Medeiros, tendo assinado um convênio com o Departamento Nacional de Endemias Bacterianas, para combater a malária, varíola, tracoma e outras doenças do gênero. Além do Dr. Jorge Lacerda e do Ministro da Saúde, encontraram-se presentes o Dr. Mario Pinotti, Diretor Geral do Departamento, o Governador Leandro Maciel e o Dr. Aurélio Brandão, Diretor do Departamento Nacional da Saúde. Logo depois o Governador visitou outras importantes câmaras do Ministério da Saúde, tendo mantido demora da palestra com o Dr. Eriberto Soares, Diretor do Departamento de Saúde, onde tratou de assuntos de interesse para o Estado.

Outro assunto que mereceu destaque foi a visita que fez, acompanhado do Dr. Victor Pélou Jr., à Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional, mantendo demora de dragagem dos portos de Laguna e Florianópolis. Um dos problemas mais graves do Estado é o das estradas de rodagem mo-

Acórdos assinados no Rio pelo Governador Jorge Lacerda — Usina termoeletrônica de 100.000 kw. — Problema do Carvão — Portos de Laguna e Florianópolis — Visita ao Presidente da República — Reunião, na residência do Dr. Adolfo Konder, da Bancada Catarinense — Exposição do Governador a respeito dos assuntos encaminhados e da situação administrativa do Estado — Reunião dos mineradores e exploração do Dep. Paulo Preis — Reunião no Centro Catarinense, contando com a presença de inúmeras personalidades, entre as quais o Ministro Nereu Ramos — Outras notas —

tivo pelo qual o Governador manteve demora palestra com o Dr. Adolfo Konder, do Departamento Nacional das Estradas de Rodagem, ascerdos importantes providências no setor rodoviário. Visita, a seguir, em companhia do Dr. Adolfo Konder e do Dep. Fed. A. Wanderley Jr., o Ministério da Aeronáutica, conversando sobre os aeroportos de Casper, Rio do Sul, Florianópolis e outros. Asserdos a viagem do Ministro a Santa Catarina, por inspeção de aeroportos. No Ministério da Marinha, conseguiu a visita, com a maior brevidade, de duas corvetas para o 1.º Distrito Naval, destinadas à vigilância da costa, em defesa dos interesses dos pescadores, tão prejudicados e atingidos nos seus interesses pelos grandes barcos vindos de outros estados. Palestra demorada com o Ministro de Educação e o Prof. Anísio Teixeira, Diretor do INEP.

Conferência, após, com os Ministros da Agricultura e da Viação, ascerdos medidas que em muito beneficiarão Santa Catarina. No Ministério da Fazenda foi andamento a diversos assuntos de interesse do Estado, o mesmo ascerdo na visita ao Presidente do Banco do Brasil.

Sem dúvida o ponto capital desta visita do Governador Jorge Lacerda, ao Rio, foi o do estudo de uma termoeletrônica, que virá substituir ao Estado a produção de uma série de problemas. Por isso, ascerdos em que era feita a entrega ao Cel. Nelson de Melo, Chefe da Casa Militar da Presidência da República, da exposição de motivos e demais documentos necessários à montagem presidencial na referida usina. No Centro, foi feita a entrega dos presentes, a respeito, na reunião do Centro Catarinense, a que compareceram em peso a colônia catarinense, inúmeras das reuniões dos políticos-partidários, todos convidados por meio de um boletim do Centro, assim se manifestou o Ministro Nereu Ramos.

— Desde que tomou conhecimento da iniciativa do Governador Lacerda, deitou o meu apla-

udo do Colégio Estadual Luiz Vitor, Diretor do Grêmio Antártico de Barro, do Instituto de Educação, Maria Regina Campos, do Museu do Grêmio Cultural do Colégio Comercial de Jesus, Alzina Moraes, pelo Grêmio Civil Rio do Sul, do Anatel, da Escola Industrial de Florianópolis, Sérgio de Oliveira, Diretor dos Serviços de Arte e Cultura do Teatro Alvaro de Carvalho e Diretor do Teatro Catarinense de Comédia.

Quase todas as cidades do mundo são recheadas por alguma particularidade que lhes é característica.

Agora temos Praia com a Torre Eiffel, Nova Iorque com a Estátua da Liberdade, Rio de Janeiro com o Cristo Redentor. E muitas outras espalhadas pelo mundo.

Qualquer cartão postal apresenta as mesmas características. O turista não pode deixar de levar uma fotografia tendo como cenário o principal ponto atrativo da metrópole.

Não precisamos ir aos grandes centros mundiais. Uma viagem pelo interior fornece muitos suficientes para compor esta lista. Foi justamente o que nos aconteceu.

BLUMENAU, CIDADE DAS FLORES

Fizemos uma viagem para Blumenau. De nome a conhecemos. Incontáveis as referências em sua longa história.

Apesar de não ser ainda primaver, flores surreais com o número de flores que se vêem naquela cidade catarinense.

Não existem casas que hajam um jardim florido. As construções, em estilo germânico, têm a sua beleza realçada pelas flores e folhagens dos jardins.

Não é difícil que a denominação de Cidade das Flores. O aspecto verde e sempre primaverais com que nos encontramos no centro mundo, completamente diferente do asfalto de Porto Alegre.

O aspecto interno da pequena cidade interiorana é ainda mais interessante pelas ruas que a rodeiam. Os montes verdes completam o panorama do vale onde se localiza Blumenau.

A MARGEM DO ITAJAI

Blumenau é uma cidade diferente das que nós conhecemos. Não cresce para cima e nem se expande para os lados. Limitada, dentro do município, o rio Itajaí, agulha de ferro os flancos. Quem a atravessa a cidade, de ponta a ponta, fica surpreso pelo seu tamanho. Quando, entretanto, se dispõe a cruzá-la verticalmente, tem uma decepção. Encontrar apenas algumas quadras e nada mais.

A rua principal, tem mais de seis quilômetros. Ali se localiza o comércio e borboêdas das atividades principais.

RUA FLORIDAS

As ruas de Blumenau são também um atrativo constante. Nas cidades existem ruas estreitas, onde proliferam lindas flores. O colorido destes castiços, em fundo verde, formam, com as árvores das alamedas, um cenário onde sempre se torna agradável um passeio.

Ninguém, dos habitantes de Blumenau, tem coragem de olhar flores. Quem o fizer, ou pior, ao plantar na grama, está sujeito a uma multa de cinquenta cruzeiros.

NO REINO DA BICICLETA

Mas não é somente o aspecto natural que torna Blumenau uma bela cidade. O que foi construído pelo mão do homem também é digno de ser visto. Quase não se vêem pessoas andando a pé. Todos andam de bicicleta.

Segundo conseguimos apurar, existem 20.000 habitantes e 16.000 bicicletas.

Surpreendemo-nos quando vimos, numas ruas, senhoras idosas, de sua senectaria anos, montadas numa máquina deste tipo. Crianças, se-

As multi-coloridas vitrines dão um aspecto de graça ao ambiente. Este movimento vai até uma das terminais hora. Repentinamente todos se recolhiam e então esta mesma rua fica tomada de uma apatia enervante.

CIDADE INDUSTRIAL

No terreno Industrial, Blumenau está muito bem servida. Todas as cidades trabalham. As moças das melhores famílias não têm compromisso em usar roupas de serviço e trabalhar durante oito horas. "Aqui todos são do latão!" — tal o fato o que nos deu uma sensação, ao ser informado.

Um reflexo desta atividade está na produção industrial de Blumenau. Existem indústrias por todos os lados. Desde pequenas oficinas até grandes fábricas.

A média do imposto de renda por pessoa é de Cr\$ 4.500,00 por ano, sendo a maior alta do Brasil. Entretanto, quem analisa Blumenau pelas pessoas que encontra, nunca imaginaria que a cidade possuísse estas riquezas. Sendo assim, a riqueza da cidade não vem de fora, mas de dentro, sendo o resultado de uma situação econômica que na realidade existe.

037: Governador Jorge Lacerda: a hora propicia maior e mais fraternal aproximação entre a gente gaúcha e a gente de Santa Catarina

MIGUEL, Salim. Governador Jorge Lacerda: a hora propicia maior e mais fraternal aproximação entre a gente gaúcha e a gente de Santa Catarina. **Jornal A Hora**. Porto Alegre, 2 dez. 1956, p. 25.

Governador Jorge Lacerda:

A Hora Propicia Maior e Mais Fraternal Aproximação Entre a Gente Gaúcha e a Gente de Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS, 28 (Da correspondente Salim Miguel) — Pela TAC — A propósito do segundo aniversário de A HORA, resolvemos colher alguns depoimentos de personalidades, que poderiam nos dizer como vêem o jornal e como o mesmo vem sendo recebido entre nós. Nestes seus dois anos de vida A HORA tem dado bastante atenção a Santa Catarina, procurando manter um noticiário regular a respeito do que vem acontecendo em nosso Estado. Seria interessante, portanto, saber o que pensam as pessoas a respeito do mais novo jornal do Rio Grande.

Inicialmente procuramos ouvir o Governador do Estado. Velho jornalista sabendo como pouco do significado de um jornal bem feito e bem orientado para a coletividade, o Dr. Jorge Lacerda, prontamente nos respondeu:

"De regresso da recente Conferência de Tórron, onde, com o Ilustre Governador Ildo Meneguetti foram estudados, nos seus múltiplos aspectos, problemas de maior importância para Santa Catarina e Rio Grande do Sul — em particularmente grato saudar com efusão o transcurso do aniversário de A HORA, o grande matutino porto-alegrense, cuja projeção, tão ampla tão profunda, no cenário da imprensa nacional, vem contribuindo iniludivelmente através de palpante noticiário de interesse dos dois Estados sulinos, para propiciar maior e mais fraternal aproximação entre a gente gaúcha e a gente barriga-verde".

O dr. Rubens Nazareno Neves, Secretário da Educação e Cultura, logo que por nós foi solicitado, assim se manifestou: "No ensejo do 2.º aniversário do brilhante órgão da imprensa gaúcha A HORA congratulo-me com os seus organizadores e diligentes pela contribuição magnífica que aquele matutino porto-alegrense vem dando à solução de problemas nacionais, com o focalizar, inteligentemente, temas e assuntos de palpante atualidade brasileira.

Destaco, sobretudo, o interesse especial com que essa democrática folha vem tratando os problemas, épicas e aspectos da vida catarinense, tornando-se credora de todo apoio e consideração da gente barriga-verde.

A profunda e intensiva penetração desse vibrante jornal em todos os recantos de Santa Catarina bem atesta o elevado conceito de que desfruta perante a opinião pública de meu Estado."

Aqui ficam, na oportunidade, minhas efusivas felicitações e meus sinceros cumprimentos à Imprensa gaúcha, no transcurso do segundo aniversário do valioso jornal A HORA.

Luiz Fiúza Lima é um homem dinâmico. Organizador e diretor da Transportes Aéreos Catarinenses (TAC), Luiz Fiúza Lima não para. Al estalô o "Clube do Peixeiro", o "Dunas Hotel", o Plano de Férias TAC e inúmeras outras atividades que bem atestam a sua capacidade de realização. Não foi difícil colher suas palavras a respeito do assunto aniversário de A HORA:

"É um dos diários mais vibrantes e completos do Brasil. O Rio Grande deve orgulhar-se desta folha, e com justa razão. Já mantive contato com elementos da sua equipe e pude constatar a capacidade e inteligência de seus colaboradores.

De feição técnica moderna, matéria dinâmica, paginada com arte A HORA é leitura diária obrigatória para mim. Seu movimento em prol do turismo é de grande valor, bem como a campanha sobre as tradições gaúchas. O corpo redatorial acompanha a feitura do jornal, e vê-se, em suas páginas, o carinho para com o leitor, o cuidado na seleção de notícias, e a preocupação sempre

plenitude de sua maioridade. Formulou, ao mesmo tempo, os mais calorosos votos de crescente prosperidade a este matutino, ao qual deve o meu Estado tão relevantes serviços."

Criada recentemente, a Diretoria da Cultura, da Secretaria de Educação — Cultura, tendo à frente o prof. George Agostinho da Silva, vem realizando uma tarefa de grande importância no setor cultural. São dele as declarações seguintes:

"A HORA é sempre para nós o informador esclarecido, inteligente, honesto. São estas naturalmente as qualidades que reclamamos de um bom jornal e são estas, sempre, as qualidades encontradas em A HORA. Em segundo lugar, traz-nos A HORA o melhor da presença do Rio Grande do Sul, a sua orgulhosa tradição, a sua confiança no futuro, a coragem nunca desmentida nas grandes lutas da história ou nas requentes lutas do dia a dia. Certo, porém, que é um terceiro aspecto o que mais desejaria pôr em relevo: o da sua indispensável e valiosíssima contribuição para fazer do Rio Grande e de Santa Catarina o que os dois Estados devem ser: irmãos de coração, irmãos de ideal, irmãos na marcha paralela para um destino economicamente independente e moralmente perfeitado".

Aníbal Nunes Pires é advogado, lente da cadeira de literatura brasileira da Faculdade Catarinen-

se de Filosofia, poeta (ainda agora acaba de lançar o volume de poemas "Terra Fraca") e um dos diretores da Revista "SUL". Declarou-nos:

"Saúdo em A HORA, neste seu segundo aniversário, não só o jornal bem feito, moderno, que procura atingir sempre uma camada mais ampla da população, mas também um jornal preocupado com os problemas do povo, procurando contribuir para que o Brasil vá adiante. Quero destacar ainda o interesse que desde o seu aparecimento o jornal vem dedicando a Santa Catarina. Através das suas "Notícias de Santa Catarina", A HORA vem não só divulgando as nossas coisas, como também fazendo um bom trabalho de aproximação e de conhecimento mútuos".

Dr. Aído Dittrich, Diretor do "Semadrio "Unidade" declarou: "O Jornal A HORA de Porto Alegre vem se impondo dia a dia em nosso Estado pela sua apresentação gráfica e pelas notícias de interesse geral e principalmente pelo noticiário catarinense".

SOLICITE pelo fone 2-4763 uma assinatura de A HORA e receba diariamente, nosso jornal em sua residência.

Notícias de Santa Catarina

Em entrevista exclusiva à "A HORA"

CONFISSÕES DO ESCRITOR MARQUES REBELO

FLORIANÓPOLIS, 24 (do correspondente (Salim Miguel) — pela Tac — Desde sua primeira visita, devem fazer oito anos, que Marques Rebelo gostou de Florianópolis. Da cidade com seu jeitão tranqüilo, para ele homem nada tranqüilo, com sua paisagem e seu casario velho, até mesmo com seu vento sul. "Gostando muito!" nos disse Marques Rebelo daquela vez. E voltou. E tem voltado periodicamente, para descansar e para rever os amigos e admiradores que aqui deixou. A cidade o acolhe com a mesma simpatia de sempre, quase imutável, pois sabe-o um amigo, um velho viajor e conhecedor de cidades. Entregase — e Marques sabe descobrir logo os segredos, dono que é dos segredos da cidade mais difícil: Rio de Janeiro.

Falar do escritor Marques Rebelo nos parece inútil. Não há hoje entre nós pessoa interessada, ainda que medianamente, pelos problemas da cultura, que o ignore. A par do escritor, e um dos nossos melhores escritores contemporâneos, é um divulgador e incentivador das artes, tendo percorrido o país e países do exterior levando mostras da nossa pintura, organizando exposições, proferindo conferências, criando museus, num trabalho constante e persistente de divulgação. Pequeno, vivo, de uma atividade extraordinária, com um riso constante e sarcástico, é além do mais um nome temido e respeitado. São famosas as suas tiradas. E é admirada a sua franqueza, a coragem e sinceridade com que diz o que lhe parece a respeito do que vê.

Agora, beirando os 50, o autor de "A Estrela Sobe" é um nome consagrado. Mas nada de posar de figurão. Permanece jovem de espírito, o mesmo jovem de antes. Apenas um jovem com maior dose de experiência, mais vivido, mais cético e... mais humano. No fundo o que Marques Rebelo esconde, juntamente com o Edi Dias da Cruz, é uma grande dose de solidariedade humana, de compreensão, sob aquela capa de ceticismo.

A Livraria Martins de São Paulo iniciou há pouco o lançamento das "Obras Completas de Marques Rebelo", muito embora o autor não tenha ar de haver completado a sua tarefa nem dado por inteiro a sua mensagem.

Como não poderia deixar de ser, tão logo soubemos da chegada de Marques, fomos procurá-lo, levar-lhe o nosso abraço. Foi no meio da conversa que surgiu a idéia deste bate-papo para os nossos leitores. Marques concordou. Começamos:

— Que achou de Florianópolis, agora nesta sua visita, depois de uma ausência de quatro anos?

— "Ao chegar encontrei-me logo com a electricidade, que faltava quando da minha última visita e que, me parece, animou muito a vida daqui, dando uma atividade maior ao ambiente catarinense. Isto, enfim, deu campo para um velho pensamento meu: não basta haver electricidade. É preciso saber fazer bom uso dela. Algumas vezes o dinamismo que ela provoca é muito mais contra a humanidade do que a favor. Muitas vezes até mesmo não é bom substituir a calma pelo alvoroço. A cidade, vítima da energia elétrica, começou a progredir. Sente-se orgulhosa porque as estatísticas dizem que o índice da população dobrou. Outra coisa curiosa: constatei que há orgulho por uma inovação que da minha última visita não havia: "buares". Ora, não sei que espécie de progresso possa ser este!"

Como sabíamos de seu amor pela Flo-

Há quatro anos não vinha a Florianópolis. Encontro com a luz. Impressões da cidade e do Governo Jorge Lacerda. "Orgulho" pela existência de buates. Planos para o Museu de Arte Moderna. Movimento do grupo "SUL". Problemas das edições no Brasil. Obras completas, para terminar a atividade literária. "Encerrei minha carreira de escritor com "Espelho Partido", obra de vinte anos de trabalho, e que se não é importante, é grande e val aborrecer uma porção de sujeitinhos importantes com a idéia que eu tenho deles".

Florianópolis de casario simples, perguntamos:

— Você já reparou nos novos edifícios?

— "Já. Infelizmente. Substituição dos antigos casarões que tanta graça e característica própria davam à cidade, emprestando-lhe uma fisionomia particular, e que deveriam ser conservados como exemplo de boa tradição, por bobagens de cimento armado".

Marques Rebelo para, pensa um pouco e continua:

— "Enfim, nós devemos marchar com o tempo e com estes homens que fazem o tempo. Procurar aproveitar essa onda de energia para realizar obra valiosa, boa, duradoura. E aqui, quero crer, que, agora, isto possa realmente ser realizado, pois o Estado está entregue a um administrador capaz e verdadeiramente responsável".

— Foi a convite do Governador que veio desta vez a Florianópolis?

— "Sim. Pediu-me ele que dessemos uma olhada, o Flávio de Aquino e eu, na obra que há oito anos fundamos: o Museu de Arte Moderna de Florianópolis. Acreditamos que o que falta ao Museu é uma sede, realmente técnica, funcional, com pessoal especializado, que permita guardar o patrimônio já bastante valioso, que permita se realizarem exposições, conferências, cursos, enfim, um museu realmente vivo e atuante. Isto é o que vai ser feito. Então, a cidade e o Estado terão um centro de cultura que seria indesculpável não ter, exatamente no momento em que se abre para a cidade um novo ritmo de realizações.

"Também aproveitamos — prossegue ele — para olhar o que está se fazendo no grupo "SUL", e só encontramos uma dificuldade para que o trabalho destes jovens dê melhores frutos. É que a parte gráfica das suas publicações esteja num nível muito baixo, muito aquém do que entre nós já se faz, nos tempos de hoje, em matéria de artes gráficas. Há necessidade urgente de se remodelar e aperfeiçoar o parque gráfico catarinense, a arte gráfica no Estado. Isto me parece premente e inadiável.

Arte gráfica não constitui um luxo. Não basta que o conteúdo de uma obra seja importante. É indispensável que se apresente de uma maneira que seja fácil e agradável, convide à leitura. Vejamos aqui mesmo no Brasil, onde as artes gráficas são ainda bastante precárias. Tem havido, contudo, nos últimos anos, um grande esforço para renová-las e atualizá-las. Os resultados aí estão. Observa-se as nossas últimas edições. Já apre-

sentam um aspecto gráfico realmente melhor. E note-se que na imprensa — jornais e revistas — essa melhoria é manifestada. Jornal e revista que não for bem feito, bem paginado, bem impresso, não tem vez. Nossos editores já estão compreendendo isto e é bom que aqui também se faça um esforço no sentido de melhorar o padrão de apresentação".

De Marques Rebelo, a Livraria Martins Editora iniciou, há pouco, em edição gráfica das melhores, as "Obras Completas", que entre inéditos e reedições atingirá 15 volumes. Já apareceram "Marrafa" e "Cortina de Ferro". Um dos escritores menos convencionais que conhecemos, não podíamos imaginar o Marques metido em roupagens de "obras completas". Mesmo porque obras completas pressupõe fim. E muito embora ele diga e repita que encerrou sua carreira literária, não poderemos crer nem concordar com as razões que para isto apresenta. Vemos que muito ainda poderá nos dar de valor em prol da cultura nacional, da míngua cultura nacional, diria ele. Mais um motivo para que os que tenham alguma coisa para dizer, uma mensagem a transmitir, não se caíem. A próxima pergunta que lhe fizemos, portanto, foi:

— Autor já de obras completas, como se vê você nesta roupagem?

— "Olha, rapaz, foi foi um contentamento, um alívio que eu tive e que não pensava ter. Poder ver todas as minhas obras reunidas num único editor, numa edição uniforme, enfileiradinha".

— Quando espera ter todos os livros publicados?

— "O cálculo do Martins é ter até meados de 57 editado os 14 primeiros volumes. Aí então começaria a ser lançado o "Espelho Partido", em 5 volumes num total de mais ou menos 2 mil páginas, aparecendo de dois em dois meses um volume. Mas isto não se pode garantir, por causa do papel, já que as cotas para os editores são cortadas incrivelmente".

— Modificou alguma coisa nas reedições?

— "Só em "Marrafa". Fiz uma revisão geral do trabalho para esta publicação, que considero definitiva. Você sabe, o livro nunca me agradou. Para a segunda edição já havia mudado alguma coisa. Mas desta vez refundi o livro por inteiro, tornando-o uma coisa mais sólida, só agora me satisfazendo. Nos outros praticamente não mexi. Um que outro detalhe, mais nada. Além das reedições, há livros novos dentro das "obras", como por exemplo "Correio Europeu", comentários e impressões sobre 13 ou 14 países e "Cortina de Ferro", um livro deliberadamente só sobre a Tchecoslováquia e URSS. Reservei para o fim "Espelho Partido", com o qual, como já disse, encerro minha atividade literária. Neste livro venho trabalhando há vinte anos. E se não tiver nenhuma outra virtude, terá o de ser grande.

É um panorama da vida brasileira nestes últimos 20 anos. Vai aborrecer muita gente, uma porção de sujeitinhos importantes com a idéia que eu tenho deles. E com ele, insisto, findará minha vida literária. O que tinha para dizer, aí fica dito. Não creio poder, daqui para diante, dizer algo mais do que isto que vai dito nas "obras", em especial "Espelho Partido", no qual trabalhei vinte anos, síntese de tudo que vi e senti. E que se não é importante, é grande, conclui, com uma gargalhada, Marques Rebelo".

Notícias de Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS, 18 (Do Correspondente Salim MIGUEL) — pela TAC — De volta de Pôrto Alegre, onde esteve com um grupo de geógrafos, encontra-se entre nós o escritor e jornalista Afonso Varzea. Nome sobejamente conhecido jornalista e geógrafo, é filho do escritor Virgílio Varzea, que nasceu em Florianópolis e que pode hoje ser considerado o nosso melhor marinhista. Afonso Varzea se bem não tenha seguido os rumos do pai, no que tange aos problemas do mar, seguiu-o na vocação de escritor. Tem já uma vasta bagagem literária, composta, principalmente, de estudos e pesquisas, que lhe asseguram um lugar de destaque entre os nossos estudiosos. Resolvemos aproveitar a breve estada do autor de "Manual de Geografia", entre nós para entrevistá-lo.

— "Há cinco anos não revia Pôrto Alegre" — começou ele, quando lhe dissemos que éramos do jornal A HORA e ao que vínhamos. "Achei Pôrto Alegre uma verdadeira maravilha, tendo voltado encantado com a cidade, com a sua gente, com tudo o que vi e senti. Visitei o Instituto de Educação, o Colégio Piratini, Colégio Júlio de Castilhos e trouxe dessas casas de ensino a melhor das impressões. No Colégio Piratini dei uma aula sobre geografia às moças e rapazes. Durante toda a minha estada fui cercado de gentilezas pelos geógrafos sul-rio-grandenses. Estre esses fiquei cativado — e devo destacá-lo — pela maneira gentilíssima porque me tratou, a professora Leonor Teixeira. Leonor Teixeira, que eu já conhecia do recente XVIII Congresso Internacional de Geografia há pouco realizado no Rio, e onde teve uma atuação brilhante. Também muito me cativou o modo como fui recebido pelo Governador do Rio Grande do Sul, engenheiro Ildo Menegheti, e pelo Dr. Adail Morais, quando da minha ida ao Palácio."

A respeito de Florianópolis, Afonso Varzea declara que aqui esteve, pela última vez, em 1950.

— "Vim - diz-nos ele - com o propósito de me encontrar com o Dr. Aderbal Ramos da Silva, então Governador do Estado, a quem fora incumbido de entrevistar politicamente. Recebeu-me muito amavelmente na sua residência de Coqueiro".

— Que achou de Florianópolis nesta visita de agora?

— Só posso dizer que melhorou muito a cidade, agora duplicou. Vejo que a cidade progride. Surgem novos prédios, há um movimento mais intenso em todos os setores. Quanto ao setor propriamente cultural, quero salientar o grupo da "SUL", que a meu ver vem reeditando com um elan moderno o que Virgílio Varzea e Cruz e Sousa fizeram na década de 1880. Tenho tido algum contacto com outros elementos e encontro sempre pessoas interessadas nos mais variados problemas da cultura. Tive oportunidade de avistar-me com o Governador do Estado, o Dr. Jorge Lacerda, que é também homem de imprensa, jornalista que militou durante anos na imprensa do Rio, e sai com a melhor das impressões. Da sua capacidade de realização muito há que esperar."

— Sobre suas atividades literárias, decalou o nosso entrevistado:

— "Este ano estou inteiramente dedicado à técnica geográfica. Já porque era membro do XVIII Congresso Internacional de Geografia, já porque tenho duas geografias em redição: "Geografia do Distrito Federal" e "Manual de Geografia", éste em coautoria com o grande professor e geógrafo José Veríssimo da Costa Pereira, falecido o ano passado, a bordo de um avião, quando efetuava estudos de geo-morfologia no vale do Amazonas."

A respeito deste livro é bom salientar que, quando apareceu, em 1932, revolucionou a técnica da didática geográfica no país pelos métodos adotados.

"Devo lançar, até novembro, outro livro sobre técnica geográfica, com um novo método inovador. Chama-se "Que é Geografia?"

Entrevista com o escritor e jornalista Afonso Varzea — Dois trabalhos a serem publicados: República do Piratini e República Juliana — Planos para o Museu de Arte Moderna

Um dos livros de maior sucesso de Afonso Varzea é "A Volta do Mundo Por Dois Garotos", que é dedicado a seu pai, Virgílio Varzea e que se encontra já em décima edição, coisa rara no Brasil. Traz ilustrações de F. Aquarons.

Afonso Varzea vem, nos últimos anos, se dedicando a uma tarefa exaustiva: classificação do arquivo deixado por Virgílio Varzea, que é enorme, compondo-se principalmente de cartas de quase todos os escritores brasileiros e portugueses contemporâneos do autor do "Brigue Elibusteiro".

Prepara ainda dois inéditos documentadíssimos e que nos parecem de um valor inestimável. Trata-se da "República do Piratini", estudo da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, trabalho para o qual seu pai Virgílio Varzea se dedicou com afinco, realizando pesquisas, com muitos depoimentos inéditos colhidos nos próprios locais dos acontecimentos e que foram percorridos por Virgílio Varzea e "A República Juliana", que é um estudo detalhado e minucioso dos "Farrapos" em Santa Catarina. Só os autógrafos que ilustram estes dois volumes são de um grande valor. Seria mesmo de grande interesse que os governos dos dois Estados tratassem da edição das obras em questão. É mesmo de se estranhar que documentos tão valiosos para a compreensão de um dos períodos mais complexos da vida do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, permaneçam até hoje inéditos, ignorados, impossibilitando que se faça maiores estudos e se tenha uma visão nítida dos problemas da época.

Aproveitando a permanência entre nós do escritor, a Diretoria de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura convidou-o para realizar duas palestras, uma no Teatro Álvaro de Carvalho e a segunda na Faculdade de Filosofia.

A primeira, "Virgílio Varzea e os marinheiros americanos", abordando aspectos pouco conhecidos da personalidade deste escritor que é um dos mais importantes do país no gênero. E ninguém melhor do que Afonso Varzea para nos esclarecer a respeito de Virgílio Varzea.

A segunda "Geografia do Oceano", será realizada dia 18, quando Afonso Varzea terá oportunidade de dar aos ouvintes uma visão geral do problema que estudará.

PLANOS PARA O MUSEU DE ARTE MODERNA DE FLORIANÓPOLIS

FLORIANÓPOLIS, 19 (H) — pela TAC — A convite do Governador Jorge Lacerda, estiveram em Florianópolis, o escritor Marques Rebêlo e o arquiteto e crítico de artes plásticas Flávio de Aquino. Aqui vieram tratar do "caso do museu". Como se sabe, há quase oito anos, quando da sua primeira vinda a Florianópolis, Marques Rebêlo, que aqui viera para trazer uma exposição de Arte Contemporânea, encontrando um grupo de pessoas interessadas, deixou organizado o Museu de Arte Moderna. O museu, através de doações, foi crescendo e hoje já possui um patrimônio valioso. Tem contribuído de maneira poderosa para uma me-

lhor compreensão dos problemas da arte, em especial da arte moderna. É diretor do Museu o conhecido pintor Martinho de Haro, prêmio de viagem à Europa pelo Salão Nacional e sem dúvida o nosso melhor pintor. Martinho de Haro tem trabalhado incansavelmente para levar a frente o museu, chegando mesmo a prejudicar sua vida de artista para cuidar dos assuntos do museu. Mas o problema do museu é mais complexo. Exige não só dedicação; exige também colaboração ativa, participação de outras pessoas; exige interesse por parte do governo; exige local adequado. Com tudo isto vai contar agora o museu. O atual governador, dr. Jorge Lacerda, que foi um dos fundadores do museu, mandou chamar Marques Rebêlo e Flávio de Aquino precisamente para isto: levar a frente os planos do museu. Há muito que havia uma planta para um edifício a ele destinado, do arquiteto Flávio de Aquino, planta simples, funcional econômica — e que agora vai ser construída. Na recepção oferecida a Marques Rebêlo e Flávio de Aquino, pela direção do museu, onde estiveram presentes diversas personalidades, políticas, jornalistas, artistas, escritores, etc. o governador do Estado, Dr. Jorge Lacerda, teve oportunidade de, falando, prometer que iria estudar com carinho o caso do museu e que logo seria concretizado o sonho dos seus diretores. Lá estava a planta, que pendeu ser admirada por todos os presentes. Depois falou Marques Rebêlo, que destacou o papel exercido pela atual direção do museu. Históriu rapidamente como nascera o museu, a participação dele, do governador Jorge Lacerda, do grupo de jovens da revista "SUL", de outras pessoas interessadas; falou das doações, preciosas. Terminou dizendo que, no novo prédio, o museu teria oportunidade de realizar uma tarefa importantíssima de divulgação e melhoria do gosto cultural e artístico. Pediu que todos ajudassem o museu nas suas campanhas. Um museu, disse mais ele, deve ser uma coisa viva, atuante, não mero lugar de se guardar quadros, mas onde se realizem exposições, debates, conferências, cursos etc. Foi sem dúvida proveitosa a vinda destes nossos dois amigos que deram um bom impulso ao M.A.M. de Florianópolis.

CINQUENTENÁRIO DO COLÉGIO CATARINENSE

Nos dias 14, 15 e 16 realizaram-se as comemorações do cinquentenário de fundação do Colégio Catarinense, modelar estabelecimento de ensino, que durante estes anos vem batalhando em prol do ensino e da cultura entre nós. Neste seu meio século de existência, o Colégio Catarinense tem formado gerações e gerações, algumas delas hoje em postos de destaque quer na política, quer no ensino, como nas artes, nas letras, na indústria, no comércio etc. Fundado em 1906 pelo Cel. Vidal de Oliveira Ramos, Pe. Provincial Carlos Schaeffer S. J. e Padre Luis Schuler S. J., e atualmente dirigido pelo Padre Ojé Carlos Nunes S. J.

Do vasto programa de comemorações destacamos: dia 14, inauguração da "Vila Fátima", no Morro das Pedras, às 12,30 horas. Às 13 horas, no mesmo local, foi oferecido um churrasco aos presentes. Às 16 horas inauguração do oratório São Luiz na Fazenda Stella Maris, em Rio Tavares. No dia seguinte, além de missa e competições esportivas, realizou-se um almoço de confraternização de mestres e ex-alunos, no Lira Tênis Clube. À noite, no Teatro Álvaro de Carvalho, sessão solene comemorativa, quando fizeram uso da palavra o Diretor de Cultura do Estado, prof. Agostinho da Silva, representando o Secretário de Educação e Cultura, o dr. Jorge Lacerda, atual Governador do Estado, ex-aluno, tendo sido a sessão presidida pelo Cardeal D. Jaime Câmara, que também foi aluno do tradicional estabelecimento. Dia 16 tiveram prosseguimento as festividades, encerrando-se às 19 horas, com Missa e Te Deum na Catedral Metropolitana.

040: Depoimento: o movimento da revista sul e a literatura catarinense

MIGUEL, Salim. Depoimento: o movimento da revista sul e a literatura catarinense. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 5 maio.1956, p. 8. Suplemento.

DEPOIMENTO

(O movimento da revista SUL e a literatura catarinense)

Salim MIGUEL

Não é exagero dizer-se que foi com o movimento da revista "Sul" que teve início uma reviravolta no campo da literatura catarinense. Se esta reviravolta foi benéfica ou não, se perdurará ou não, se alguns de seus elementos permanecerão, no momento não vem ao caso estudar nem terá grande importância para o que pretendemos. O que importa, o que conta de verdade é anotar o fato — eis o que estamos fazendo. Existe e é incontestável, quer queiram quer não.

Difícil se torna precisar o momento exato em que nasceu o movimento. Existia aquela natural efervescência, existia um grupo de jovens que de repente se encontrou, se viu junto nesta mui valerosa cidade de Nossa Senhora do Desterro, discutindo os mais diversos problemas, que se se atracando em defesa deles. O mesmo que fazem milhares de outros jovens nas mais diversas partes do mundo. E existia a necessidade de extravasar, de vir para a rua. E' que chega uma hora em que não bastam as leituras, não bastam os estudos em conjunto nem as discussões de grupo. Contudo, aqui, não havia meio, não havia ambiente, a nossa era uma imprensa limitada às medíocres discussões políticas de províncias só se preocupando com fútricas e diz-que-diz-que. Ninguém iria dar atenção ao que um grupo de jovens pensava, muitos olhando-os desconfiadamente.

Devia porém existir um meio de romper as barreiras. A primeira manifestação pública foi um jornalzinho datilografado, que corria de mão em mão e que morreu no 4º número por não preencher as finalidades. Precisava-se de ambiente mais amplo, de maiores possibilidades, aquilo não bastava, sufocava-se. E surgiu um outro jornal, este já impresso, "Fôlha da Juventude", informe, confuso, mas onde grande parte do grupo se ensaiou. Logo morreu do mal do 6º número. Era o diabo! O que não morreu com ele, pelo contrário, aumentou, foi o entusiasmo. Então andava-se lá por 1947 e o grupo se ampliava com outros elementos, conseguiu "furar" os jornais da terra, esporadicamente publicava-se neles um que outro trabalho. Faziam-se reuniões, participava-se de debates, ia-se às conferências, em tudo metendo "os peitos". Já se falava "na gente" — conforme se convencionou dizer. Era alguma coisa.

Teatro, cinema, pintura, música, política, literatura, tudo de uma maneira mais ou menos desordenada interessava aos componentes do grupo. E foram surgindo os primeiros espetáculos de teatro ("Teatro de Câmara", "Teatro Experimental"); e foram sendo exibidos os primeiros filmes do Clube de Cinema; e foram realizados os primeiros serões musicais; e foram organizadas exposições de pintura, que culminou com a de Marques Rebelo, apresentando aqui pintores brasileiros contemporâneos.

Nesse meio tempo, depois de inúmeras reuniões, debates, confabulações, visitas às oficinas gráficas, orçamentos acertos de contas, etc., surgiu o primeiro número da revista "Sul". Era o que estava faltando. A insatisfação maior girava em torno disto. Um órgão onde todos pudessem se manifestar francamente, dizer o que pensavam, da maneira como o pensavam. Um órgão onde se congregaram elementos das mais variadas tendências e correntes filosóficas, políticas, religiosas. Um órgão, afinal, que viria a dar nome ao grupo.

mais nada menos do que outra revista de novos entre as já inúmeras revistas de novos. Com talvez uma única diferença, e que a caracterizou. "Sul" veio cair justamente num meio onde o movimento da "semana de arte moderna" não havia chegado. Entre nós, para dar um exemplo, em matéria de literatura, os que avançavam muito conheciam o Manuel Bandeira da primeira fase, o Manuel Bandeira poeta do "Eu faço versos como quem chora...", lamentando que depois se houvesse perdido um jovem "tão promissor". No mais repetia-se os parnasianos, copiava-se um simbolismozinho de mela tijela para não esquecer o "nosso Cruz e Souza", repetia-se, até nas formulas, o Eça, que permanecia a última palavra das letras, para pessoas "super avançadas", macaqueava-se mais um ou outro nome. Para uma confirmação da veracidade do que afirmamos é bastante folhear jornais ou publicações de uns poucos anos atrás.

Ora, num meio sem verdadeira tradição literária, com dois ou três nomes de peso nas letras nacionais (Cruz e Souza, muito bem, Luiz Delfino e Virgílio Varzea com restrições que mais?) sem publicações que se interessassem verdadeiramente pelas letras e artes, pelos problemas gerais de cultura, com jornais os mais provincianos possíveis preocupados só e exclusivamente com uma política mesquinha no que ela tem de menor e menos importante, num meio destes, que se poderia esperar? Nada! Era o que existia.

A Academia Catarinense de Letras era (é) uma bela adormecida... nos bosques da indiferença. Outros grupos não existiam. Havia um que outro lobo solitário das letras. Este, contudo, ou acabava se perdendo entre a apatia geral, ou emigrava para outros estados. Um marasmo total ia por tudo.

Foi em tal meio que apareceu a revista "Sul". A princípio sem a chamar maior atenção. A maioria dela não tomando conhecimento, meia duzia de "donos da praça" achando que não iria além do terceiro número, uns quantos olhando, beneplacitadamente e com uma simpatia um tanto condida, bem raros os que alcançavam ver mais longe, enquanto outros punham mãos à cabeça, horrorizados.

Mas veio o primeiro, veio o segundo, o terceiro, quarto, quinto, décimo número e a revista resistindo, procurando se infiltrar, debater temas de interesse cultural, chamar a atenção para um sem numero de problemas, sacudir o marasmo geral. Não acreditamos que o tenha conseguido na medida que seria necessário. Mas trabalhou e continua trabalhando para melhorar as condições ambientes. E abriu caminhos para os outros "novos", fez o trabalho mais difícil e mais ingrato.

E quase pode-se dizer sem medo de erro que fez, em condições diferentes, e em escala municipal provinciana, embora a longo prazo, o que a "semana" fez em São Paulo. Repetiu em 47 o 22. Um anacronismo, já se vê. Inclusive com repetição até dos mesmos absurdos, das mesmas brincadeiras, do mesmo espírito "pour epater". Logicamente que num outro clima. Mas em síntese, e a priori, a coisa foi a mesma. Com idêntica repercussão com debates, brigas etc.

Dos primeiros números da re-

grupo.

Agora que nove anos são passados desde o aparecimento da revista, talvez seja de algum interesse dizer como surgiu e como se fez o primeiro número. Mas não! As dificuldades, as lutas, as incompreensões que cercam uma publicação do gênero, são mais ou menos iguais em toda a parte. Especialmente nos lugares pequenos. E a história é por demais conhecida. É bom dizer, contudo, que, à época, havia uma verdadeira floração de publicações de novos. Todas tendo alguma coisa para dizer. Certa ou errada, mas tendo. Todas com uma mensagem, procurando refletir o ambiente, o meio e as condições sociais, a par dos problemas estéticos. Consciente ou inconscientemente, pois por mais que queira fugir uma pessoa ao seu meio, isto lhe é impossível. Ela, por bem ou por mal, o reflete. Era o que se dava, de uma maneira mais ou menos incipiente, como não poderia deixar de ser, porém vibrante de entusiasmo e esperança.

O número de tais publicações ultrapassava a casa dos trinta. Praticamente não havia Estado em que uma ou mais publicações não existissem. Citemos algumas entre as mais conhecidas: no R. G. do Sul, "Quixote", "Fronteira"; no Paraná, "Joachim", uma das pioneiras; em São Paulo, "Revista Brasileira de Poesia", "Tentativa"; no Rio, "Orfeu", "Cronos", "Revista Branca"; em Minas, "Terra da Verde", surgia "Meia-pataca"; na Bahia, "Cadernos da Bahia"; no Ceará, "Clá"; em Pernambuco, "Nordeste"; no Rio Grande do Norte, "Bando"; no Maranhão, "Ilha"; no Piauí, "Meridiano". E outras, muitas outras.

Foi no meio de tal efervescência que apareceu "Sul". Nada

Dos primeiros números da revista, ainda informes, até hoje, um bom caminho foi andado. Muita coisa certamente há que revisar; muitos pontos são passíveis de crítica. Pode ser que, no futuro, individualmente falando, nenhum nome do grupo fique com uma realização. Mas sobrará o movimento em si. Ficará como um todo, desigual mas coerente na sua procura de uma expressão e de uma cultura nacional. Eis porque, neste depoimento, timbramos em não citar nomes. Procuramos, apenas, dar um ligeiro panorama do movimento "Sul" dentro nas letras catarinenses. Hoje em dia é impossível falar-se em literatura catarinense sem se falar no grupo da revista "Sul". Com a revista, já no 26º número, com as edições (6), com os cadernos (3), com tudo o mais que realizou e vem realizando, trabalha para integrar a literatura catarinense no conjunto das demais literaturas regionais do Brasil, isto sem nenhum caráter de ostensivo regionalismo, mas sempre dentro de um ponto de vista nacional e popular, ligado às coisas do povo e que é, em síntese, a melhor maneira de realizar uma obra universal.

Não temos, nem de leve, o convencimento de julgar que foi modificado de maneira total, o ambiente e como deveria ter sido, seguindo-se ou não as ideias da revista. Mas que houve uma modificação, e para melhor, isto é inegável. A revista serviu como um reativo, um estimulante. E arejou o meio, permitiu o aparecimento de outros grupos, de outros elementos, alguns integrando-se no próprio espírito da revista, enquanto outros se distanciavam e a atacavam. Sem perceber o quanto a ela deviam

041: Visitando a Petrobrás: o petróleo e o Brasil

MIGUEL, Salim. Visitando a Petrobrás: o petróleo e o Brasil. O Estado. Florianópolis, 7 dez. 1957.

Durante anos o Brasil não teve petróleo. Homens acabaram na cadeia, homens morreram, homens lutaram e sofreram por causa do "ouro negro". Eram os tempos em que não podiam compreender o porquê de apenas no Brasil, e só no Brasil não existir petróleo, quando países vizinhos e com as mesmas formações geológicas, o possuíam. Mas negavam os "técnicos", examinavam tudo o que se lhes apresentava, e com jeito posado e de tremedosos entendimentos, doutrinavam: — por isto e por aquilo, por tal e qual motivo, devido a este e aquele fator, não pode existir petróleo no Brasil! E aí de quem duvidasse. Mesmo diante dos fatos, do petróleo jorrando à flor da terra no recôncavo baiano, insistiam na mesma tecla: — Não há petróleo no Brasil!

Todos sabem a luta tremenda que isto significou. Qualquer pessoa que, tenha acompanhado, mesmo de longe, a campanha em prol da exploração do petróleo,

Visitando a Petrobrás O PETROLEO E O BRASIL

sabe que foi necessário a unidade de todo o povo e das forças armadas, que, ainda periodicamente, reafirmam a sua confiança na Petrobrás, como fez há pouco a Revista do Clube Militar, declarando que a Petrobrás é intocável, para que afinal a batalha fosse ganha.

Aí está, para os descrentes os documentos, livros como o de Monteiro Lobato, ou mais recentemente livros como o de Gondim da Fonseca ou Joel Silveira e Lourival Coutinho, relatando a história secreta do petróleo. E ainda a Comissão Parlamentar de Inquérito, que atualmente investiga a penetração dos trusts. "O Semanário" vem divulgando regularmente os trabalhos

da Comissão, trazendo à luz documentos de estardalhaço.

Já hoje não há mais quem duvide da existência do petróleo no país. É este um ponto pacífico. Então, um outro caminho foi aberto. O da incapacidade do país em extrair e explorar o seu petróleo. Quer dizer, existir já existe. O que há é que somente os trusts podem explorá-lo. Aliás, os mesmos grupos que tentavam em dizer que não existia petróleo, hoje enchiam páginas de jornais afirmando a necessidade da entrada da exploração a firmas "com longa experiência no ramo". Como vemos, todos os métodos servem, todos os métodos são empregados, de tudo eles se valem.

No entanto, em menos de três anos, a Petrobrás é uma realidade. Sólida, positiva. Motivo de orgulho para os brasileiros. Nada melhor do que os números, os fatos, para a constatação disto.

Procurando demonstrar o que já realizou neste curto lapso de tempo, a Petrobrás, numa atitude, muito louvável tem, por intermédio do seu Departamento de Relações Públicas, feito convites a caravanas de técnicos, de estudantes de jornalismo, de indústrias e comerciantes, para que visitem suas instalações e tenham conhecimento do que tem sido feito.

Acreditamos ser impossível a uma pessoa de lealdade, que vá para lá com isenção de ânimo, não voltar entusiasmada. É uma obra monumental, a que foi realizada no Recôncavo Baiano. Não nos referimos somente à exploração do petróleo (o que por si só já é uma realização de fundamental importância) mas também à recuperação progressiva de toda aquela região, recuperação esta que se vai fazendo paralelamente ao avanço da Petrobrás.

Estradas foram abertas, cidades, como Mataripó, surgiram, uma nova população cresce e é ganha para o país, dominado por um único desejo: contribuir para uma rápida emancipação econômica — e consequentemente política — do Brasil.

Ainda agora uma Delegação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina, a convite da Petrobrás, esteve na Bahia. Oito jornalistas, tendências as mais diversas, mas que voltaram de lá unânimes num ponto. Convencidos da grande vitória que já é a Petrobrás, convencidos da necessidade de lutar pela manutenção da mesma, convencidos da capacidade de realização do povo brasileiro.

Como dissemos, melhor do que tudo que poderíamos falar, refletem os números na sua objetividade e imparcialidade. E é à base de números que se pode ver o que foi feito.

Vejam. Uma refinaria, desde que é adquirida, até

ser posta a funcionar, custa uns trezentos milhões de cruzeiros. Num ano de funcionamento ela dá de lucro, cento e setenta e seis milhões de cruzeiros. Por esse pequeno exemplo se pode ver o porque das lutas travadas em torno do petróleo — é a força descomunal que ele possui, o ponto de fazer e desfazer governos, provocar guerras e revoluções.

Compulsando os documentos que foram postos à nossa disposição, conversando e consultando os técnicos, de prontamente nos atendiam, solicitando esclarecimentos, tivemos uma visão mais clara de todo o programa. E se já antes os saímos daqui fomos partidários incondicionais da Petrobrás, do monopólio estatal, a visita só fez confirmar e rebaatar nossa certeza e esse nosso partidariado.

Em posteriores artigos pretendemos estudar alguns aspectos do problema. Agora, à guisa de introdução, ficam estas primeiras indicações.

Salim Miguel

042: Visitando a Petrobrás - III: o petróleo e o Brasil

MIGUEL, Salim. Visitando a Petrobrás - III: o petróleo e o Brasil. **O Estado**. Florianópolis, 13 dez. 1957.

Nossa delegação partiu de Florianópolis no dia 25 de novembro, às 7,45; às 18 horas estávamos em Salvador. Rumamos para o hotel. Pouco depois acriávamos com o Diretor de Relações Públicas da Petrobrás, a visita aos poços petrolíferos e à Refinaria de Mataripé.

No dia seguinte, às 7 da manhã, nos pusemos a caminho.

Iniciamos pela visita aos poços submarinos. São 45 poços abertos até agora, localizados na baía de Todos os Santos. Estava sendo aberto mais um poço, tendo sido os trabalhos iniciados a 25 de novembro, portanto no dia em que tínhamos deixado Florianópolis. As sondagens já haviam atingido 70 metros.

O Dr. Haroldo Ramos da Silva técnico em produção e perfuração, com cursos de especialização no estrangeiro, designado para nos acompanhar, submetia-se calmamente às nossas perguntas, interessado em que nenhuma dúvida pairasse.

Como haviam sido iniciados os trabalhos de sondagens dos poços subma-

Visitando a Petrobrás - III

Primeiras impressões

— mas havia os que produziam até 150; os operários não especializados percebiam o salário mínimo; os especializados entre 5 e 12 mil cruzeiros; além disso tinham uma série de facilidades, como seja aquisição de gêneros a preços bem mais acessíveis e assistência médico-hospitalar; ali trabalhavam cerca de 500 operários.

Os trabalhos de sondagens haviam sido iniciados logo de longa pesquisa realizada pelos geólogos que progressivamente iam avançando no terreno com lençol petrolífero; existia sem um trabalho propedéutico de delimitação de zonas — e só aí se atacava o trabalho de sondagem; um poço submarino produzia, em média, 80 barris diários.

les estranhos monstros surgidos parece que o fundo do mar espreguicando-se no sol. Para trás, ao longe, Salvador ainda se divisava. Para diante, de nós, o caminho que-nos, levava a Candeias, Dom João, Mata de São João, Mataripé.

Voltamos para a lancha, prosseguimos.

Mal atracou a lancha e já, em terra, uma camião-nete nos esperava. Iniciamos a caminhada rumo aos poços. Uma paisagem aos pontos semelhantes a de Santa Catarina se espalhava diante de nós.

Dr. Haroldo ia nos explicando tudo, sujeitando-se às nossas perguntas "ligeira conforme gostava de frisar alguém da delegação. De repente mandou

que o motorista parasse. Descemos. E fomos olhar para o primeiro poço, de Candeias, o C-1, aberto em 1941 e que ainda hoje produz 15 barris diários. Delante para diante os poços, formos surgindo constantemente. Candeias possui 111 poços sendo que 70 em produção, muito deles os chamados poços "surgentes", isto é, que não necessitam de bomba para que o petróleo jorre, venha à tona, à pressão é tamanha que jorra espontaneamente. Pouco adiante parávamos, e teríamos ocasião de ver um desses poços, o petróleo jorrado. Era o poço 198, da Fazenda Coqueiro Grande, que produz 800 barris diários. Quinze iguais existem na zona. Os demais poços, os bombados,

trabalham à base de motores de explosão, sendo que o combustível que aciona os motores é fornecido, vindo dos próprios poços. Nesta zona, atualmente, a média de produção é de 11 mil barris diários. Mas a tendência é para uma grande ampliação. E isto bem logo.

Vejamos mais alguns dados, no que se refere ao aumento de produção. Tomando-se como base o índice 100, referente ao ano, vejamos os países que tiveram maiores aumentos de produção: Chile — 212; Bolívia — 189; Canadá — 189; Estados Unidos — 119 e Brasil — 407.

Neste ano de 1957 o Brasil produziu 10 milhões de barris; para 1958 estão

previstos 17 milhões de barris; e para 1959 um média de 70 mil barris diários.

E aí estão, já com a instalação das novas refinarias, previstas para julho de 1958, o Brasil deverá estar auto-suficiente, ou quase, em matéria de petróleo.

Ora, para quem até há bem pouco tempo não possuía petróleo, é um grande avanço.

Quando visitávamos a região, a Petrobrás havia acabado de inaugurar seu novo oleoduto de 12 polegadas, pois que o anterior, de 6 tornara-se insuficiente.

Nunca será demais insistir na importância do petróleo, na sua força. Como nunca será demais insistir em que é necessária uma vigilância constante.

O petróleo é tão importante e economicamente tão bom negócio, que existem países, conforme informações fidedignas que obtivemos com técnicos, que fornecerão ao Brasil refinarias completas, montadas — para começarem a receber somente quando a refinaria começar a dar lucro.

Salim Miguel

043: Visitando a Petrobrás: Ver Salvador ou ver o Petróleo

MIGUEL, Salim. Visitando a Petrobrás: Ver Salvador ou ver o Petróleo. **O Estado**. Florianópolis, 10 dez. 1957.

De todos os Estados do Brasil, talvez seja a Bahia o que exerce maior e mais estranho fascínio. As lendas, as histórias, as tradições, a música, tudo enfim que nos vem da "boa terra", tem sabor especial. Sob qualquer aspecto, com ou sem motivo, todo gostaria-mos de fazer uma visita a Salvador, percorrer as velhas ruas, a cidade alta e baixa, o mercado, descer e subir no elevador Lacerda, examinar a igreja, ir à miscumba, observar aquele contraste tão vivo e tão acentuado de cidade tradicional e cidade que se renova, de cidade com grande riqueza e grandes misérias.

É claro que não fugia eu a este desejo. Quando apareceu o convite feito pela Petrobrás ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina, fui dos primeiros a me inscrever, candidatando-me à viagem. Confesso que não foi a necessidade de acreditar na

Visitando a Petrobrás VER SALVADOR - OU VER O PETROLEO

Petrobrás que me levou a isso. Para tal eu não precisava da viagem. Posso mesmo dizer que sempre acreditei e me bati pela Petrobrás. Se isto aconteceu numa época em que muitos a ela se opunham, negando-a e combatendo-a duramente, em que nada de prático, de realizado, ainda existe, quando todas as dificuldades e todos os entraves eram antepostos à exploração do petróleo pelo Brasil, que dizer agora, quando basta folhear qualquer publicação para se aquilatar do significado da Petrobrás. Ela é um marco importante da emancipação econômica do Brasil; e é além do mais uma prova evidente da capacidade de realização do

Eu queria era aproveitar a oportunidade — e conhecer Salvador. Além do mais, procurava me desculpar com todos temos um pouco de São Tomé, uma viagem visitando "in loco" tudo aquilo, com técnicos postas à nossa disposição e nos explicando detalhadamente tudo, não me faria mal. E na volta eu teria oportunidade de escrever alguns artigos dizendo que achava, ajudando na medida do possível, a consolidar cada vez mais a posição da empresa estatal.

Muito embora continue desconhecendo Salvador, não me arrependo da viagem. A visita feita ao Recôncavo Baiano, as informações que nos foram forne-

cidas, compensam o quase nada que vi de Salvador.

Hoje em dia não se pode compreender que alguém de boa fé, honestamente, duvide dos resultados da Petrobrás. Conforme me declarou um conhecido, duvidar, não acreditar, só pode ser burrice ou má fé.

Burrice ou má fé! Ela ali uma verdade. Má fé em maior quantidade do que burrice. E burrice devida aos que se deixando levar pela cabeça dos outros, dos de má fé, não analisam os fatos, olham os números, não estudam o problema, acreditando como verdade, não uma falsa verdade, mas um absurdo. O que é muito pior.

Para aqueles, os da burrice, seria recomendável uma

viagem urgente, com escala por toda a região que a Petrobrás vem desenvolvendo. Se, depois disto, continuassem não acreditando, então seria um caso raro de burrice irremediável! Não existindo em tal caso salvação possível.

Para os outros, os de má fé, estes sabem muito bem o que querem, e o que fazem com uma intenção predeterminada. O tempo se encarregará deles.

Poucos números compulsados bastariam para fazer vibrar o mais cético. E compreender o porque da luta não acirrada em todo o mundo por causa do petróleo. O petróleo pode tudo o que a gente imagina e muito mais. E por poder assim é

que todo brasileiro tem obrigação de ser um intransigente defensor da Petrobrás. Com isto estará defendendo sua pátria, estará lutando pelo futuro.

Todos os funcionários com que mantivemos contato — do menor ao mais graduado — não são apenas funcionários da Petrobrás. São defensores intransigentes da Petrobrás. As vezes mesmo chegam a ser fanáticos no entusiasmo que demonstram. Não falam porque apenas estão ali trabalhando. Falam porque sabem no que e porque estão trabalhando. Sabem a importância, para o país, do serviço que estão realizando. E o entusiasmo com que a ele se referem é contagiante.

Dissemos, no artigo anterior, que os números falam melhor do que tudo. Comecemos com um exemplo. Uma refinaria de Petróleo, como a de Mataripe, por exemplo, de unidade combinada, custa, desde que foi adquirida, até estar pronta a funcionar trezentos milhões de cruzeiros. I mundo se dissessem que num ano de funcionamento ela dá um lucro de cento e setenta e seis milhões, isto é, mais do que a metade do custo, já se vê o que significa e a importância que tem no mundo a palavra "petróleo". Em dois anos apenas a refinaria não só se pagou, mas está dando lucro. E isto diz tudo. E isto explica tudo.

E é por isto que já outras refinarias, para triplicar a produção, estão sendo erguidas, devendo começar a funcionar em 1959.

Salim Miguel

Visitando a Petrobrás...

(Cont. da 1.ª pag.)

E assim, gradativamente, novas zonas vão sendo descobertas, aumentando dia a dia a reserva petrolífera.

A economia em divisas que isto proporciona ao país é de um valor incalculável. E a Petrobrás vai tão bem, que já do próximo ano em diante, deverá suspender a taxa especial de ajuda que lhe era devida.

No dia seguinte ao da visita aos poços e à refinaria, tivemos uma entrevista com o superintendente da Petrobrás, Eng. Geonício Carvalho Barroso, que se pôs à nossa disposição para toda e qualquer pergunta referente ao assunto.

Com 18 anos de luta pelo petróleo brasileiro é ele, como todos os demais que encontramos, apaixonado pelo assunto. As informações que nos forneceu

vieram completar o que havíamos observado. Sob qualquer aspecto que se queira analisar, a petrobrás já é uma vitória. Uma vitória do povo brasileiro, uma vitória da unidade, uma vitória do esforço, uma vitória do desejo de mostrar, contra a opinião e o pessimismo dos derrotistas e dos de má fé, que o Brasil pode e deve se emancipar economicamente.

Ao tomarmos o avião, na volta, lembramo-nos do que nos dissera o motorista

quando fomos em visita ao superintendente. Atravessávamos Salvador. Como em quase todas as cidades brasileiras, fomos vendo postos de gasolina. Com o nome de meia dúzia de companhias estrangeiras. Mas ali havia diferença. Embora os nomes fossem de companhias estrangeiras, a gasolina que nelas se vendia era de Mataripe.

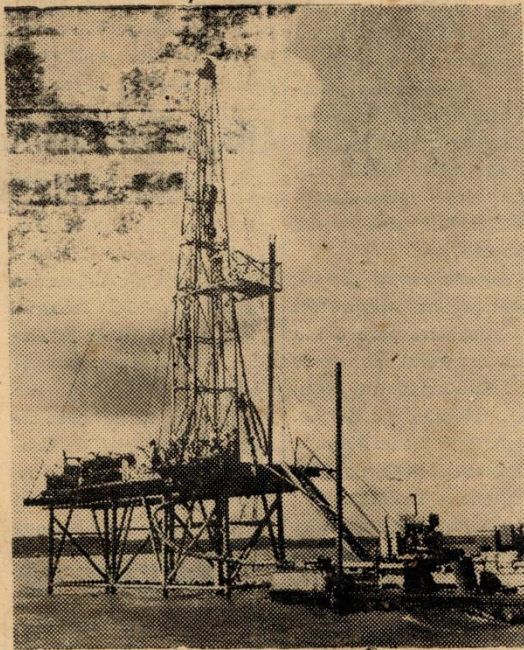
No entanto, nas propagandas que enchem páginas e páginas de jornais, diariamente brasileiros são intoxicados com dizeres assim:

"a gasolina essa é melhor"; "a gasolina Esso é melhor"; "a gasolina aquela tem isto e mais aquilo"! E a gasolina só adquirindo nomes diversos nos postos das diversas companhias.

Aliás não só em Salvador, mas já mesmo em outras cidades vende-se gasolina de refinarias nacionais como sendo de outra procedência. Ainda agora a Comissão Parlamentar de Inquérito está investigando a fraude havida há pouco tempo, quando se vendia gasolina especial, que nada mais era do que gasolina comum.

Mas a vitória que representa a Petrobrás nos anima e nos conforta. Um povo capaz de em tão pouco tempo tornar a Petrobrás a empresa que é, capaz de muito.

Salim Miguel!



Um aspecto dos trabalhos da Petrobrás na Bahia, em Dom João, sondagem marítima.

045: Visitando a Petrobrás: refinaria de Mataripe

MIGUEL, Salim. Visitando a Petrobrás: refinaria de Mataripe. *O Estado*. Florianópolis, 5 jan. 1958.

VISITANDO A PETROBRÁS REFINARIA DE MATARIPE

"O Estado"
- 5-1-1958

Antes de chegarmos a Mataripe, para o almoço e a visita à refinaria, paramos ainda para ver um poço que estava sendo perfurado. Um sol intenso — e sob aquele sol, operários e técnicos trabalhando incansavelmente, dia e noite, para extrair das profundezas da terra o tão cobiçado ouro negro”.

Ali, enquanto iam nos informando dos trabalhos ficamos sabendo de mais um detalhe importantíssimo. Todo técnico, logo que começa a trabalhar, atravessa um período de estágio, que varia de 12 a 16 meses. Durante esse tempo ele exerce os mais humildes serviços, subindo gradativamente, assenhoreando-se assim de tudo que se refere ao serviço. Com isto ele está plenamente capacitado para dominar e orientar todos os setores do trabalho empreendido.

A Petrobrás está realizando cursos de especialização, vem formando equipes de técnicos, vem interessando os jovens na profissão, já tendo também organizado um curso na Universidade da Bahia, para que, aos poucos, dali mesmo saiam os técnicos. Já agora a quase totalidade dos técnicos da Petrobrás é composta de Brasileiros alguns com cursos de especialização no estrangeiro, outros que ficavam acom-

panhando os técnicos estrangeiros contratados, os “puxas”, como são chamados, observando tudo, perguntando, inquirindo, até se

Em Mataripe, no Clube, almoçamos e conversamos longamente com os técnicos. Em todos, a par do conhecimento, sentimos o



Jornalistas catarinenses em visita ao Recôncavo Baiano, vendo-se os senhores Professor Custódio F. Campos, Adão Miranda, Valdir de Oliveira Santos, Romeu Vieira, Salim Miguel, Valdir Grisard, Edgar Bonnassis, Martinho Callado.

tornarem capazes de, a mesmo entusiasmo, a mesma confiança. Mataripe é uma pequena cidade, que como tudo o mais no Recôncavo baiano, gira em torno do petróleo. E em pouco tempo Mataripe já se tornou autônoma ou quase. Clube, cinema, escola, hospital, vida social,

uma população nova que se locomove e vive em função do petróleo.

Depois do almoço desceramos para uma visita à refinaria. A refinaria de Mataripe é de unidade combinada, produzindo gasolina polímera. Após a primeira refinação, que dá uma quantidade regular de gasolina, por um processo moderníssimo há uma nova reunião de partículas de molécula, resultando disto quase 50% de gasolina. A refinaria é controlada eletronicamente através da casa de controle eletrônico, por 7 pessoas. Tivemos oportunidade de percorrer todas as instalações. E da mesma forma que tínhamos visto jorrar o petróleo, agora víamos a gade gasolina. A refinaria é

E vimos também os estaqueamentos para as novas refinarias, que triplicarão a produção.

O técnico que nos acompanhava apontou para aquilo tudo e disse:

“— Quando começamos a escolher um local para instalação desta refinaria que já está funcionando, chegou-se à conclusão de que aqui era o melhor porque por perto não devia existir petróleo. Agora com o alargamento progressivo da zona, com o avanço dos trabalhos geológicos, estamos vendo que bem perto há petróleo”.

(Cont. na 12.ª pág.)

046: Festa das flores de Joinville, uma explosão de beleza

MIGUEL, Salim. Festa das flores de Joinville, uma explosão de beleza. Quem. [S.l.], nov. 1981.

Festa das flores de Joinville, uma explosão de beleza

texto de Salim Miguel
fotos de Paulo Dutra



Conrad Kazemobel, presidente da Ajao,
e Luis Henrique, prefeito de Joinville,
os dois principais responsáveis pelo sucesso da festa.



Um momento de intensa poesia: a flor e a borboleta.



As orquídeas - uma constante na paisagem joinvilense.



Das velhas gerações (D. Frida) às novas (Malu) o amor à flor é idêntico.

De 13 a 16 de novembro, a Ajao e a Prefeitura Municipal de Joinville promovem mais uma Festa das Flores.

Durante 4 dias, milhares de visitantes, de todas as regiões do país, vão desfilir pelo pavilhão da Expoville, às margens da BR-101, numa homenagem à flor.

Para que, de repente, haja esta explosão da beleza, no decorrer do ano inteiro a flor é trabalhada em grandes plantações, em jardins e estufas, nas sacadas à vista de todos ou no mais profundo dos segredos.

Botânicos amadores da região de Joinville se armam cuidadosamente.

A cada ano revelam novas variedades, exóticas orquídeas, rosas de formato e colorido diferente, cravos e violetas, glicínias, plantas decorativas, arbustos e folhagens.

A METAMORFOSE DA CIDADE

Uma grande cidade industrial, o mais importante pólo econômico do Estado de Santa Catarina, nestes poucos dias se metamorfoseia. E lado a lado discutem detalhes, examinam a mostra, se entusiasmam e trocam confidências, líderes empresariais e simples operários,

administradores e donas-de-casa, velhos e jovens.

Pois se a apresentação de cada espécie é sempre cercada de expectativa e de um mistério digno das grandes potências, cada expositor procura, com sua arma mais sofisticada, surpreender o adversário. Mas é uma luta amena e «amorável», sem derramamento de sangue e regada a chope e animação.

A intenção é obter a flor mais bela, a enxertia mais audaciosa, num duelo que começa tão logo termine uma festa e se iniciam os preparativos para a do ano seguinte.

TRADIÇÃO SE CONSOLIDA

A primeira exposição, promovida pela Efa — Exposição de Flores e Artes, realizou-se em 1936.

No ano seguinte foi a vez de entrar no páreo a Ajao — Agremiação Joinvilense de Amadores de Orquídeas, que fez sua mostra nos salões do Clube Harmonia Lyra, bem no centro da cidade. Com o correr dos anos a festa se ampliou e exproaiu. Desde meados da década de 70, com a extinção da Efa, a promoção passou a ser feita apenas pela Ajao e a Prefeitura.

Isto poderia ter tirado um pouco do atrativo da festa, que era o espírito de emulação entre as duas

entidades, que se esmeravam na apresentação de novas variedades e arranjos. Mas a emulação passou a existir entre os associados da própria Ajao. Na década de 30 Joinville começava a se industrializar, ninguém podendo supor que alcançaria o desenvolvimento de hoje.

As estradas eram péssimas. Os problemas variados e complexos. O clima de pré-guerra tenso. E os habitantes precisavam encontrar ali mesmo, entre eles, um derivativo, um hobby, uma paixão.

O que começou sem maiores pretensões, como



Na periferia da cidade, jovens em trajés típicos, nas extensas plantações de rosa.



Nas encostas, as flores enfeitam desde mansões até casas humildes.



um prolongamento natural de distração caseira e bate-papo com os amigos, logo se irradiou. Já em 1938 os dois grupos traçavam planos, fazendo a primeira exposição conjunta. Logo depois a festa cresceu em importância e ressonância. A ponto de se transformar, hoje, no mais significativo acontecimento do calendário turístico do ano na região sul do país.

O ROTEIRO DAS FLORES

Quem quiser ir a Joinville na época da festa das flores (ou mesmo durante a floração) não tem como errar. É só seguir os caminhos do perfume e do colorido. De bem longe, à distância, perturbador, o delicado odor ou a variedade das cores se anunciam.

São orquídeas, begônias, QUEM

bromélias, hortênsias, copos-de-leite, antúrios, rosas de todos os feitios e colorações. São dezenas de outras espécies de flores. São folhagens e arbustos. São decorações caprichadas. São ramalhetes delicadamente trabalhados ou, então, selvagens se espalhando pelas distâncias. É um perfume delicado ou forte, perturbador. Durante os dias da festa, uma multidão heterogênea e barulhenta, composta de turistas em busca de novos conhecimentos, de emoção e beleza, ou de simples curiosos, se comprime, percorre os stands, pergunta e discute.

A LUTA DE UM PIONEIRO

Paulo Ewald é o associado mais antigo da Ajao. Ele entrou para a associação poucos dias

depois de ela ser fundada. Possui, hoje, o mais completo e apreciado orquidário de Joinville. (Dos maiores do Brasil — diz-se). É um acervo de histórias e fatos pitorescos, acontecidos ao longo destes 45 anos, que fazem parte da própria história da cidade.

Mas Ewald nada nos contou. Quem nos falou foi sua mulher, D. Frida, firme e bem humorada nos seus mais de 70 anos. Recebe o repórter com sua voz forte e um «entre, entre», em meio a chuvas e flores, que a cercam por todos os lados. Vai logo explicando «que o Paulo saiu, foi ali no Sesi, não sei se demora».

Mas antes que perguntemos, ela mesmo adianta que «hoje não vou mais à exposição» e que se não fosse o Paulo e o «seu» Schmatz talvez a festa das flores não mais existisse. Numa verbosidade que a remoca, ela salta de um assunto para outro. Diz que a «chuva este ano está prejudicando as flores»; logo a seguir esclarece que «o Paulo tem plantas e flores não só do Brasil, mas da Indonésia, Tailândia, Filipinas, Índia, África e outros países.

E mais: 10 olhos-de-boneca (o nome mesmo não conseguimos gravar) com o nome dele estão registrados na Inglaterra, sendo três cruzados no Japão e sete em Petrópolis.

Agora, sob a chuva, ela nos acompanha, olhamos seus belíssimos jardins, suas estufas, as infindáveis variedades de orquídeas. E fala, naquele sotaque carregado, explica, detalha, traz ao colo, quase encostada ao rosto, outra e mais outra orquídea.

Quer que continuemos fotografando e anotando, insiste em que esperemos, «talvez o Paulo chegue logo».

Enquanto Paulo não chega — e não chegará até partirmos — vamos nos lembrando de outras informações colhidas



Lago florido ao lado da Expoville, local onde se realiza a Festa das Flores e uma jovem aguardando os turistas no portal de entrada da cidade.

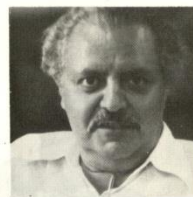


algures [a Ajao tem em torno de oitenta associados; cada qual cultiva suas plantas; a Festa há poucos anos passou a se realizar só no Pavilhão da Expoville: o desfile de carros decorados com flores, pelo centro da cidade, acabou; também acabou o concurso de rainha das flores, pois as moças não querem mais participar; sócios da Ajao participam de exposições em São Paulo, Curitiba, São Bernardo, Ponta Grossa, Petrópolis, Florianópolis; alguns espécimes levam até sete anos para a primeira floração; os nomes das orquídeas têm que ser registrados em Londres], ou ainda através de D. Frida (Paulo não pára de pensar no orquidário; tem gente que vem de outros Estados só pra ver o nosso

trabalho; ano passado uma equipe de TV filmou tudo; revistas e jornais vêm fazer fotografias). Por último, uma constatação melancólica: «A única coisa que ganhamos nestes 43 anos de luta diária foi a satisfação pessoal de termos realizado um trabalho ao qual carinhosamente nos dedicamos.»

Ao deixar D. Frida sob a chuva e à guarda de suas flores, pensamos: um trabalho bem realizado e produtivo no sentido mais amplo da palavra se resultou de muita luta e perseverança, deve, também, como se pode observar pela expressão de D. Frida, dar também, ao casal, a sua parcela de satisfação e alegria.

Um ano fértil



★ Salim Miguel

Um rápido balanço mostra que Santa Catarina não tem o que se queixar (ou muito que se queixar) do seu ano literário. Em qualidade, quantidade e variedade até que a seara foi fértil.

São títulos de poesia, ficção, ensaio, crítica. Abordando temas da realidade, discutindo e refletindo sobre o aqui e o agora. Novos ou reedição, pouco importa.

Poderia ser mais e melhor? Sim, poderia. E deveria. Mas também poderia ser pior, não haver nada, como em outros anos. Alegremo-nos, então, com este esforço que é conjunto — e esperemos que ele continue. E se amplie e diversifique. Dando uma contribuição válida para o melhor conhecimento da realidade de Santa Catarina. E de suas potencialidades.

A que se deve tudo isto? Os fatores são diversos: um início de tomada de consciência, um esforço de todos (muito embora as inevitáveis desavenças), apoio do governo, a vontade de realizar.

Mas muito, sem dúvida, precisa ser feito. Criar condições para que o conhecimento possa chegar a todos, inventar fórmulas para que o livro possa ser barateado e sua difusão ampliada, estender a rede de bibliotecas para a totalidade dos municípios catarinenses, fazer com que a escola venha, em determinados casos, suprir o papel da família, chamando as crianças a se interessarem mais pelo livro.

Uma observação também necessária é que, parece-nos, o processo cultural catarinense, mais especificamente na área das letras, vem se fazendo como que por ciclos estancados.

Tomemos, como exemplo, a partir da «idéia nova» de Cruz e Sousa e Virgílio Varzea, em fins do século passado; depois vem a geração da Academia Catarinense de Letras, já na década de 20; a seguir, em fins de 40 e durante a década de 50, o Grupo Sul, com sua proposta renovadora; e agora, mais intensamente, se bem que ainda não com uma proposta concreta, estes dois últimos anos.

Sente-se uma efervescência por tudo, resultado talvez de anos de silêncio.

No entretanto, longos hiatos, onde quase nada existia, por vezes anos sem um título, já nem dizemos representativo, mas que pelo menos revelasse que alguma coisa continuava sendo tentada para animar o modorrento ambiente.

Sem qualquer pretensão de abarcar tudo — pois alguns títulos devem nos ter escapado por deles não termos tomado conhecimento ou não nos terem chegado — daremos, a seguir, sucintas informações, apenas situando cada publicação.

Aliás, antes, outro dado a anotar é que a grande maioria é de edições locais, seja da FCC, da Lunardelli, da UFSC, da Acadêmica, da Noa-Noa, ou edições particulares. Nem meia dúzia foram de editoras de fora do Estado.

Se por um lado editoras de fora podem dar mais «status», possuem melhor estrutura e podem trabalhar melhor o livro como um esquivo objeto de venda, por outro, na medida em que se firmar um parque editorial local, mesmo que pequeno, as condições e as possibilidades do autor de Santa Catarina se ampliam. Disto temos exemplos em outros Estados. Depois, convenhamos: todo o esquema

de editoração e distribuição do livro no país é falho, com um índice baixo de leitura, falta de livrarias, de motivação para o livro, etc. Isto reflete bem o momento que vivemos.

A não ser para uma reduzida camada, o livro é ainda supérfluo.

E com a crise que a tudo e a todos assola, o produto livro é logo o mais atingido. Nem poderia ser de outro modo.

Mas se isto é um fato, também não deixa de ser um fato que a qualidade do livro melhora entre nós. Falamos aqui do continente, já que o conteúdo é outra história (se bem que também este venha melhorando gradativamente). Do ponto de vista do acabamento é de se louvar o trabalho que vem sendo feito, em termos de editoração, pela Imprensa Oficial do Estado e pela Editora Nos Noas.

Aquela com um parque gráfico que pode, tranquilamente, se igualar, pela qualidade do que fornece, a qualquer outro do país; e esta num trabalho artesanal digno de todos os louvores.

Iniciemos nosso balanço com o resultado do Concurso Nacional de Poesia — Prêmio Cruz e Sousa. Lançado em 1980, neste ano de 1981, além dos prêmios em dinheiro e da promoção ampla dos vencedores, o governo do Estado, através da Fundação Catarinense de Cultura, cumpriu imediatamente o prometido: editou os livros. Não só o primeiro colocado, conforme constava do regulamento, mas também o segundo e o vencedor da categoria catarinense.

Aí estão, em edições uniformes e de excelente acabamento, **As sombras luminosas**, (1^a) de Ruy Espinheira Filho; **Mulher** (2^a), de Yone Giannetti Fonseca, **As paredes do mundo**, do catarinense Osmar Piani.

Outro destaque, sem qualquer sombra de dúvida, é a reedição da Poesia Completa de Cruz e Sousa, ainda como consequência da instituição do concurso.

A obra há muito se encontrava esgotada. Ilustrada por 14 dos principais artistas plásticos catarinenses, com introdução, procurando situar o poeta e sua importância, da prof^a. Maria Helena Camargo Regis, o volume vem permitir que mais leitores e novos leitores tomem conhecimento deste que é, inquestionavelmente, o nome mais expressivo das letras de Santa Catarina em todos os tempos e, também, o mais importante simbolista brasileiro, no dizer de Roger Bastide, formando com Mallarmé e Stefan George o grande trio do simbolismo universal.

Como já acentuamos, por fatores alheios à nossa vontade não nos foi possível registrar, em nossa coluna no jornal «O Estado», todos os títulos publicados em Santa Catarina. Alguns por não nos haverem chegado, outros por não os encontrarmos à venda.

O mesmo vai ocorrer aqui.

Ainda assim, o que temos é bem positivo. Vejamos:

Na poesia, **Breve Aro**, de Júlio de Queiroz, FCC-Edições; **Um ciclo, o coração**, de Artêmio Zanon, FCC-Edições; **Embates**, de Lucy Assumpção, FCC-Edições; **Minha senhora do Desterro**, de Pinheiro Neto, edição do Autor; **Os faróis invisíveis**, de Péricles Prade, Massao Ohno Editores.

Na prosa de ficção, **O cavalo em chamas** (contos) de Silveira de Souza, Edições Aica-FCC; **Amigo Velho** (contos), de Guido

Wilmar Sassi, Editora Movimento; **A coroa no reino das possibilidades** (romance), de Miro Moraes, FCC-Edições; **Monólogo de uma cachorra sem preconceitos** (novela), de Harry Laus, Edição do Autor; **Meu Chão** (contos) de Enéas Athanásio, Editora do Escritor; **Os sete dedos da agonia** (contos) de Marcos Konder Reis, Editora Lunardelli; **As brumas dançam sobre o espelho do Rio** (romance), de Urda Klueger, Editora Lunardelli; **A maçã triangular** (romance), de Holdemar Menezes, Editora Movimento; **O primeiro chamado** (contos), de Argus Cirino, Editora Lunardelli; **Um amigo especial** (juvenil), de Maria de Lourdes Ramos Krieger Locks, Editora Brasiliense; **Crime na baía sul** (romance), de Glauco Rodrigues Correa, Edições Ática-FCC; **Feira de contos**, de Ivens Paz, Hilton Gorrensens, Germano G. Jacobs, Luiz Carlos Amorim, David Antunes, Edição dos Autores.

No ensaio e na crítica, **Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul**, de Rodrigues Till, FCC-Edições; **O canto do cisne negro e outros ensaios**, de Nereu Correa, FCC-Edições; **Um julgamento histórico**, de Ticho-Brahe Fernandes, FCC-Edições; **A imprensa em debates**, de Moacir Pereira, Editora Lunardelli; **O Estado e a educação**, de Cesar Luis Passold, Editora Lunardelli; **O comércio da cidade do Desterro no século XIX**, de Laura Machado Hubener, Editora da UFSC; **Henrique Lage e o desenvolvimento do sul catarinense**, de Ondina Pereira Bossle, Editora da UFSC; **Hercílio Luz, uma ponte integrando Santa Catarina**, de Djanira Maria Martins de Andrade, Editora da UFSC; **Civilizações primitivas do Contestado**, de Nilson Thomé, edição do Autor; **A presença portuguesa na arquitetura de Santa Catarina**, de Sara Regina Silveira de Souza, FCC-Edições; **A colonização italiana no Vale do Itajaí Mirim**, de Roselis Izabel Correa dos Santos, FCC-Edições.

Outras manifestações paralelas, que se encaixam perfeitamente aqui, são os lançamentos de livros, a participação, com uma barraca do Estado, na Feira do Livro de Porto Alegre, os ciclos de palestras e debates sobre literatura e suas implicações culturais, a publicação de revistas como **Contos e Novelas**, **Travessia**, **Bio-de-Mamão**, **Engenho**, **A Ilha**, **Papa-Siri**, que contribuem para este momento de inquietação, debatendo temas, levantando problemas, concordando e discordando.

Por fim — e por que não? — um comercial do articulista: depois de longa hibernação, quando relutei em reeditá-lo, reaparece, numa edição da FCC, meu livro de estréia

Velhice e outros contos.

No mais, boa leitura para todos — e que 1982 seja não só ainda mais produtivo para as letras catarinenses, como traga melhores dias para todos nós.

No tocante ao livro, tenhamos qualidade e quantidade — pois é também da quantidade que acaba por aparecer a qualidade.

A triagem é um problema de tempo, de distanciamento, de perspectiva histórica, que pode demorar mas acaba prevalecendo.

★ Salim Miguel, jornalista, escritor e crítico literário, integrante do Grupo Sul, criou e editou a revista **Ficção** e atuou como redator e editor de **Manchete** e **Tendência**.

QUEM

Prêmio Cruz e Souza Vitalidade e Inventiva da poética brasileira

Se a poesia é necessária, conforme todos reconhecem, o Concurso Nacional de Poesia, prêmio Cruz e Souza, promovido pelo Governo de Santa Catarina, mostrou a sua validade: os poetas também estão aí, atentos, em quantidade e qualidade, à espera de uma chance para se manifestarem.

Num concurso que teve a duração de apenas três meses, do lançamento ao encerramento, compareceram cerca de 2.300 concorrentes, que consumiram mais de uma tonelada de papel. E se é óbvio que em muitos casos não havia um mínimo de qualidade, a comissão julgadora comprovou a existência de um número bastante significativo de excelentes poetas, seja em âmbito nacional ou estadual, revelando um universo poético multifforme em temas, no enfoque, no tratamento, na linguagem específica.

A entrega dos prêmios (1º — Cr\$ 500 mil; 2º — Cr\$ 250 mil; especial para autor catarinense — Cr\$ 250 mil) aos vencedores, em solenidade que contou com a presença das comissões julgadora e organizadora, dos vencedores, de autoridades, de figuras expressivas do mundo intelectual, não esgota uma promoção que teve, entre outros méritos, a de chamar a atenção do país para um gênero literário que conta com nomes dos mais importantes na produção cultural brasileira, mas que não vem tendo a acolhida desejada, seja dos editores ou dos poderes públicos. Pode-se, no caso, falar até mesmo em inflação de concursos literários. Mas conta-se nos dedos aqueles (e em geral de menor expressão) dedicados à poesia. Daí, também, outro motivo do acerto e do êxito da promoção catarinense.

É fácil constatar porque depois da entrega dos prêmios o concurso como que se multiplica: desdobra-se na reedição, tão necessária, da Poesia Completa de Cruz e Sousa,

há muito esgotada (que irá provocar um aumento de interesse pela obra do grande simbolista); continua na edição, pela Fundação Catarinense de Cultura, dos autores premiados; se propaga no lançamento destes livros em noites de autógrafos; e se fecha na publicação de matérias críticas a respeito do valor dos mesmos. Quanto aos lançamentos, é propósito do Governo fazê-los não só em Florianópolis, mas também na terra dos autores que venceram o concurso (Salvador e São Paulo), além da Feira do Livro de Porto Alegre. Já no caso da Poesia Completa de Cruz e Sousa, o volume será lançado no Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, no Rio. Tudo isto serve, também, para chamar a atenção para um produto de consumo tão difícil (e não importa, aqui, explicar os múltiplos porquês) como o livro.

regulamento para se decidir, tantos títulos de inquestionável valor existiam participando.

Adonias Filho, ficcionista e ensaísta, autor de numerosas obras, é membro da Academia Brasileira de Letras e presidente do Conselho Federal de Cultura; Armindo Trevisan, poeta e professor, doutor em filosofia pela universidade de Fribourg, Suíça, possui o prêmio Nacional de Poesia da UBE (1964) e o prêmio Nacional de Brasília (1972); Fausto Cunha, ensaísta, crítico, ficcionista, é a principal autoridade brasileira em ficção científica. Seu último livro é *A Leitura Aberta*, com um ensaio modelar sobre a poesia de Mário Quintana. Ele é membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro; Ferreira Gullar, ligado ao jornalismo e ao ensaísmo, é considerado um dos mais

Salim Miguel

do júri, isto mostrou a vitalidade e inventiva da poesia brasileira, e sua preocupação não só com a forma, mas também com o aqui e o agora da nossa realidade.

UMA ESCOLHA DIFÍCIL

A opinião da comissão julgadora é unânime: foi uma escolha altamente difícil. Com qualidade para publicação deveriam existir uns 300. A partir de leituras e releituras, de discussão, de avaliação, o número foi sendo reduzido. Mas, ao final, sobraram títulos que mereciam premiação. Quando a comissão se reuniu para as deliberações finais, cada qual dos cinco membros, tinham chegado a uma lista básica.

Ferreira Gullar dizia que se havia fixado em seis títulos — e que

Só na manhã seguinte se decidiria.

Seu voto confirmou o dos outros quatro, com o que Ruy Espinheira Filho alcançou unanimidade; Fausto Cunha, num dado momento, pensou em renunciar, mas temeu dar uma de Jânio Quadros; e por último, o catarinense do quinteto, Marcos Konder Reis, só declarava que nada tinha a declarar, seus votos só seriam revelados na reunião final.

Por fim, quando a reunião decisiva estava "quente", todos concordaram em que deveriam seguir algumas diretrizes pré-estabelecidas. Assim, os vencedores foram nomes que constavam, para premiação ou análise de suas qualidades, em todas as relações feitas.

Podiam, até, não constar para o primeiro prêmio.

Pode-se, diante disto, estranhar o fato de que constatada a existência de tantos originais de valor, a comissão não haver atribuído, conforme era da sua extrínseca competência, menções honrosas. A justificativa é a de que era tal o nível de vários dos outros concorrentes, que eles mereciam mais do que menção honrosa: mereciam premiação.

O EXCELENTE NÍVEL E O CONFIAR DESCONFIANDO

Uma referência especial foi feita à poesia que hoje se pratica em Santa Catarina e que surpreendeu agradavelmente à comissão julgadora. Dos quase cem participantes de todos os recantos do estado, havia, conforme a opinião unânime deles, no mínimo uma dezena de excelente nível, e que poderia, tranquilamente, ter conseguido o prêmio especial, que acabou, por unanimidade, nas mãos do poeta, professor e crítico de artes Osmar Pisani.

Outro fato, este pitoresco, observado pela comissão: alguns dos participantes, para terem a certeza de que seus originais seriam mesmo lidos, colavam páginas ou as grampeavam. Um dos membros do júri, para provar que havia lido tudo minuciosamente, não só descolava ou desgrampeava as páginas, como se dava ao luxo de, onde havia um erro de datilografia, regência ou concordância, fazer a respectiva correção.

QUEM



A Comissão Julgadora, da esquerda para a direita: Adonias Filho, Armindo Trevisan, Fausto Cunha, Marcos Konder Reis, Ferreira Gullar.

COMISSÃO PRA NINGUÉM BOTAR DEFEITO

O nível da comissão julgadora, e a seriedade com que ela encarou a difícil tarefa, podem ser sintetizados nas palavras de Ruy Espinheira Filho, ganhador do prêmio maior. Em suas primeiras declarações dizia ele que, mais do que o prêmio em dinheiro, (também importante), contava o fato de ter sido contemplado por uma comissão de tão alta qualificação, e que necessitou de mais tempo do que o determinado no

significativos poetas brasileiros, com livros como *A Luta Corporal*; Marcos Konder Reis, um dos principais nomes da chamada "Geração 45", vem publicando livros de poesia desde 1944.

Durante quase cinco meses eles se debruçaram sobre os originais. E se por um lado o universo poético de todo o Brasil, não havendo um único estado que deixasse de participar, com, inclusive, originais de brasileiros residentes no exterior, por outro lado, no dizer

qualquer deles mereceria tranquilamente o prêmio maior, seja revelando e/ou confirmando um nome significativo para a poética nacional, que traria uma contribuição válida e pessoal. Já para Armindo Trevisan o dilema era idêntico, com o acréscimo de que entre os seus finalistas (para o prêmio nacional) se encontrava um com a identificação catarinense. E tamanhos foram os seus dramas de consciência que, mesmo após encerrada a reunião, que se prolongou até alta noite, ele pediu tempo para pensar.

Abadon, o exterminador

salim miguel

Em *Abadon, o exterminador*, publicado em 1974, e que agora chega ao Brasil numa edição de Francisco Alves, Ernesto Sabato reatua e amplia as propostas de seus livros anteriores, em especial os dois de ficção. Como num complexo jogo de espelhos, onde as imagens podem ser indefinidamente multiplicadas, aqui não se tem, de volta, apenas Castel, o pintor de O túnel, e sua louca paixão por Maria, a mulher do cego, ou Martin e Bruno, Fernando e Alexandra, de *Sobre heróis e tumbas*, todos com seus temores e indecisões, se interrogando e inter-relacionando, mas também, além de outros personagens novos, o próprio Sabato-ele-mesmo, e que é, igualmente, autor e personagem. Ele deixa de ser mera testemunha-narradora e passa a ser mais um personagem, convivendo num mesmo plano com os demais personagens.

Ao romper com estruturas narrativas convencionais, com a linearidade e a cronologia, Sabato tenta penetrar até o mais fundo do ser humano, participando, enquanto autor e enquanto personagem, de toda a trama. Ele cria, em *Abadon, o exterminador*, um livro de profundas indagações existenciais, no qual se envolve da maneira mais completa, envolvendo também os personagens de seus outros livros, com os quais dialoga — e ao interrogá-los se interroga: e envolve, ainda, além de novos personagens, seres que lhe estão bem próximos e com os quais convive no "real", no dia-a-dia. Em certo trecho diz: "Uma novela em que o próprio narrador esteja em jogo. Como um personagem mais, na mesma medida dos outros, que no entanto sem de sua própria alma. Como um sujeito enleado que convivesse com seus próprios desdobramentos".

Para aclarar as razões que levaram Sabato a investigar-se de tal forma, caberia transcrever o que ele declarou em entrevista a Gunter W. Lorenz: "Oleio — afirma — que alguém escreva por motivações profundas, obscuras, geralmente irracionais. Para mim, escrever significa uma forma de viver, em verdade de sobreviver, se assim posso diz-lo. Uma maneira de indagar meus problemas, e os do tempo que me é dado viver e também, naturalmente, os problemas dos homens do meu país".

Em seus livros (ensaio e ficção), e em entrevistas e depoimentos, Sabato tem insistido no fato de ser, como muitos outros criadores, o autor de uma obra única, que se repete como num roteiro, o que se biparte e desdobra à medida que ele mais se questiona, ampliando seu universo pessoal e sua visão do mundo e dos homens. Assim, para ele, as fantasmas que o perseguem desde O túnel, desdobrando-se em *Sobre heróis e tumbas*, vindo desembocar em *Abadon, o exterminador* para tornar a inquietá-lo, são a continuidade de uma mesma obsessão. Obra que procura abarcar a totalidade dos problemas da nossa época, o romance vai se construindo aos poucos, à medida que o leitor nele se integra, caminha e coparticipa de sua construção.

Aqui, porém, há um componente novo. Bem mais do que nos outros livros, realidade e ficção se fundem e confundem de tal modo em *Abadon* que é impossível determinar fronteiras entre um e outro. Para Sabato, parece não existir diferença palpável entre o que é real e o que é inventado. Por exemplo, até onde vai o Sabato real de carne-e-osso e o Sabato personagem de Sabato? A este respeito, em outro trecho do livro, intitulado "Reportagem", há o seguinte diálogo: "— Está satisfeito com o que escreveu? — Não sou tão canalha. — Quem é Ernesto Sabato? — Meus livros têm sido uma tentativa de responder a essa pergunta. Eu não quero obrigá-lo a lê-los, mas se quiser conhecer a resposta terá de fazê-lo. — Pode adiantar-nos o que está escrevendo no momento? — Uma novela. — Já tem título? — Geralmente o conheço no final, quando acabei de escrever o livro. No momento tenho dúvidas. Pode ser O anjo das trevas. Mas talvez *Abadon, o exterminador*."

Ao mesmo tempo em que Sabato volta a exorcizar seus fantasmas, há uma reiteração de temas comuns, de vivências que o envolvem, de situações que angustiam o autor-personagem e o remetem para aquele mundo de sombras, subterrâneo, que ele quer apreender em sua totalidade. Numa entrevista a Emir Rodríguez Monegal, diz Sabato que "cada rosto nosso depende do interlocutor". E continua: "Este jogo de ida e volta entre os interlocutores é a realidade". Mais adiante: "Por isto a novelística tem que dar esta zona ambígua intermediária entre o que está escrevendo no momento? — Uma novela. — Já tem título? — Geralmente o conheço no final, quando acabei de escrever o livro. No momento tenho dúvidas. Pode ser O anjo das trevas. Mas talvez *Abadon, o exterminador*."

Embora esteja se referindo a *Sobre heróis e tumbas*, a colocação é também pertinente para *Abadon*, pois a técnica empregada se assemelha. Se possível, ainda mais elaborada neste último livro. Pois aqui ele nos desvenda ainda mais sua alma, retomando a linha do "Informe sobre cegos" e o denso clima poético.

Para se compreender a profundidade do pensamento de Sabato e de sua perquirição constante e indispensável, além de sua obra ensaística e ficcional, conhecer um pouco de sua vida e de sua formação de cientista e humanista.

Nascido em 1911 em Rojas, província de Buenos Aires, estudou matemática e física em La Plata; mais tarde (1928) recebeu uma bolsa para a Fundação Curie, em Paris. Depois da defesa da tese, foi convidado a trabalhar com Irène Joliot-Curie; a seguir, no Massachusetts Institute of Technology, nos Estados Unidos. Quando mais jovem, havia se filiado ao partido Comunista, do qual em pouco se afastaria por divergências com os métodos políticos. Mas os fundamentos do materialismo o marcaram; e eles viriam se somar conhecimentos científicos, a psicanálise, o existencialismo, e uma enorme inquietação espiritual. Tudo isto ajudaria a compor sua fisionomia intelectual e moral.

De repente, para espanto e indignação do mundo científico, e

quando sua carreira parecia abrir-lhe novos e promissores horizontes numa comunidade tão fechada como a de ciência, eis que abandona tudo para se dedicar à ensaística e à ficção. Muda-se para Santos Lugares, distante do centro de Buenos Aires, ali passa a viver isolado, dedicando-se à sua obra, eterno insatisfeito com o que faz, escrevendo e reescrevendo seus livros. Entrevistado a respeito de quando entraria os originais de *Abadon* à editora, responde: "Em uma semana ou em cinco anos". A não ser O túnel, que ele mesmo encaminhara ao editor, seus dois outros livros de ficção foram praticamente arrancados de suas mãos para os editores, extinto mesmo, sobre isto, um trecho bem explicativo em *Abadon*. E um longo período decorre entre a publicação deles: 13 anos de O túnel para *Sobre heróis e tumbas* e mais 13 deste para *Abadon*.

Instigante, tendo entusiasmado escritores do quilete de um Camus, que o recomendou a editoras francesas, o primeiro livro de ficção (O túnel, 1948), ainda abedecia a alguns cânones tradicionais, com personagens e trama que poderiam ser considerados "normais" para os padrões vigentes. É uma história de ciúme, mas que, a uma segunda leitura oferece novos níveis de entendimento, permitindo várias interpretações (num clima aparentemente policial há todo um processo de destruturação psicológica do protagonista, o pintor Castel, e uma neurose de fundo freudiano na relação homem-mulher, com a ambivalência amor-ódio), surgindo também alguns dos temas mais frequentes na literatura de Sabato: a solidão, o subterrâneo, os cegos, a busca do absoluto.

Já seu segundo livro de ficção (*Sobre heróis e tumbas*, 1961), rompe com todas as fórmulas estabelecidas, para intentar uma abrangência total, alinear e acronológica. São vários temas que se imbricam, aparecendo de maneira mais clara suas obsessões com a umidade, a escuridão, os cegos, a morte, a solidão, a incomunicabilidade humana. Isto tudo é mostrado através de planos paralelos que se interpenetram: o amor de Martin e Alexandra e o amor incestuoso de Alexandra e Fernando; a interferência de Bruno, alter-ego de Sabato e sua visão do que os outros vêem; a marcha do general Lavalle, episódio da história da Argentina; o intrigante e alegórico "Informe sobre cegos"; espécie de livro-dentro-do-livro, monstruosa alucinação de potências irracionais; a mescla de passado-presente.

Para Sabato, o que se espera de um escritor, antes de tudo, é que ele esteja em condições de transmitir uma imagem completa e intensa de sua época e de seu meio, com todas as suas contradições e entre-choques; e que faça, ao mesmo tempo, uma literatura que indague sobre a condição humana, sendo mais do que um simples reflexo da realidade.

Portanto isto, prosseguindo em suas investigações a nível de escrita e a nível de reflexão sobre o ser humano, em *Abadon, o exterminador*, Sabato, emprega, indistintamente, o monólogo interior, a narrativa vista de diferentes pontos, a construção contrapontística, misturando tempos e situações, o diálogo direto ou o diálogo dentro do texto, bem como artifícios de linguagem e de estilo, introduzindo, por vezes, ao lado da linguagem erudita a oralidade ou o coloquialismo, intercalando primeira e terceira pessoa. Mesmo referindo-se ao personagem Sabato, o autor Sabato, usa indistintamente, o eu e o ele.

A estrutura (ou melhor, a destrutura) narrativa de *Abadon*, para ser apreendida e para uma fruição de todas as suas potencialidades, exige uma participação muito intensa do leitor. Explorando-se e colando, não há, propriamente, uma história ou fio condutor. Existem histórias fragmentadas, que vão-vêm, desaparecem e reaparecem quando menos se espera. O fio condutor mais visível seria o próprio Sabato, as questões que (se) coloca, suas preocupações (inclusive com o ocultismo), as pessoas com quem convive, tanto aquelas que existem num plano de realidade real (sua mulher, seu editor) como aquelas que transitam de seus livros anteriores: um Castel e uma Maria, um Martin e uma Alexandra, um Fernando e um Bruno), e que existem num plano ideal de realidade, ou ainda as que ele vai criando no decorrer do livro.

Ainda num outro enfoque, poder-se-ia dizer que o personagem principal é a cidade de Buenos Aires, sua gente, suas ruas, becos, praças, bares, edifícios. Aqui, o exemplo que logo nos vem à mente é o de um Joyce ou um Cabrera Infante. Se em Ulisses é Dublin e em Três Tristes Tigres é Havana, em *Abadon, o exterminador* é, sem qualquer dúvida, Buenos Aires que nos surge em toda a sua complexidade.

Outra explicação possível seria a de Z. Nelly Martínez, ao dizer: "em *Abadon* se profetiza o devastamento de toda uma civilização. Evocando a figura do quinto anjo vingador do Apocalipse segundo São João, a novela reitera a abertura do sétimo selo. Anunciando o crepúsculo de uma civilização ocidental e o surgimento de uma era espiritualmente superior." E continua: "Abadon resulta, assim, numa esclarecedora metáfora de uma ameaçante condenação, por um lado, e do processo criador, por outro."

Atérvs de cartas, depoimentos, trechos extraídos de jornais, entrevistas, diálogos soltos, fragmentos de histórias, histórias dentro da história (como o episódio da morte de Che Guevara, para citar um só exemplo), de situações que se esboçam para serem abandonadas de vez ou retomadas, de Sabato-ele-mesmo-autor, Sabato-como-o-personagem-de-Sabato, Sabato-por-intermédio-de-seu-alter-ego-Bruno, procura-se envolver o leitor, arrastá-lo para aquele universo de símbolos e de alucinações, de descida aos abismos, fazê-lo também personagem-autor e coparticipa de trama. Das tramas.

Há no livro uma comparação enorme, composta de personagens de seus livros anteriores, de pessoas "reais", de sua mulher, de seus leitores, dos editores, dos tradutores, de estudantes que o buscam para entrevistas, de jornalistas e estudiosos de sua obra que querem esclarecimentos — o que cria um ritmo caleidoscópico.

Sabato procura uma revelação e uma revelação da realidade tanto exterior como interior. E se há episódios risíveis, como os pas-

tiches e a falsa erudição do cronista social com seus cacotês, o outro profundamente dramático na sua violência (confirmando a força de narrador de Sabato), como o da tortura e morte de Marcelo na prisão, há ainda outros que dizem bem de perto aos criadores de ficção, como o do personagem que não quer ser personagem e se rebelou contra o autor.

Já na primeira frase do livro Sabato procura nos introduzir em seu universo. Diz ele: NA TARDE DE 5 DE JANEIRO, de pé no umbral do café da esquina de Guido com Junin, Bruno viu Sabato vir, e quando se dispunha a falar-lhe sentiu que um fato inexplicável se produziria: apesar de manter o olhar em sua direção, Sabato continuou como se não o tivesse visto. "É preciso lembrar que Bruno, que aparece logo na primeira linha, não só é personagem de *Sobre heróis e tumbas*, como o alter-ego de Sabato. E aqui seria bom acentuar dois fatos: primeiro, que para a melhor apreensão do universo ficcional e da preocupação formal e conteudística de Sabato há necessidade de se conhecer seus três livros de ficção, se possível na ordem em que foram publicados, a partir de O túnel, fechando o tríplice com *Abadon*; e segundo, que com esta abertura ele já procura aproximar o leitor do autor-personagem Sabato.

Como uma floresta intrínseca e fechada, mas que possui uma picada que é necessário descobrir, envolver as pequenas marcas no emaranhado que é preciso saber ver onde estão ao longo do livro Sabato vai deixando indicações de sua proposta narrativa, do mundo no qual nos quer introduzir. E é ainda nas primeiras páginas do livro que esclarece: "Escrever ao menos para eternizar algo..."; para logo depois reconsiderar que talvez isto seja necessário para gente como ele, "Incapaz desses atos absolutos de paixão e do heroísmo." É adiante seu pensamento: "Porque nem aquele jovem que um dia se pôs fogo em uma praça de Praga, nem Che Guevara, nem Marcelo Carranza, tinham necessidade de escrever." E vem então a melancólica constatação: "Por um momento pensei que talvez [o escrever] fosse o recurso dos impotentes."

Aqui, ao mesmo tempo em que se interroga sobre o ato de escrever ("e a importância ou não do ato de escrever"), Sabato deixa patente outra indicação para o leitor. Na mistura do real e o ficcional, que para ele não se diferenciam, quer, de novo, que o leitor se integre e se entregue ao seu mundo mítico. E é o que intenta então? Ele mesmo o diz: "Uma novela sobre essa busca do absoluto, essa loucura de adolescentes mas também de homens que não querem ou não podem deixar de sê-lo: seres que em meio ao barro e ao estreme lançam gritos de desespero ou morrem lançando bombas em algum rincão do universo."

Num capítulo intitulado "Algumas confidências feitas a Bruno", reiterativo, volta Sabato a se explicar e a explicar sua arte e como a realiza. Procura justificar os cortes e acréscimos na realização do episódio sobre a marcha de Lavalle (de *Sobre heróis e tumbas*), onde, dominado pelo demônio da perfeição, começa a riscar adjetivos e advérbios, que lhe propiciam a modificação de uma modificação. Diz: "Quando escrevo ficção opero sobre mim forças que me obrigam a fazê-lo e outras que me retêm ou me fazem parar. Daí estas arestas, estas desigualdades, estes contraditórios fragmentos que qualquer leitor refinado pode notar." Bruno passa a ser, então, como a consciência de Sabato. Ele ("ele") quem é de se perguntar, Sabato ou Bruno? quer deixar bem claro que "um homem é uma totalidade, uma estrutura, onde cada parte não tem sentido sem o todo." Exatamente. E isto é válido também para *Abadon*, com todo o seu barroquismo: nenhuma parte do livro tem validade ou sentido sem o todo como uma unidade intrínseca inseparável.

Lúcido como poucos criadores do nosso tempo, Sabato diz não entender como o próprio autor pode, por vezes, ignorar certas coisas; mas que, sem dúvida, "há realidades que só podem se expressar por símbolos inexplicáveis...".

Não é possível dissociar o ensaísta de Hombres Y engranajes. O escritor Y sus fantasmas. Três aproximaciones a la literatura de nuestro tiempo, do ficcionista. Ambos se conjugam para criar uma personalidade de extremo fascínio e complexidade, que não tem nem mesmo falar de suas múltiplas influências literárias, reportando-se frequentemente a elas, lembrando o que deve, entre outros, a um Stendhal ou Flaubert, um Faulkner ou Thomas Mann, um Osar Pavese ou Musil, um Dostoiévski ou Kafka, um Camus ou Sartre.

Exigente consigo mesmo, Sabato é por igual exigente com os outros. Daí a preocupação com a tradução de sua obra: quer que ela tenha uma correspondência, em outro idioma, do que ele lutou por transmitir em espanhol. Por isto mesmo, não sabemos como rebeber a tradução deste *Abadon*. Há nele falhas flagrantes, números os espanholicismos, estranhas impropriedades e incorreções, que não se justificam e empobrecem o texto. Citaremos apenas alguns exemplos:

"Desde a obscuridade que lhe favoreciam as árvores da Aventura del Libertador..."; "Não lhe era possível jamais compreender que queria nem para onde se dirigia..."; "Natalicio Barragán apressou seu copo de cachaca e saiu tibatante..."; "Alguns vez havia dito a Martin que podia ocorrer cataclismos em terras distantes..."; "Em que lhe tocava este sujeito?..."; "O imaginava dirigindo desde..."; "O havia imaginado magro e Nenê era gordo e fofo..."; "O recordo sempre unido..."; "Vendo a alguém conhecido..."; "Descrições do inferno que nos aterrorizava..."; "esta luta a venho vivendo durante anos...".

Falhas lamentáveis, pois se *Abadon* não se entregue a uma primeira abordagem e exige atenção para as suas nuances e "armadilhas" formais, tais impropriedades dificultam ainda mais o entendimento de um livro repleto de sugestões e recorrências, além de não nos transmitir o seguro manejo da língua, tão característico da prosa de Sabato.

050: Filhos do destino

MIGUEL, Salim. Filhos do destino. Diário da Manhã. Goiânia, 11 nov. 1951. Literatura.

Filhos do Destino

Romance de Hernani Donato—Editora Cupolo Ltda.
— S. Paulo — 1951

São várias, inumeráveis as tendências em que se subdivide o romance contemporâneo e cansativo, além de inútil, para o caso presente, seria enumerá-las. Basta dizer que no Brasil sempre houve a mania de se achar que para o norte se fazia mais o romance social, do homem e da terra, enquanto que para o sul, a não ser raras exceções, o romance introspectivo. E isto parecia se confirmar plenamente, pois problemas como o do imigrante (em muito maior número no sul), o do café e outros, pouco ou nada haviam sido aproveitados, apesar do muito que ofereciam como possibilidades humanas e artísticas.

Agora Hernani Donato nos dá este seu "Filhos do Destino" (história do café e do imigrante em São Paulo), um livro sério, onde o autor estuda a penetração do imigrante, em especial do imigrante italiano, na zona cafeeira paulista, juntamente com o período áureo e depois a época da decadência da cultura do café. E a debacle, os dramas e crises que se sucederam.

Hernani Donato não é um novato nas letras. Dê-lo além de traduções e de livros para a infância já conhecíamos o volume de contos "Os contos muito humanos", histórias simples, narradas num estilo direto.

Neste romance de agora, versando assunto diferente, o autor mantém aquele mesmo clima de humanidade, de clareza, de estilo direto no contar, sem rebuscamentos nem uma busca exagerada do original e inédito, tão comumente usado e abusado em nossos dias. Seus tipos são humanos, vivem, podemos encontrá-los, saltam do livro e discutem conosco. H. D. mostra o entrosamento entre os imigrantes que chegam ávidos de riqueza, trabalhando de sol a sol, avançando mesmo noites a dentro, sofrendo numa terra estranha em procura de melhores meios de vida, mas mais das vezes não já para eles mas para os filhos, e os donos da terra, os paulistas de trezentos anos que empregam os imigrantes quase como escravos e depois vão observando que estes imigrantes que ontem nada eram, chegados de suas terras magros, doentes de uma longa viagem num navio horrível, espantados com a terra desconhecida e estranha, hoje já estavam tomando conta de tudo, desalojando a custa de trabalho e vontade de vender os coroneis empanturrados de tédio e reumatismo, cujos filhos estudando na capital ou na Europa não mais desejavam saber da "roça" e do trabalho no campo.

Os diálogos são bons, colhidos ao vivo, mostrando flagrantes característicos da vida entre os imigrantes, com seus costumes que aos poucos vão sendo confundidos com os da terra, sofrendo sutis transformações, pois os da terra aceitam modos de vida dos estrangeiros e estes mais facilmente ainda aceitam os da terra.

Não diremos ser o livro completo, que já dá tudo que o tema pode oferecer; porém a nosso ver é a tentativa mais séria já realizada a respeito. As vezes alguns diálogos, bem ritos, nos parecem o seu tanto forçados, como que doutrinários, os personagens não conversam simplesmente, mas conversam propositadamente para que o leitor fique sabendo coisas. E isto quebra em parte a uniformidade do livro, pois dá um tom assim meio pedante à obra, contrastando com a quase totalidade que é tão sincera e pura. Certamente o autor se deixou fascinar pelo tema e não pôde fugir à tentação de fazer seus personagens terem conversas inteiramente inverossímeis. Não diremos inverossímeis por acharmos que não possam ter acontecido, mas por destoarem do resto da obra.

Mas isto é nada diante do real valor do livro de Hernani Donato. O problema da terra, o problema do homem, os diversos problemas de relações entre os dois grupos são apresentados com verdadeiro conhecimento, com sentimento. E quando um personagem diz: "... Atravessei não sei quantas fronteiras. Em todas as terras, pedia que me deixassem trabalhar em paz. Que coisa mais simples pode um homem pedir? Mas parece que a vida chegou a um ponto no qual as coisas simples se tornaram impossíveis..." é como se vissemos toda a humanidade em peregrinação, sofrendo e lutando, em busca de um pouco mais de paz e compreensão.

e capacidade dizer do significado das obras, do que as mesmas nos sugerem e do possível valor delas como obras de arte.

Esclarecemos desde já que uma obra não é boa ou má por pertencer seu autor a esta ou àquela escola ou corrente literária, mas pela sinceridade, pela capacidade, pelo poder de transmitir as coisas, de nos fazer a nós leitores perceber fatos que diariamente vemos "sem ver". Um artista é bom por si mesmo,

Notas de Leitura

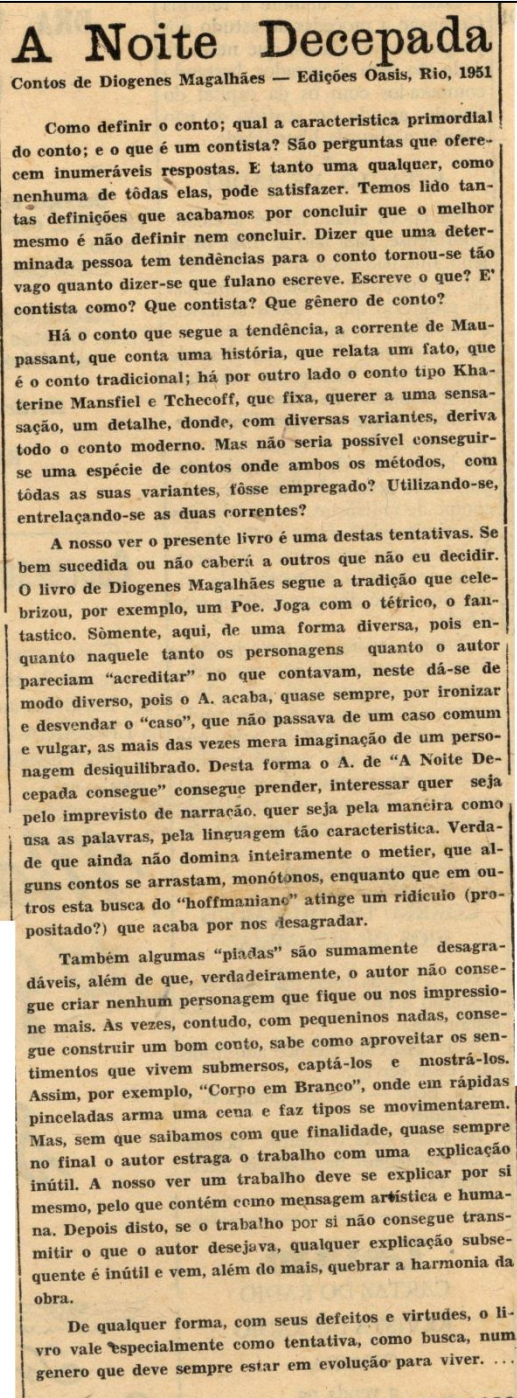
(Continuação da 5ª página)

não pelo que diz ser e muitas vezes até por razões alheias àquelas que lhe são mais caras.

"L'art n'est pas un jeu. L'art n'est pas une technique. L'art est l'expression d'un "besoin" de l'être humain. Des êtres humains. Des groupes humains, à une certaine époque, dans un certain pays". (Lucien Febvre).

E com este tópico do autor francês, tópico que pode resumir, em síntese, a ideia que tem guiado o nosso aprendizado no terceiro das letras, encerramos esta primeira nota.

(4) Os três livros a que nos reportaremos em próximas notas, são CONTRA-MAO, novela de Antônio Olavo Pereira, CONTOS DA BAHIA, de Vasconcelos Maia e CONTOS DE APRENDIZ, de Carlos Drummond de Andrade.



“Contra - Mão”

(Novela de Antônio Olavo Pereira, Prêmio Fábrio Prado de 1949 — Livraria José Olympio Editora, Rio — 1950).

O autor, nome inteiramente desconhecido anteriormente, se projeta no cenário literário do Brasil, com esta novela que não é mais uma simples promessa, nem pode ser recebida como mera “estréia”, com as palavras de incentivo devidas às estréias. Não! Seu livro já é uma realização de bom quilate, dentro de um gênero extremamente difícil, qual seja o introspectivo. Possui ademais um estilo sóbrio, ríspido, jogando parcimoniosa mas não desordenadamente com as palavras. Sim, sabe manejar as palavras e diz o que tem a dizer sem esbanjamentos. Dá a impressão de alguém que muito pensou antes de se aventurar no “escorregadio terreno das letras” e só o fez quando viu que tinha algo para dizer, uma mensagem a transmitir. Sem improvisação, mas cuidadosamente, sem qualquer desejo de “aparecer”. Porque é fácil, possuindo-se técnica, maneja da língua, virtuosismo, encher resmas e resmas de papel, bem escritas. Mas vazias. Difícil, ao contrário — e eis aí uma das grandes virtudes dos artistas — é ter o que dizer e fazê-lo em poucas palavras, com o estritamente necessário, sugerindo mais que explanando. E Antônio Olavo Pereira o consegue. Se às vezes parece titubear, com em dois ou três trechos, logo se firma. O clima da novela é sombrio, sumamente introspectivo, a análise se aprofunda, vive das pequeninas coisas íntimas do autor. Mas essas pequeninas coisas ele as transforma em coisas de quase todos nós, transforma o particular em geral, universaliza. Ademais, pode-se entrever, já que o autor deixa muito à sensibilidade e inteligência do leitor, pode-se entrever, dizíamos, todo o fundo social por detrás da história, aliás muito sutilmente apresentado, todo o complexo enorme de lutas e incompreensões, as dificuldades, a formação do autor, o meio acanhado de vida. Porque, não há negar, ainda que não seja uma novela “à clef”, o livro tem muito de autobiográfico. Sobriedade de linguagem, sobriedade que às vezes atinge uma grande secura, é o “tonus” mais característico da obra. Uma sobriedade e secura que lembra Graciliano Ramos. Aliás, há trechos que poderiam ser assinados pelo autor de “Angústia” — e citamos de propósito este livro — tal a semelhança de composição. A factura, a construção das frases é idêntica, a maneira como os períodos se formam, a conclusão, o corte brusco, seco. Vejamos à página 10 um apanhado:

“... Sabe das patifarias, dos escândalos irrelevantes. Que diria de mim? Nada que me favorecesse, por certo.

— Acham que o senhor é medonhamente carrança. Muito tímido e puritano.

Pouco se me dá saber. Não arranjará minha vida com isto”.

Outro trecho característico é o do instrutor:

“— Companhia, sentido!

— Direita, voltar!

Não governava as pernas, minha marcha saía descontraída, anarquizando o pelotão. O instrutor perdia a paciência.

— Acerta o passo, seu pau de virar tripa!

Era comigo, o segundo da fila. O fuzil de pau tremia-me na mão. Os joelhos ameaçavam dobrar-se. Um segundo erro que cometesse e o sargento empurrava-me para longe.

— Marche aí duas horas sozinho! Nunca vi um zarranza maior. Só tem tamanho. Acerte esse passo ao menos com sua sombra.

A cara bexigenta voltada com ódio para mim”. (pág. 41-42).

Esta passagem lembra a de “Angústia”, quando Luiz, levado pelo pai, vai à Escola, olha professores e alunos, menino arreado e tímido que é, com medo, enquanto o pai diz ao mestre ser ele “rapaz de dez anos que ainda não diferencia a mão direita da esquerda”.

Tanto Luiz como o personagem de “Contra-Mão” são inadaptados, uma classe de pessoas que vive mais de dentro para fora, fazendo das pequeninas coisas íntimas, dramas enormes. E’ a galeria infinda dos tímidos, dos arreados, dos cheios de estranhos complexos. Não compreendendo a sociedade nem esta a eles, deslocados e infelizes, não podendo, por um motivo qualquer, fazer da hipocrisia campeante no mundo, um modo de vencer, se entranham nas próprias cascas.

Os demais personagens da obra não contam, nem existem. Vivem em função do personagem principal, são como que projeção dele, que os rememora, fazendo-os desfilar diante do leitor.

“Contra-Mão” é, inegavelmente, uma boa contribuição para a moderna novelística introspectiva do Brasil. E do autor, bastante ainda se poderá esperar.

III

“Contos de Aprendiz”

(Conclusão)

Em “Meu Companheiro” o A. insinua as coisas, delatando-as à inteligência e perspicácia do leitor e cada qual que conclua como melhor lhe aprouver.

Do mesmo gênero, porém ainda mais sutil, mais fino, talvez também mais bem realizado, é a “Extraordinária conversa com um senhora de minhas relações”. Nesta, somente com insinuações, com palavras veladas, semi-ditas, Drumond consegue dizer tudo. E muito mais. O leitor querendo ver, subentender, é lógico. Porque em literatura insinuar é mais do que dizer, e, sabendo-se, diz mais. Infinitamente. O A. em poucas palavras, em pinceladas rápidas e fugidias, dá-nos uma visão, um espelho da cidade, da lufa-lufa, do movimento, onde as coisas são entrevistas, os sentidos sofrendo choques continuos, emoções as mais desencontradas e que a boa educação exige refrear, avelando uma perene o convencional máscara de impaciência. Como poderia o personagem “ouvir”, se queria “ver”? Mas a “boa educação”, o cavalheirismo exigia não ver. E então os instintos super excitados! Que diriam eles? Reconheceriam a “boa educação”? Dai, numa forma toda própria, parte o A. para uma análise aparentemente superficial, mas que em verdade é sempre em profundidade, para o estado de uma série de proplemas... de novo atinentes ao homem tímido, jogado, deslucado no meio, incompreendido e incompreendendo...

“Estávamos pois ali, eu e aquela estimável senhora, a caminho de nossos respectivos destinos, que não deixariam jamais de ser paralelos, mas subitamente acumulados no cerne de um fenômeno artístico de maior transcendência, qual seja o da exposição e o da contemplação da beleza, tornado quase doloroso pela agravante de uma circunstância: o momento indêbito.” (pág. 241)

E é assim a linguagem, com esta precisão e finura, sempre lírica, sempre pedindo o máximo de concentração e atenção do leitor.

“Nossa Amiga”, num gênero diferente, estuda as reações de uma menina, uma criança. E poucas vezes temos sentido, na literatura brasileira, com tanta sinceridade e verdade psicológica, as reações infantis, as contradições, a aparentemente desconcertante maneira de reagir dos petizes, tão absurdas para nós. Vemos “nossa amiga”, ela vive, se movimenta, traquinas, querendo descobrir as coisas, os absurdos do mundo, nos sorri e de nós exige coisas. Também:

“Nã é gulodice nem interêsse mesquinho. Será antes prazer de sentir-se cortejada, mimada. Esquece a merenda para ficar na sala, de mão na bôca, olhando os pés estendidos, enquanto alguém lhe acarinha os cabelos.” (213)

A poesia infantil, as criações tão puras da infância, os personagens que tão só ela via e que nós, nós homens, “gente grande”, ignoramos, pra imensa infelicidade nossa, tudo isto transforma o conto num misto de coisas irreais, mas contrastantemente humanas, vivas, que nos prendem profundamente e nos atraem.

Sob qualquer aspecto que se queira, por onde quer que se busque, os contos interessam, prendem. Como realização artística e humana, repetimos. Mas não é bom destacar, a não ser sob um ponto de vista estritamente pessoal, de gosto particular. Mas assim ainda ficamos temerosos de cometer injustiças. Porque, já agora nos lembramos da profunda emoção que nos causou “Moça, Telefone, Flor”, a singela história da moça que roubou uma pobre flor de um tulo e foi perseguida vida em fora pelo morto, a lhe telefonar, a exigir a flor, mas precisamente “aquela mesma flor”, não outra ou outras, mesmo melhores; e já de novo recordamos a sátira que é “O Gerente”, aquele, sim, aquele elegante, distinto, delicado moço de banco que gostava de comer dedos de senhoras casadas. Somente casadas, bem entendido, atendendo a não sabermos que profunda, insondável necessidade interior.

... Com este volume o grande poeta Drumond se transforma em grande prosador.

“Contos de Aprendiz”

(Continuação da página anterior)

São, de fato, esplendidos.

Sob todos os aspectos. Quer estética, quer humanamente, ou ainda de qualquer ângulo que se os queira analisar.

Na nota com que abre o livro, está a definição do que pretende o A., de como se guiará na concatenação das histórias. E por curiosa e original, transcrevemos a pequena nota:

“Nas histórias que êle nos contava, quando meninos, o que me prendia a atenção a ponto de fascinar-me, não era o enredo, o desfêcho, a moralidade; e sim um aspecto particular da narrativa, a resposta de um personagem, o mistério de um incidente, a côr de um chapéu...”

E é dentro dêste prisma que se desenvolvem os contos. Um detalhe, uma nota, uma frase ou palavra, uma reminiscência, uma flor ou imagem, um riso ou choro, tudo serve de fundo, de “leit-motiv” para o desenvolvimento, quase sempre dentro de um clima acentuadamente lírico, sempre numa linguagem sóbria, precisa, mantendo uma completa unidade, levemente irônicos. Seja nas notações de infância, “Briga de Irmãos”, “O sorvete” (Ievemente proustianos), seja nos estudos de tipos, “A Doida”, “Câmara e Cadeia”, seja nas críticas sociais, “Beira-Rio”, ou nos fantásticos (fantasiosos), “Flor, Telefone, Moça”, “O Gerente”, “Miguel e seu furto”, em todos enfim, a mesma sobriedade, a mesma procura do termo exato, tão necessária e tão longe da improvisação campeante que se nota em tantos escritores. Ou devemos mais verdadeiramente dizer pseudo escritores!?

Há contos que se destacam, a nosso ver, como dos melhores realizados nos derradeiros tempos, dentro do gênero, na literatura brasileira. Queremos nos referir muito em especial a “Meu Companheiro”, “Nossa Amiga” e “Extraordinária conversa com uma senhora de minhas relações”.

“Meu Companheiro” é um estudo lírico não só de um cachorro guapeca, de estimação, em todo caso, humanizado, — ou será melhor dizer animalizado? — porém mais e especialmente das reações de um tímido. Servindo o cachorro de mera base, ou ponto de apoio. O tipo criado é completo. O homem que só sabe ficar consigo mesmo, para quem os demais, todos os demais, mesmo os seus, a família, são sempre e sempre “estranhos”. O cachorro então é uma espécie de outro eu, para quem se confidenciam coisas, a quem se conta os principais sucessos, mas como se os contássemos a nós próprios. Aquê-le animal é o outro eu, projeção do homem arredio. O homem bom e humilde, pacato, inadaptado, arrojado à vida, imprestável para ela defeituoso por motivo de uma falsa educação ou por um motivo qualquer, que deveria — e gostaria — de viver enclausurado, mas obrigado a lutar, a se meter entre os homens na guerra mais heroica e humana e ignorada que se trava diáriamente pelo sobreviver.

(Conclui no próximo domingo)

I I I

“Contos de Aprendiz”

(De Carlos Drumond de Andrade, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1951).

O poeta Drumond se nos apresenta um ficcionista de primeira. Seus “contos de aprendiz” são trabalhos de mestre. Em tudo e por tudo. Desenvolvimento, maneira de tratar os assuntos, ironia, lirismo, o dramático que há nas existências, o que o cotidiano pode fornecer, contrapondo-se com o fantasioso, tudo isto é captado pelo autor, com sutilidade e finura, se congrega para dar uma visão toda especial, toda original e própria aos trabalhos enfiados neste volume, com um modo também muito seu de encarar a vida e seus problemas.

Podemos dizer sem medo de erro que o prosador Drumond nada fica a dever ao poeta Drumond. Até pelo contrário. Às vezes o prosador deixa o poeta longe. Especialmente se contrapormos este prosador enxuto, firme, bem equilibrado e sóbrio, muito mineiro em sua precisão, ao poeta desta última fase, que já nos está desagradando o seu bocado e, sim, e cansando à custa de tanta repetição dos temas e maneira de compor, de bater e rebater na mesma tecla já o seu tanto gasta, de vasculhar sem trazer nada de novo, de, enfim, prejudicar, quem sabe até mesmo empanar o brilho do grande poeta, do talvez maior poeta vivo do Brasil, o Carlos Drumond de Andrade de “Poesia até agora”. Devia, a nosso ver, ter ficado no “até agora”. Parar. Porque, do resto, francamente, nos parece uma macaqueação, uma caça dentro de si mesmo. É como alguém que, possuindo uma casa abarrotada de preciosidades, as vai desbaratando, perdulariamente, até que um dia, esvaziada ela de repente, o proprietário, com profundo pasmo, abismado, nota que está de mãos quase abanando, e então põe-se a catar pelos cantos o que sobrou do tesouro. Pobres restos! Às vezes, sem dúvida, bons, porque ele possui ainda mais a técnica. Mas técnica só não é tudo. Nada mais trazem de pesquisa, de contribuição, deste eterno espírito de insatisfação. O poeta se satisfaz em repetir — com rara felicidade e conhecimento do métier, é indiscutível e não o pretendemos negar — o que já de há muito vem usando. Sabemos que com técnica um artista bem dotado, com grandes conhecimentos do seu trabalho, pode continuar ainda por muito e muito tempo a escrever. Mas, repetimos, técnica não é tudo — se bem que seja também imprescindível. O essencial, a nosso ver, é o que o artista tem a dizer, sua mensagem, sua contribuição. E esta, no que tange à poesia, Carlos Drumond já a deu. E... melhor seria... Mas não, deixemo-nos disto. Falemos do prosador, como era nossa intenção primeira. Falemos destes esplendidos “Contos de Aprendiz”...

(Continua no próximo domingo)

Notícia sobre o IV Congresso

Decorreram com grande entusiasmo e proveito os trabalhos do IV Congresso Brasileiro de Escritores, promovido pela ABDE. Escritores de todas as tendências, quer filosóficas, políticas, estéticas ou religiosas, hospedados oficialmente pela Prefeitura de Porto Alegre, se reuniram para discutir os problemas relativos à vida do escritor e à difusão e defesa da cultura. Mais de quarenta teses, moções, indicações, sobre os mais diferentes assuntos, foram apresentadas, discutidas, aprovadas. Mensagens de quase toda parte do mundo foram recebidas, de escritores ou associações que se congratulavam com a realização do Congresso. Da Inglaterra, França, Estados Unidos, China, Dinamarca, União Soviética, Portugal, Uruguai, etc. Dos mais longínquos recantos do Brasil, das pessoas mais diversas, diariamente estavam chegando à mesa diretora do Congresso mensagens e saudações. Dada a carência de espaço, damos uma só, a do sr. Herbert Moses, Presidente da ABI:

“Senhor Presidente do IV Congresso Brasileiro de Escritores.

A Associação Brasileira de Imprensa sauda o IV Congresso Brasileiro de Escritores, promovido pela ABDE, integrado também por tantos jornalistas para quem aspiramos viverem permanentemente num regime de liberdade e democracia, no qual cada um possa exprimir livremente seus anseios e ideais. Fazemos votos para que nossa terra possa merecer esse ambiente arejado fora do qual não há possibilidade de desenvolvimento cultural. Peça-lhe saudar os congressistas em nome da Casa do Jornalista, tendo sob o qual todas as idéias sempre encontram livre e franca expressão. Atenciosamente — a.) Herbert Moses, presidente”.

Damos agora alguns dos depoimentos, por nós colhidos, de escritores que participaram do Congresso:

“O Congresso se desenvolveu em boa harmonia, como era de esperar da inteligência brasileira. O resultado foi que de Porto Alegre a ABDE sai mais forte e mais coesa, como a grande organização cultural e patriótica dos escritores brasileiros”. Porto Alegre, 30-9-51 — Ass. Edison Carneiro.

“O IV Congresso Brasileiro de Escritores foi uma grande manifestação de pujança das forças jovens da cultura brasileira”. P. A. 30-9-51 — Ass. Fernando Guedes.

“No IV Congresso Brasileiro de Escritores, acima de divergências secundárias, reinou verdadeiro espírito democrático e desejo honesto de unidade dos escritores em torno de seus interesses profissionais, ligados àqueles que dizem respeito aos anseios da humanidade em sua luta pela preservação da cultura e da paz para todos os povos” — Ass. Ary de Andrade.

“De todas as maneiras o IV Congresso Brasileiro de Escritores parece ter sido o mais proveitoso dos que realizamos até agora. Nunca os escritores brasileiros tiveram um programa tão vasto e definido, tanto no campo das reivindicações profissionais como no que diz respeito à defesa de nossa Cultura. Como escritor de cinema, fiquei também satisfeito com a acolhida que o Congresso deu aos problemas e anseios de minha classe, e estou certo de que muitos escritores que compareceram a Porto Alegre comparecerão igualmente ao I Congresso Brasileiro de Cinema,

que realizaremos dentro em pouco em São Paulo”. Porto Alegre, 20-9-51 — Ass. Alex Viany.

“O espírito de cordialidade e a sinceridade de propósitos observados neste IV congresso mostram claramente que a intenção inicial de defender os interesses do escritor como tal e como cidadão foi concretizada” — Ass. Darcy Damasceno.

Neste IV Congresso, conforme consta dos estatutos da ABDE, foi eleito o Conselho da Associação Brasileira de Escritores que funcionará como órgão central de todas as ABDE estaduais. Este primeiro ficou composto dos seguintes elementos: romancista Graciliano Ramos, presidente da ABDE carioca; escritor e cientista Neves Manta, presidente do Conselho Fiscal da ABDE carioca; contista Anibal Machado; contista Originess Lessa; acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, ex-governador de Pernambuco.

Todos os trabalhos do Congresso foram filmados pela “Horizonte Filmes”, tendo sido gravados alguns discursos mais importantes. Domingo, dia 30, a ABDE do R. G. do Sul ofereceu aos congressistas, na Vila Cecília, um churrasco, que decorreu na maior camaradagem.

A noite, no Teatro Municipal São Pedro, com a presença dos delegados, de numeroso público, do representante do Governador gaúcho, foi lida a importante Declaração de Princípios, um documento que bem mostra e honra os trabalhos do Congresso, tendo logo após o escritor Graciliano Ramos, presidente da ABDE encerrado os trabalhos do IV Congresso, sob vibrantes aclamações. E os Delegados, rumo aos seus Estados se despediam com um “até Goias”, onde se realizará o V Congresso.

S. M.

II

“Contos da Bahia”

(de Vasconcelos Maia, Edição “Cadernos da Bahia”, Salvador, 1950).

Neste autor, o que mais se salienta é o lirismo. Um lirismo bom, suave, confiante, otimista, dentro de um estilo que prende, numa linguagem amena. A primeira história do volume, “Largo da Palma”, é característica do modo de ser do autor, com suas virtudes e defeitos inatos. O conto é um primor, como notação da psicologia infantil. O autor nos leva de retôrno, num torna-viagem à nossa infância, revendo paisagens, tipos, cenas, figuras tão nossas conhecidas, tão próximas de nós, que as vês julgamos haver de verdade voltado àquele ambiente de meninice e despreocupação. Aliás, particularmente, nos é difícil falar neste conto de uma forma mais impessoal, com isenção de ânimo, mais “de fora”, já que tanto e de tão perto ele nos toca e nos diz. Sabemos muito bem que isto pouco ou nada deveria influir em nossa apreciação, caso tivéssemos intenções críticas. Longe de nós desejos de tão altos e alevantados vãos! Por isto podemos, como simples leitores curiosos e interessados, nos deter, meditar a respeito do trabalho que mais nos impressionou, anotar as nossas impressões, as sugestões a nós fornecidas. Todas as figuras vivem, são gente, como nós, com nervos e sangue, por mais que hoje em dia queiram depreciar o termo com uma busca exagerada, exasperante de despersonalização, de deshumanização. Nós nos integramos na história, vivemos com eles, sofremos e vibramos com a partida de futebol, a “pelada”, com a prisão do negrinho, a solidariedade de toda a turma, à chegada da polícia, quando minutos antes estava atracada... Tudo direto, simples, humano, com um fundo lírico que atinge longe dentro de nossa sensibilidade.

Mas não é só neste conto que o A. se destaca. Há outros, quase todos. “Romance de Natal” é um apanhado com rara felicidade e fidelidade desta idade-fase de transição, quando meninas e meninos começam a se julgar “gente grande” e agir como tal, tomando atitudes. Então, a procura de cinismo, um “cinismo poético e ingênuo”, o desejo de aparecer, as frases de efeito, vontade de fazer pôse, tudo se põe a trabalhar nas pequenas cabeças. Contrapontisticamente, da figura do menino e menina, surge o rapaz e a moça, com negaceios, medos e desejos, vontade e receio, a procura do desconhecido e a dúvida a respeito do que se irá encontrar...

Os diálogos são sempre naturais, fluentes. Captam ao vivo a linguagem infantil, não a procuram exageradamente. Vejamos este apanhado:

—Passe prá minha banda.

—Prá que?

—Ora essa! Prá que... Não se faça de anjinho. Como posso abordar se você trouxe dois destróiers lhe combolando?” (pág. 78)

Ou ainda este, do mesmo conto

—Não vim aqui atrás de você, saiba disso.

—Já sei, veio por causa da missa...

Foi sim. Duvida?

—Não, não, claríssimo que não... MINHA FILHA — acentuou ele com o risinho claro e fanfarrão. (“Romance de Natal” — pág. 79)

Poderíamos, se quiséssemos alongar estas notas, falar de “A Grande Safra”, um drama pungente e humano, contado em bom estilo, ou “Morte”, não isento de ironia, ainda “A Derrota”, sátira amarga, etc. E em todos sempre a procura, a busca, mesmo quando é menos feliz como em dois ou três casos (exemplo: “Dia de São Nunca”, que pertence ao já tão batido e desagradável conto-piada),

possui este valor de insatisfação consigo próprio, que é o que deve nortear todo artista, nunca cedendo ao gosto fácil ou à padronização.

Terminando diremos reconhecer em Vasconcelos Maia uma das melhores vocações de contistas novos do Brasil. Dentre os inúmeros livros de contos publicados ultimamente, seu volume se destaca pela sinceridade, pela seriedade, pela pureza de linguagem, pela maneira como os temas são atacados, sem subterfúgios, não torneando os problemas que se lhe apresentam, mas atacando-os de frente e procurando solucioná-los.

058: O homem de duas cabeças

MIGUEL, Salim. O homem de duas cabeças. Diário da Manhã. Goiânia, 19 ago. 1951, Literatura.

IV O homem de duas cabeças

Conclusão

Não vamos até ao ponto de achar que são todos eles contos ótimos, os do volume. Não! Até, quase diríamos, pelo contrário. As vezes a maneira de contar do A. nos desagradava o seu tanto, nos cansa um bocão, com sua busca exagerada do vulgar, do comum. O autor não consegue nos dar uma impressão mais nítida do que quis dizer, se perde, não domina integralmente a palavra, a frase, o período, às vezes o assunto. Deixa-nos assim uma como vaga idéia de algo inacabado, incompleto, falto — sob o ponto de vista estético, de obra de arte. Falta-lhe, a nosso ver, a expressão justa, essa busca e insatisfação que deve ser a raiz, ou melhor ainda, o fim último de toda obra artística.

Em arte, bem sabemos, não há, primordialmente, temas bons ou maus — o que não quer dizer que uns não possam ser melhores e outros piores. O que há é maneira boa ou má de tratar os temas, de conduzir a história, de levá-la a uma conclusão lógica. Lógica, bem entendido, sob o ponto de vista de trabalho como um todo, como uma coisa que se complete. A. F. não tira tudo de suas histórias, não as aproveita ao máximo. Uma frustração que não conseguimos explicar — talvez fôsse para nós apenas! — é o tom de alguns contos. Porém, por que isto, perguntamos, se o A. já é mais do que uma simples promessa, mais que uma possibilidade?

É algo que falta ainda a Almeida Fischer. Algo sutil, intangível, que passa perto de nós sem que o possamos captar. Mas que existe. Ele atravessa os contos, nós o podemos perceber — esse algo por assim dizer “fluidico”, que nós, “sentimos”. Então relemos os trabalhos, vagarosa, insistentemente. Nada. Somente aquela impressão dolorosa de frustração permanece.

A que conclusão chegar? A uma:

O A., nos parece, ainda não se encontrou integralmente, ainda anda em busca de um estilo mais próprio, mas apropriado ao seu temperamento, de uma linguagem para o bom aproveitamento de suas inegáveis possibilidades. Em alguns contos do presente volume, conforme já tivemos oportunidade de assinalar, ele chega a atingir, se bem que não ainda de modo completo, esse ponto. De repente, eis que em outros a roda desanda, o conto desaba. Podemos notar esta diferença entre, por exemplo, “Uma História de Amor”, conto bem construído, de um lirismo ingenuo e bom, puro, muito bem arquitetado, e o tom falso, quase diríamos premeditadamente falso (será?) de “O Candidato”, onde além de chavões se pode observar o mau gosto das imagens, a par de uma procura nada feliz de humorismo, tudo isto dentro de um tom melodramático, quem sabe se piegas, querendo contar uma história que absolutamente não convence, nem sob o ponto de vista quer estético quer humano.

Não se pode chamar A. F. de contista moderno. Ele se filia, no Brasil, à corrente que segue Maupassant, e que tem, no momento, como sua figura maior, Lígia Fagundes Telles, com alguns contos que, cremos, ficarão, como marcos felizes na literatura brasileira atual.

É sem dúvida — e grato-nos é reconhecer — que, A. F., já com seus trabalhos, e com os que, temos certeza, poderá realizar, se tornará — ou já o é — uma das figuras exponenciais desta geração que vem trabalhando com tanto afinho pela literatura brasileira.

O volume “O Homem de Duas Cabeças”, ora apre-

sentado pelas “Edições Oasis”, é bem realizado, tendo capa de Santa Rosa e ilustrações de Ilgen Kerr. Oswaldo Goeldi e Lirio Abramo, merecendo por tudo isto, além de seu valor próprio ser lido pelos que se interessam pelas letras brasileiras.

059: O homem de duas cabeças

MIGUEL, Salim. O homem de duas cabeças. *Diário da Manhã*. Goiânia, 12 ago. 1951. Literatura.

O homem de duas cabeças

IV

(Contos de Almeida Fischer, Edições "OASIS", Rio, 1950)

Não é o conto um dos gêneros mais bem aceitos pelo pequeno público leitor brasileiro. E sendo assim, além de outros fatores, qual seja o de se considerar, injustamente aliás, o conto um gênero menor de literatura, e ainda caminho para o romance e novela, não como obra de arte em si, sendo assim, dizíamos, poucos são os cultivadores do conto, que fazem dele uma finalidade em si mesma, e não mero caminho para pontos "mais altos". A verdade é que não compreendemos esses tais pontos mais altos. O conto em si, por si só, já é um gênero literário autônomo, já tem tanto valor quanto qualquer outro. Há nomes, especialmente no estrangeiro, cuja única glória repousa na fama de contistas que alcançaram. Assim um Maupassant, um Tchecow, uma Catherine Mansfield, para só nos atermos aos maiores. No Brasil também poderíamos citar bons contistas, a começar por Machado de Assis, que foi acima de tudo contista, até mesmo em seus melhores romances. Ou então, mais perto de nós, um Monteiro Lobato. E já da geração moderna, um Antônio de Alcântara Machado, um Mário de Andrade, um Marques Rebelo, enquanto das novas gerações um Murilo Rubião, um Breno Acioli um Vasconcelos Maia, etc.

"O Homem de duas cabeças" não é um primeiro livro de estréia, nem seu autor um nome desconhecido no terreno das letras. Almeida Fischer, que estreou com "Horizonte Noturnos", tem colaborado bastantes vezes em jornais, revistas e suplementos literários do país. Pelo que, não poderemos, em falando dele, olhar como se olha para quem está começando, com uma possível e às vezes condescendente boa vontade. Não! A obra passada dele já exige uma maior atenção para os trabalhos enfiados neste volume que comentaremos.

Os contos publicados em "O Homem de duas Cabeças", alguns inéditos, outros já apresentados anteriormente, mantem todos uma mesma boa linguagem, um mesmo clima de humanidade, de sinceridade. O autor vive suas histórias, "sente" o drama de seus personagens humildes, gente da classe média, pequenos empregados, funcionários públicos modestos, etc. Para eles o A., sente-se nitidamente, sempre tem um olhar e uma palavra de simpatia, ou então uma frase irônica. Tenta mostrar seus pequenos dramas, suas alegrias e tristezas, numa linguagem clara, sem rebuscamentos. E o leitor se deixa levar, calmamente, procurando se integrar, viver aquelas vidas... As personagens, vem, convivem conosco...

(Conclui no próximo domingo)

Cenas da vida brasileira

(Suites ns. 1 e 2)

Obras de Marques Rebelo — IV Edições "O Cruzeiro"
— Rio, Julho, 1951.

PARTE 1

Já por vezes diversas, anteriormente, temos tentado escrever sobre os livros de Marques Rebelo. Inútilmente! Ficamos sempre sem nada quase dizer. Impressões confusas, sentimentos contraditórios se entrecrocavam dentro de nós. Porque são obras tão especiais, tão fora de catalogação, da bitola comum e batida, livros tão ele — mesmo, que impossível se torna referir-se a gente a eles da mesma forma por que se escreve sobre os demais livros aparecidos entre nós. Ademais exigiriam: uma linguagem especial, concentrânea com o espírito todo próprio, único, da obra, de acordo com aquele estilo tão leve, aparentemente tão superficial, mas que em verdade é bem profundo, muito mais profundo do que se poderá imaginar a uma simples leitura apressada. Exige integração. Atinge, depois então, e só depois, longe dentro de nós. E das coisas mais vulgares e banais tira efeitos como só um artista da mais fina e apurada sensibilidade estética conseguiria tirar. A respeito diz o senhor Alvaro Lins: "De tudo o que é realmente vulgar o Senhor Marques Rebelo consegue realizar uma obra aristocrática..."

Na literatura de Marques tudo é estudado, medido, pensado, sem contudo dar, nem de longe, impressão de rigidez e de academicidade. Pois contrastantemente como poderá parecer, sai tudo espontâneo e puro. E eis aí o verdadeiro artista. Aquêle que trabalhando, castigando o estilo, consegue dar esta idéia de espontaneidade.

E' ele um mestre do estilo, talvez o nosso maior mestre atual, pela completa pureza de linguagem, absolutamente sem rebuscamentos e sem esbanjamento. Extraordinária nele é a precisão na colocação do vocábulo exato, do termo preciso. E' esta, geralmente, uma das maiores deficiências dos escritores nacionais. Marques, quando, por exemplo, coloca um determinado adjetivo, sabe-se que aquele — e só aquele — poderia ser ali colocado. Ele odeia acima de tudo o palavroso, o enfatuado. Literatura é segurança e precisão. E dono de um grande poder de síntese, sem dar impressão de parcimonioso mas sim de exato, restringe-se ao verdadeiramente essencial.

Característica inata, este modo de ser dele vem sendo aperfeiçoado através dos livros e dos anos. Nunca satisfeito consigo mesmo, refundiu integralmente seu primeiro romance, apesar de todos os elogios recebidos da crítica especializada. E como exemplo frisante do seu modo de trabalhar, gostava sempre de nos confiar sentado ali debaixo da figueira grande — "que de tão velha se apoia em mulatas" — como realizou um dos capítulos de seu livro a aparecer "ESPELHO PARTIDO". O referido capítulo, de algumas páginas foi sendo resumido até, sem perder nada — ou quase nada — tornar-se em duas frases. Que se não nos falha a memória são estas:

"Parecia ler.
E era".

Talvez dito assim pareça sem importância e nada explique. Mas explicado por ele, acentuando cada explicação com um detalhe do que vinha antes ou viria depois, encaixado no conjunto da obra, adquire vida, tornava-se suficiente e tudo o mais que se quisesse acrescentar mero enfeite, supérfluo.

E' o que se dá agora com estas CENAS DA VIDA BRASILEIRA". São rápidas notações, colhidas por um viajante inteligente e vivo, apanhados característicos da vida e do modo de ser do Brasil, como seus diversos costumes típicos, de quase todos os recantos do país por onde o escritor andou.

Assim, em duas pinceladas ele cria uma cidade e seus "costumes":

"LONTRAS — 1939
Conversinha:
— Morreu Zé Fagundes.
— Quem matou?"
Ou assim ele cria um tipo:
"O homem nunca tinha visto o mar. Um dia viu-o.
— Então?"
— Muito chique, muito distinto..."

E com duas linhas, duas frases, um adjetivo bem posto, ele caracteriza um meio, dá uma figura, faz surgir um vulto, cria uma cidade. As coisas saltam, referem na nossa imaginação. As pessoas passam, os homens com suas grandezas e misérias.

Marques escreve para o leitor que quer ver para além da realidade comum e palpável de todo dia; para aquele que quer se integrar, ser parte do autor, participar com ele. E desta comunhão entre leitor e autor nascem os melhores momentos.

O leitor que lê para passar tempo, para "matar as horas de ócio", também este encontrará o seu Marques Rebelo, um Marques Rebelo humorista, destruidor — se

NOTAS DE LEITURA

S. M.

— V —

Cênas da Vida Brasileira

(CONCLUSÃO)

E já então, num passe de mágica, comendo o tempo, saltamos para "CURVELO" — 1943.

Aconteceu em Curvelo com as sementes distribuídas pelo Estado, para intensificação do plantio de algodão. De um lado deu algodão, com lagarta. Do outro, deu quiabo".

Mas voltemos a:

"BARBACENA — 1942
Dizia-me o homem:
— Eu queria era ver esses inimigos do divórcio casados com dona Zizi!
Dona Zizi era a esposa do homem".

Em "BELEM — 1949:
"E depois de quase um mês de planície amazônica, como sentisse necessidade premente de ver jacarés e sucuris, fui fazer uma visita ao Museu Goeldi".

E agora "FLORIANÓPOLIS — 1949.
"Depois dum curso de arte culinária no Senac (dois meses), madame fazia tão extraordinárias manobras de lagosta, que sentia-se na obrigação de firmá-las com as suas iniciais em gema de ovo".

E assim vamos, nesta viagem...

Um caso ainda a estudar é o dos pseudônimos. E' também uma forma da pessoa se esconder, às vezes não tanto dos outros mas de si mesma. E a explicação não é tão simples quanto possa parecer a primeira vista.

João Gaspar Simões enche páginas tentando uma análise no que tange a Fernando Pessoa e seus heterônimos. O próprio Fernando Pessoa em mais de uma passagem se refere ao caso, especialmente na carta a Adolfo Casais Monteiro, carta esta inteiramente dedicada ao assunto. Porém nada ficou bastante claro.

Bem sabemos não ser o caso de Marques tão complexo quanto o do poeta português. Nem é aqui ocasião para tratar do assunto.

Ademais já alongamos demasiadamente estas notas desconexas, tomadas ac caminho da leitura. E' que como sempre vem desordenadas, pouco dizendo do muito que gostaríamos de dizer, ainda prenhes da emoção que os livros de Marques sempre nos causam, impedindo uma análise fria, um estudo mais acurado.

Aqui as deixamos e por sumamente gratos e compensados nos daremos se elas alguns próximos tiverem, chamando, para o assunto, a atenção de outros mais capacitados.

bem que não o verdadeiro Marques. E reptamos aqui que se há um mal em Marques, é este, a nosso ver, o da aparentemente demasiada facilidade.

Cada leitor, de acordo com a sua formação, a sua personalidade, a sua visão do mundo, os seus pontos de vista pessoais, encontra no autor o que ele leitor quer encontrar. O que ele leitor procura.

O autor sugere — e é este o melhor autor. Logicamente que dá também a sua mensagem. Mas não a impõe. Deixa que o leitor conclua por si só, busque.

Literatura é acima de tudo sugestão. Em rápidas pinceladas deixa o autor gravado o essencial e que daquilo o leitor conclua como melhor lhe aprouver.

Assim os grandes escritores de todas as épocas e de todos os países.

Assim Machado — para só nos atermos ao Brasil — e a quem Marques, sob um certo aspecto (ou diversos?), se pode filiar, sugeria, insinuava. Começava por dizer, não conclua, excitava a imaginação do leitor, aguçava-lhe a curiosidade. Assim também Manuel Antônio de Almeida — e não é sem razão que Marques o considera um dos nossos maiores vultos.

E é por este motivo, queremos crer — ou melhor, pelo motivo contrário, por pouco ou nada sugerir, por dizer as coisas claramente, por limitar a imaginação — que Marques não gosta deste outro grande escritor brasileiro que é Lima Barreto.

Grande sim, porque... mas isto é motivo para um outro artigo e não há aqui espaço para tanto. Aportunamente retornaremos ao tema.

O autor que já dá tudo mastigado, aclarado, realisticamente pronto, não só diminui o prazer da leitura, como limita o leitor ao seu campo restrito, não dá asas à imaginação.

(Continua domingo).

MIGUEL, Salim. Um memorialista do conto. **Diário da Manhã**. Goiânia, 7 out. 1951. Literatura.



Notícias de Santa Catarina

Florianópolis no Panorama Teatral Brasileiro

"A BARCA DE OURO"

FLORIANÓPOLIS, 31 de outubro (Do correspondente). — Pela TAC — O Teatro Catarinense de Comédia, dirigido por Sálvio de Oliveira, acaba de apresentar a tragédia de Hermilo Borba Filho, "A Barca de Ouro". Peça ousada, difícil, conforme declara o próprio autor na entrevista que nos concedeu, com ela o grupo do TCC trabalhou mais um tempo. Contando com elementos na sua maioria estranhos, ainda assim o Prof. Sálvio de Oliveira conseguiu realizar um bom trabalho de equipe. limpo, correto, com boas marcações e bonitos jogos de cena, em fim, um bom espetáculo teatral. A destacar o ótimo cenário de Antônio Faria, muito bem realizado pela equipe do TCC. Senão, precisa a direção de Sálvio de Oliveira. Dos intérpretes, a destacar, em primeiro plano, Gilda Maria, que desde a sua entrada em cena criou um tipo — um tipo difícil, complexo, contraditório. Logo abaixo, Tito Correia, Ezio Luz, Cileide Costa e Nilton Moraes. A propósito do espetáculo tivemos oportunidade de ouvir as impressões do Diretor e Crítico teatral Fortunato Ferreira, que veio a Florianópolis especialmente para assistir a peça. Fortunato Ferreira, que é gaúcho e durante muito tempo fez teatro em Porto Alegre, tem o montado bom espetáculo, não escondendo seu entusiasmo pela realização do TCC. Declarou:

"A seriedade com que o T.C.C. apresentou seu espetáculo, veio colocar Florianópolis no panorama teatral brasileiro.

Podese dizer com orgulho, que aqui também se faz teatro, e bom. Ao movimento literário catarinense (ISUL), brilhante sob todos os aspectos e que tornou Santa Catarina conhecida em todo o Brasil, veio juntar-se mais esse grupo, equilibrando o Estado com o que se vem fazendo de importante em nossos principais centros culturais. Isso tudo justifica plenamente todo o apoio que os filhos devem dar aos seus mocos que vêm trabalhando, incessantes, por um Brasil melhor".

FLORIANÓPOLIS — (Do correspondente Salim Miguel) — Pela TAC — Esteve em Florianópolis, onde veio para assistir à estréia da sua Tragédia "A Barca de Ouro", o teatrólogo Hermilo Borba Filho. Foi logo depois da estréia, quando o procuramos para que nos dissesse alguma coisa a respeito da maneira por que vive a sua peça na montagem do Teatro Catarinense de Comédia, que nasceu a ideia desta conversa para os nossos leitores. Hermilo Borba Filho se colocou logo à nossa disposição.

Natural de Pernambuco, o autor da "História do Teatro" se encontra em São Paulo há três anos e meio, trabalhando como crítico teatral da "Última Hora" paulista e como um dos diretores da Revista "Vazio".

Sabíamos do intenso movimento teatral pernambucano. E muito embora afastado há algum tempo de lá, Hermilo Borba Filho ainda assim poderia nos dar algumas informações.

— "Quando em Pernambuco fundei e dirigi o Teatro do Estudante de Pernambuco, que se pode dividir em três fases. Primeira fase, a dos espetáculos inteiramente gratuitos, com despesas do nosso próprio bolso; segunda fase, a da "Barca de Ouro" (inaugurada por Paschoal Carlos Magno), quando demos espetáculos em feiras, prédios de escolas, fábricas, adros, praças públicas, etc.; a terceira fase foi no Teatro Santa Izabel, com espetáculos pagos. Eis nosso repertório: "Sapateira Prodigiosa", de Lorca; "O Urso", de Tchecov; "O Segredo", de Sender; "A Casa de Rosmer"; "Quando Despertamos de entre os Mortos", de Ibsen; "Cantata as Harpas de Sida", de Ariano Suassuna; "Edipo Rei", de Sófocles; "Otelo", de Shakespeare; "Vento do Mundo" e "Três Cavaleiros a Rigor", de Hermilo Borba Filho, além dos seguintes espetáculos infantis: "Cabra Cabriola", de Hermilo Borba Filho; "Mãe da Lua", de José de Moraes Pinho e "As Calpurnas" de Genivaldo Wanderley. Realizamos diversos concursos de peças, onde descobrimos autores do porte de um Ariano Suassuna, um José de Moraes Pinho, um Aristóteles Soares, um Isaac Gontin Filho, um Vanildo B. Cavalcanti, um Ruy Amazonas, um José Laurencio de Melo e um Gastão de Holanda. Editamos também, tendo lançado três livros: "Palhaço", de José Laurencio de Melo; "Zona de Silêncio", de Gastão de Holanda; e "Teatro" de Hermilo Borba Filho.

Teatrólogo, crítico teatral, autor de uma boa "História do Teatro", Hermilo Borba Filho vem, desde há muito, se interessando a fundo pelo problema do teatro no Brasil. Ninguém melhor do que ele, portanto, para nos falar a respeito do nosso movimento teatral, do que se está fazendo e de como está sendo feito.

— "O teatro brasileiro tem uma feição importante de pouco mais de

dez anos para cá. Antes era o que se via por aí a fora. Era o teatro olhado como filho bastardo pelos nossos intelectuais. Atividade secundária a que não se dedicavam e à qual olhavam com pouco caso ou condescendência. Foi graças a alguns grupos de amadores e profissionais, entretanto, que uma nova maneira de encarar o problema começou a se notar. A frente dos amadoristas é preciso não esquecer Paschoal Carlos Magno com o seu Teatro do Estudante do Brasil. Paschoal criou um novo amor pelo teatro, fomentou o aparecimento de grupos por todos os recantos do Brasil.

Lembramos que nos últimos anos tem aparecido no Brasil, diversos

— "Eu acho que raras vezes um espetáculo de amadores contou com elementos tão positivos: a direção sensível e inteligente de Sálvio de Oliveira, o bonito cenário de Antônio Faria, a honestidade e sobretudo a seriedade artística dos intérpretes e, o que é muito importante, o apoio da imprensa e dos poderes públicos de Santa Catarina, permitiram isto. Confesso que desembarquei com muito medo. Não estava acreditando que uma peça como "Barca de Ouro", difícil e ousada, fosse realizada com tão bom gosto. Por tudo isso acho que os do Teatro Catarinense de Comédia cometeram um ato de heroísmo, temeridade, coragem".

Hermilo Borba Filho tem dois livros a serem lançados: "Alberto Cavalcanti, filme e realidade de um diretor", pela Editora Páginas Ltda, e "Os caminhos da Solidão", romance, edição de José Olympio.

Hermilo Borba Filho vive só da sua atividade intelectual. E como desejásemos que nos dissesse mais alguma coisa, declarou:

— "Vivo exclusivamente do que escrevo. Um dos diretores da revista "Vazio", crítico de teatro do jornal "Última Hora" de São Paulo, tradutor de peças e livros e também vendendo minha mercadoria que são minhas peças. Infelizmente não aprendi a fazer sabão nem a fabricar sapatos" — conclui ele.



Gilda Maria (Corina) e Tito Correia (o pai), numa das cenas de "A Barca de Ouro"

autores já com algum interesse. Se não se podem considerar ainda inteiramente realizados, contudo...

— "É claro — nos interrompeu Hermilo — quando falo em autor nacional não quero dizer, de maneira alguma, que estejamos no mesmo pé de há vinte anos atrás. Mas acredito que um maior auxílio ao autor nacional, um incentivo ao seu trabalho, vinda, com o tempo, possibilitar o aparecimento de novos autores, de outras vocações. Repito: embora já bem melhor, a situação do autor de teatro, entre nós, ainda não é igual a de outros artistas, havendo mesmo certos setores que fazem restrições ao nosso trabalho. Mas o panorama vai mudando rapidamente, graças ao esforço conjunto dos odos os que amamos o teatro. Hoje em dia procura-se fazer teatro em todos os recantos do Brasil. Grupos de jovens se reúnem, discutem, montam peças. Isto tem um valor inestimável.

Queríamos saber o que achava Hermilo, da montagem de sua tragédia, pelo TCC.

063: Meyer, humanizando do sobrenatural

MIGUEL, Salim. Meyer, humanizando do sobrenatural. [20-10-82]

Meyer, humanizando o sobrenatural

Por Salim Miguel (texto)
e Paulo Freitas, da PCC (Fotos)

Realidade Galeria de Arte, Leblon, Rio, dia 6, 9 horas. Começam a chegar as primeiras pessoas para a inauguração da mostra do Meyer Filho. Durante horas, enquanto umas saem, outras chegam. Vão se deter diante dos quadros, entre pasmas e fascinadas observam aquele universo tão pessoal e inquietante. Tranquilo, por estranho que possa parecer para quem o conhece, eis o artista e seus galos fantásticos, suas quietas paisagens, seus animais marcianos.

Ponho-me também a circular, ouço opiniões, converso, detenho-me diante de um galo de "conotações surreais, fazendo surgir mitologia original e misteriosa", como diria o crítico Georges Racz. E de repente, acionado por uma estranha força, recuo no tempo, estou na pacata Florianópolis da década de 50, quando o jovem e iniciante artista, em meio à incompreensão, defendia sua arte com garra. Naquela vozinha (ou vozona) sempre dois tons acima do normal, fina e esganiçada, ele procurava defender suas concepções e suas convicções.

Uma extensa mitologia foi, aos poucos, se construindo em torno da personalidade de Ernesto Meyer Filho. Com seu jeitão desabusado e franco, por vezes ele mesmo a incentivava. Fala, por exemplo, nas místicas viagens a Marte, numa espécie de fabulação ou alucinação; fala de sua paixão pela cerveja; fala de seus pássaros; fala de sua ânsia criativa. Nele, realidade e fantasia se fundem indissoluvelmente. E se conta como foi parar em Marte, conta também como certa manhã foi abordado por alto funcionário do Banco do Brasil que reclamou: "ontem, em lugar de trabalhar fizeste 35 desenhos que foram encontrados amassados na lata do lixo". Impassível, Meyer responde: "não, não foram 35". "Quantos, então?" "36". "E daí?" "Um deles estava tão bom que eu não amassei, guardei e levei para casa".

Com uma capacidade de trabalho inacreditável, na véspera da abertura da exposição, enquanto conversávamos na casa do crítico Georges Racz, Meyer se pôs a desenhar. Nós tomávamos uma bebida honesta, como diria o Jair Hamms. E bebidas mais tarde, seis belíssimos desenhos foram distribuídos entre os presentes.

Mas até chegarmos à casa do Racz, várias aventuras ocorreram. No domingo, dia 4, quase perdíamos o avião. E que depois de umas e outras cervejas, Meyer não sabia se havia almoçado, se tinha dado de comer aos pássaros (sem isto não viajaria), por onde andava a mala, como fechar a casa, se os marcianos aprovariam a viagem. Afinal o Jair conseguiu resolver os problemas - e lá estávamos no aeroporto. Mas aí ele pôs em quase pânico os passagei-



O artista, entre uma paisagem tranquila e um galo fantástico



Ilmar Carvalho, Hélio Pólvora, Salim Miguel e Marcos Konder Reis



Joaquim Ramos e Meyer Filho



Marcos Farias e Elton Medeiros

ros: dois tons acima do normal, no aeroporto e depois no avião, dizia de seu medo de voar, se o avião caísse o que aconteceria, nunca viajara no mesmo avião com a mulher, por isso a D. Ruth viajou pela manhã, Jair fechaste a casa, Jair onde está a chave, Jair, e a comida dos passarinhos, Jair, combinei com um homem pra tomar conta da casa mas ele não apareceu, Jair, não almocei, Jair, já estamos em São Paulo, vamos ficar aqui, Jair, será que a exposição vai dar certo, Jair estou com sede, Jair, quero fazer pipi, Jair, tens certeza que a casa foi fechada e estás com a chave, Jair, será que a exposição... Pela chave ele perguntou, até chegarmos ao Rio, 22 vezes. E se tudo estaria preparado para a exposi-

ção, não sei.

O que sei, e posso afirmar, é que lá estava ele no horário, tranqüilo recebendo e atendendo os convidados, conversando sobre sua arte que tem, ainda no dizer de Racz, "o compromisso com a vida e a alegria, no qual o lúdico, e uma verve irreverente, humanizam o que poderia ser sólene ou sobrenatural, e ao mesmo tempo, oferece resposta a respeito das possibilidades de uma arte brasileira, enraizada e cultivada na terra..."

O menino que sempre quis desenhar, o jovem que não quis fazer carreira no banco, o ser humano que só quis pensar em sua arte, pode hoje afirmar que valeu a pena, pois tem lugar definido na arte brasileira.

1982

41

064: Contos e sugestão

MIGUEL, Salim. Contos e sugestão. O Estado, Florianópolis, set 1963.



065: Uma estréia importante

MIGUEL, Salim. Uma estréia importante. Folha Popular, n.1. 24 de jan. de 1954



UM ROMANCE SOBRE

Na temas que incluem o Canudos é um deles. E Antônio Conselheiro, tia qualquer aqui no Estado de Santa Catarina, onde tem o Contestado, com o Monge João Maria. Mesmo aqui, quando se pensa em escrever a respeito, uma obra logo surge, domina, impõe-se. Os sertões de Euclides da Cunha. O poder da obra, sua força, aquela linguagem plástica, a maneira como foi tratado o assunto, misto de romance e documento, faz com que os que se acentuam por vezes se despersonalizem em função da obra de Euclides da Cunha.

Nos mesmos bem sabemos disso, pois já existimos, durante algum tempo, compulsando documentos, lendo, estudando, consultando os trabalhos iniciais de um romance sobre o Contestado. As duas figuras do Monge, entrelaçadas, unidas, no fim quase transformadas, na imaginação popular, numa só, as lutas violentas, a resistência daquela gente quase sem armas e instrução, numa luta fria e precisa, contra polifolia e exército; as anotações encontradas entre eles dizendo que lutavam pela terra que lhes tomavam, aquela mistura de luta pela terra que araba se transcendia em luta pela religião, tudo fascina e comove, ali estão todos os elementos para um romance que seria ao mesmo tempo um amplo painel e um vasto documento de um período da vida no Estado. No entanto, já devido ao tema em si, já devido às atividades e pontos de contato com Canudos, por mais que se queira fugir, logo surgem "Os Sertões".

Procurando escapar da influência, procurando escapar de uma outra direção. Mas a forte personalidade de Euclides da Cunha, a precisão com que ele captava e transmitia tudo aquilo, vai surgindo imperecivelmente.

Não foi, portanto, sem temor que iniciamos a leitura de "João Maria" (1). Mas, nos mesmos "Os Sertões" (2). Vendo na história, naquela época, a história está bem realizada. As situações surgem precisas, perfeitamente recordadas. João Felício dos Santos sabe envolver o leitor, fazendo com que em muitas ocasiões nos esqueçamos de Euclides da Cunha. Numa linguagem sob muitos aspectos pessoal, que de início chocou um tanto, mas a qual, tão logo nos acostumamos, passamos a admirar: num narrar fluente, em períodos curtos, incisivos, traçando "Músicas pitorescas" o ambiente, erguendo com vigor e veracidade algumas personagens, o autor constrói seu mundo e dentro dele a ação, as tristezas e alegrias daquela gente, com suas lutas.

Não importa profundamente que aquela humanidade tenha ou não existido, verdadeiramente. Isto, a nosso ver, para a autenticidade do romance, é secundário. O importante, o que vale é que elas vivam pela poder de captação do autor.

É que vale é que elas se tornem reais porque João Felício dos Santos as torna reais. Escamos, aqui, aparentemente, laborando em contradição. Tal nos encanta não só. Sim, ao Felício dos Santos, porém, contorne ele mesmo, confessando, nos documentos, deixados pela "Abolição". Não só gente, mas até bichos, existiam, para não falarmos nos locais, na época, no tema.

Página 11

Julius Cesare (3) Cavalcanti — O Arquimedes — deixou cada um dos seus elementos. João Felício dos Santos ali foi colher para dar maior realidade ao seu romance. Mas isto não basta. Romance não é documento fotográfico. Romance não se cria, não se cria, não vive do meio fugiente, do aqui e do agora, mas do poder do autor, do poder de transmitir e transfigurar tudo aquilo, da autenticidade que nos sentimos surgir e crescer aos poucos, até abstrair tudo aquilo mundo recitado.

João Felício dos Santos procura ser fiel aos fatos, atre-se ao acontecido e com isto cria, paralelamente ao romance, um documentário daquela época, do meio, dos costumes, das reações primárias daquela gente. Pela bem, imaginamos porém que ele tivesse tratado Canudos apenas como ponto de referência, afastando-se da realidade, construindo de uma obra independente e desligada de tudo aquilo. Desde que ele desse autenticidade, ela poderia ser tão ou mais válida do que uma baseada apenas nos fatos realmente acontecidos.

Com o livro de João Felício dos Santos vamos acompanhando a vida de Canudos. E como se nós fôssemos um deles, vemos com os olhos deles, temos as mesmas reações. O autor procura nos integrar o mais possível naquele mundo. Mesmo quando os deixamos para acompanhar os soldados que procuram invadir Canudos, mesmo ali, nós estamos vendo tudo aquilo como realmente os vimos os soldados. Aos poucos, através daqueles cortes muitas vezes cinematográficas, ficamos conhecendo a vila, seus costumes. As figuras, com suas grandezas e misérias, vão crescendo, se tornando mais íntimas. Acompanhamos a reação das pessoas, que ali estão, algumas desorientadas, não compreendendo o porque de tudo aquilo, outras desesperadas, tentando uma saída, outras ainda se aproveitando da situação. É uma humanidade igual, que se foi, remove, que vive, que se desespera, que sofre e goza. O autor não procura melhorar nem piorar nada. Nos dá, em apinhados vivos e precisos, um retrato de tudo aquilo, onde um mundo desesperado se vai deixando entrever. A miséria, o abandono de toda aquela população, a exploração, e aproveitamento por parte de alguns, a incompreensão por parte de outros — eis que, vívido e preciso, o quadro nos é traçado numa linguagem muitas vezes exata.

No entanto, qual seria o motivo, o livro por vezes deixa a desejar. Um desencanto surge de tudo aquilo. João Felício dos Santos procura dar o melhor de si mesmo, se esforça. Mas não nos alcança o não alcança o clima desolado. A trama, quem sabe se recordada de nós, algumas figuras estereotipadas, esquecidas, prejudicando a unidade da obra.

Aventemos não teríamos a mesma ver o autor, procurou, através da fragmentação, construir sua unidade. Assim como quem junta os pedacos de um quebra cabeça e pacientemente vai fazendo surgir dali a figura que não pode fugir qual seja. No caso, através da vila, através dos personagens, através do meio ambiente, através dos soldados, através de outras coisas de menor importância, o autor procura criar uma unidade, erguer

ROTEIRO

CANUDOS

seu mundo, insuflar-lhe vida e autenticidade. Ou, se isto ele o consegue de uma maneira qualquer, ou quase nunca é alcançado totalmente. Salvo do livro com uma impressão de frustração. Mas não, estamos sendo injustos talvez. É menos. Não chega a ser frustração, é mais uma insatisfação. Ou quem sabe incompreensão, quem sabe não chegamos a alcançar a mensagem artística e humana do autor?

Vejamos: Antônio Conselheiro é proposto, movendo-se qual sombribo entre a dúzia de espartilhos. Pedro é a força, a obediência cega, mas também um ingênuo, machucado. João Abade é uma figura esquisita, não se chega, por mais que procuremos nos aprofundar compreender. Assim ou assim, figuras, que o autor situa bem dentro do quadro geral, mas que custam a adquirir vida própria. Talvez a figura mais fascinante e realista do livro seja a "Ólho de Prata", na sua espontaneidade de animal vivo, na sua simplicidade e compreensão. E talvez mesmo as figuras femininas sejam as mais realistas: Hilária, a Judia, Das Douras, irmã da Ólho de Prata.

O autor, então, desejou destacar acima de tudo a vida na vila, ela dominando tudo o mais, sendo o problema maior, superando as próprias pessoas, que em síntese, eram ela, a Vila. Dali o enquadramento da trama; daí o desenvolvimento segundo plano das figuras quando individualizadas; daí aquela linguagem pessoal, entrecortada, de capítulos curtos e frases brevíssimas.

As lutas vêm narradas num estilo vibrante, nervoso, agil, cortado como o piqueiro das batalhas. Acompanhamos passo a passo os jagunços no seu cerco aos soldados, o ataque à Toca, o morticínio. Vemos Pedra sofrer com a morte de seu filho Julinho. Vemos o luto de Prata, simples, ajudando, ajudando de João Abade e pensando no campideiro Pedra. Sofremos com o ataque à vila.

Observamos os soldados, intimidados, na que e quando desconhecida, não sabendo donde nem quando poderia surgir a morte.

Nunca esquecemos de um grupo de jagunços em total abandono, sangrando do meio da mata.

João Felício dos Santos realizou uma obra de real significado, com "João Abade", não se deixando intimidado pela "sombra" de Euclides da Cunha, em muitas ocasiões encorajando o cara e cara, mesmo quando se deixava dominar pela personalidade do autor de "Os Sertões", sabendo como construir sua obra. Não, porque por mais que desejasse fugir, ele que volta e meia topava com aquela linguagem plástica, profunda e fascinante de "Os Sertões". E lá se deixava ir. Como fugir do destino? E por que, em muitas ocasiões, fugiu sem combater, dentro do mesmo clima, a miséria e muitas vezes, criar ou recriar, dentro do plano que se traçara.

Romance e documento, "João Abade", pela sua honestidade, pelo depoimento que contém, pela busca formal e pelo conteúdo humano e social, é obra de importância dentro da literatura brasileira.

Salim Miguel
(1) — João Abade — Romance — João Felício dos Santos — Livraria AGIR Editora
Florianópolis, 1958

80

067: Uma prosa tensa e emotiva: é o livro de contos do escritor da fronteira Argentina, Horácio Quiroga. MIGUEL, Salim. Uma prosa tensa e emotiva: é o livro de contos do escritor da fronteira Argentina, Horácio Quiroga [Jornal da Tarde, São Paulo, 4. Fev. 1995]

Uma prosa tensa e emotiva

É o livro de contos do escritor da fronteira argentina, Horácio Quiroga

De Por Salim Miguel

Morcos é a principal geografia literária de Horácio Quiroga. Não apenas porque sua ficção sempre se fundamenta nela, mas também porque sua vida está, de fato, insubstituível, ligada àquela região fronteiriça argentina. Na missões dos Sete Iberos, perto de Uruguai, viveu, adquiriu vasta extensão de terra, criou casa, para ali se mudar com a família. A região, como em outros tempos infestada por quais se envolve, e entra de agra seu sustento. O que conseguiu entrar foi o material in o qual construiu a prosa mais substancial (melhor realizada) de sua literatura, que de ficção para sempre, seu próprio território literário hispano-argentino.

Morde e violência, frustração e loucura, de perdo e desengano são presença obsessiva componentes indissociáveis de sua maneira transmitir a vida, tantas vezes angustiosa, do homem em meio hostil, a floresta incógnita e os seus selvagens.

Quiroga, esse uruguaio-argentino, tem podido ter sido personagem de ficção. É impossível separar a trajetória de sua vida da da comunidade de sua obra. Morde é a marca mais constante na trajetória do autor de Los desiertos e Creaciones de amor, de locura y de miseria. Mas, entretanto, o suicídio, seu pai é o primeiro nome cada vez que se fala seu padrinho, sua mulher, ele próprio, sua filha Egle, nome tomado a personagem de Dostoiévski, uma de suas admirações literárias. As outras, mais evidentes, são Poe, Maupassant, Kipling, Tchertov. É como se tudo fussem os suicídios, foi aliada o fim de Quiroga, quando jovem, ter matado acidentalmente um amigo.

Poeta, romancista, contista, crítico, e no conto que se torna referência obrigatória nas letras hispano-americanas. Tendo se iniciado no modernismo argentino de início do século, influenciado por Lugones, Quiroga situa-se hoje na corrente criacionista. Considerado precursor do conto fantástico, talvez uma primeira chave para a compreensão desta literatura como um todo esteja na intensa leitura dos desdobramentos franceses, com seus elementos mitológicos e a ambigüidade no tema da morte que ele transplanta para a selva. Quiroga não foi um imitativo estudioso do fenômeno da criação literária, entre seus trabalhos, críticos deu um famoso Decálogo del perfecto cuentista.

Reconhecido em toda a América como um mestre e um desbravador, no final são escritos seus textos. Lembra-nos do conto "En declive", no qual há uma maravilha do conto hispano-americano. Ed. Cúltura, de outro, Os desterrados, na revista Ficción, do livro Anacondas,

tradução de Angela Melini, Ed. Rocca, da edição bilingue, ilustrada, Contos da selva, tradução de Tihua Piacentini, Ed. da UFRJ. E agora este, Vozes da selva, seleção, prólogo, bibliografia, cronologia e notas de Pablo Rocca, na competente tradução de Sérgio Faraco.

Primeira anotação: como em toda seleção, a presente pode ser aceita ou contestada. Não há dúvida de ser uma antologia válida. A proposta de Rocca foi deter-se mais no que chama de "contos do mau", com sua carga de morte e morbidez; e exemplar do que denominou de conto "urbano" e como "fantástico".

Segunda: para os que se interessam pelos problemas de tradução, será oportuno confrontar o original de A la deriva com En declive e A deriva: o mesmo com Os desterrados.

Terceira: outro fator de Quiroga é a natureza de humor, fantasia, ironia que se encontram em contos como "O espectro" ou "Uma noite de éden", selecionados por Rocca, ou parados as suas histórias de bichos, de *Contos da selva*.

Para os que se aproximam pela primeira vez do escritor argentino (ou uruguaio), esta antologia é uma grata revelação, a pesar mais. Foi a sua visão de crítico e cronista de uma e o mesmo narrativo line caracterizante a prosa, sempre tensa e emotiva. A deriva exemplifica o testemunho dado por ele à sua ficção. Vai ao essencial, sugere, exige a participação do leitor para que complete o que esteve.

Vozes da Selva, de Horacio Quiroga, Tradução de Sérgio Faraco. Martins Aberto. 112 págs. R\$ 10,00.

Salim Miguel o escritor

068: Um memorialista do Conto

MIGUEL, Salim. Um memorialista do Conto. [1959]



UM MEMORIALISTA DO CONTO

SALIM MIGUEL

Em trabalho anterior apresentamos que os dois ramos principais do conto, o conto com começo, meio e fim à Maupassant e o conto fragmentário de Joyce e de Hemingway, são os dois ramos hoje se subdividem em maiores ou menores, se entrelaçam e bifurcam. Onde as tantas variantes estão difíceis e importantes para a história curta.

Literatura autônoma, com uma linguagem própria que a caracteriza e identifica, o conto atravessa uma fase de grande aceitação entre o público leitor. As frequentes antologias de contos, os volumes individuais, os ensaios a respeito, o interesse sempre crescente dos editores, a publicação regular em periódicos, tudo atesta o papel e a influência do gênero.

No Brasil, embora pouco sejam os nomes que se

realizaram integralmente no conto, sempre foi grande o número de contistas. Muitos os menos atuantes, que o julgamento categoriza menor e mais fácil, preparação para o romance, a ele muitas se atraíram, poucos contudo atingindo uma alta qualidade literária. Mas, sob muitos aspectos, esta injunção não deixa de ser um bem. Dá estabilidade, possibilitando mesmo o aparecimento de grandes valores. Bem sabemos que uma literatura não se faz somente de grandes nomes. É ali o cacoico diário que os grandes, os que se sobrepõem é da cunha do esforço inlório do que permanecem num anonimato os semi.

São sem conta, nas últimas anos, os volumes de contos publicados. São inúmeros os autores que se têm firmado através da história curta. E se é verdade que bem poucos, pouquíssimos, têm transido

uma contribuição verdadeiramente nova e pessoal, muitos tem publicado volumes de real interesse e que valorizam o conto, dando-lhe autenticidade e força.

O que que passou era a estréia de alguns autores e a confirmação do valor de outros. É, por exemplo, o caso de Hélio Polora 1941, que se bem se tem em volume, não pode ser considerado um nome novo na literatura. Contista, crítico, Hélio Polora já era conhecido nos meios intelectuais muito antes da publicação de "Os Gatos da Aurora". O volume lançado pela Editora Civilização Brasileira apenas veio confirmar a qualidade do ficcionista baiano.

Memorialista antes de tudo — e isto lhe deixa entrever já na epígrafe do livro ao citar Tsungwen — "In looking on the happy autumn field And thinking of the days that are no more" — o A. retemo o passado que não volta, para recriá-lo, situando-se para isto numa linha intermediária entre o conto tradicional e o conto moderno. Sem se sujeitar contudo a ne-aham dos dois, embora, frise-mos, se aproveite de ambas na realização de sua obra literária. Visões de reminiscências, ele vai lentamente e fragmentos do passado, contraindo seus contos, reatando-os como quem conversa, pacherentamente, despreocupadamente. Por

vezes mesmo ficam em dúvida: será aquela que ali está diante de nós a procura de uma expressão própria, de uma linguagem intencional de uma busca formal, estilística?

Outro ponto contrário: é o mistério de ser possível ao autor, um ignorar consciente ou inconsciente da fórmula ou estilo, contando da maneira como os contos lhe surgem na memória, numa mera transposição da realidade?

De qualquer forma, o que importa acima de tudo é a qualidade de que vem contado, é a maneira como vem contado; é o que o autor tem para nos contar, é a autenticidade de tudo aquilo, e é a mensagem estética e humana que nos transmite.

Já sabemos que o autor é acima de tudo memorialista. Nem ele procura descobrir, muito pelo contrário. Como memorialista, seu volume possui uma unidade específica que não é somente a unidade da qualidade dos problemas. É antes uma unidade de tema, de concepção de criação ou melhor di-

riação recitação do mundo, mais especificamente ainda do mundo infantil. Com uma linha uniforme, com os personagens se criando e repetindo na história, voltando-se, individualmente, adquirindo gradativamente uma personalidade, formando um todo, o autor deixa entrever, nestes contos, paralelamente ao contista que sabe o que quer contar, o romancista em embrião.

Prejudicará isto ao contista? Não o creemos! "Os Gatos da Aurora", por exemplo, conto que dá título ao volume, é um grande trabalho por si só, pela força que possui, pela maneira como está realizado, pela contribuição estética e humana que aporta ao gênero. O conto se cria, se ergue e realça com exatidão, vive pela força íntima que o anima, pelas figuras que o compõem. Ali tudo é autêntico, é vivo. A paisagem, os diálogos, as figuras humanas. E tudo se completa, naquela prosa vívida e suave, tudo se entrelaça, tudo se conjuga para nos dar um conto pleno de humanidade e interesse.

Perderá por acaso o conto se esquecermos que ele se entress nos demais, como o elo de uma corrente se entress no seguinte? Não lhe dará isto até mesmo mais força? Aliás pouco importa. Autônomo ou parte de um todo, o conto está realizado com precisão, por um escritor de pulso — e é o que importa de verdade.

Compreendendo a infância e seus problemas — neste ponto gostaríamos de aproximar do PIA de Guido Wilmar Jost — sua criação se cria, de verdade, e não fal, reage e se sente. Lamentavelmente, estas pequeninas e frágeis criaturas se erguem diante de nós, com seus problemas específicos. Deixamos-nos levar por aquelas vistas que o autor capta e lhe chegar até nós. Quanta simpatia pelo parvo que sonha com seu velocípede! Mas quantos e quantos gerados desviando o seu velocípede não passaram antes diante de nossas retinas, com dramas talvez mais pungentes? Eis aí a diferença, porém. Aqui o autor soube nos transmitir sua mensagem, chamar nossa atenção para aquela particularidade e torná-la portando alguma coisa de diferente, de única. Mesmo quando o conto se chama "A Velha Joana" e não é dos mais felizes do volume, o que importa propriamente não é a velha Joana, e sim

importa não as crianças no caso o parvo que corre a história e tudo que através dele se tem da velha Joana. Velha Joana sem dúvida, esfumada, figura difusa imprecisamente trabalhada. Mas é assim que o parvo a vê. O parvo, ao contrário, muito embora contando e nada contando de si mesmo, se ergue diante de nós. É uma impressão por assim dizer — subspensa — que temos da velha. O mesmo acontece com "Aventura no Aniloteer". Não são vemos as figuras dos adultos mas a impressão que deles têm as crianças. O que interessa não é o que o parvo está contando, o que conta ao escutar o tio. É portanto uma literatura intimista de onde não de ação, de ação só importando pelo reflexo que tem sobre o interior das pessoas como no caso do conto "Os Gatos da Aurora", quando o menino vendo o seu pelo derramado corre e espigando de chumbo e com "certeira" tiro, mata o desgraçado pelo venenoso. "O Violão e a Búscula" um dos contos "melhores" realizados do volume, sugere o

problema da adolescência em luta com o problema da descoberta dos mistérios do sexo, surgindo daí, bem traçada, a figura do parvo e das suas idéias. A narrativa nem colante, titubeia, suspendendo o estado de espírito do rapaz. Nem todos os contos, é lógico, são assim. Alguns nos desgrudam: "Os Morcegos", "Fófotes de Passarinho", "A Velha Joana"... Também, para

nós, uma preocupação maior com o idioma, uma busca formal mais intensa, uma pesquisa, o aprofundamento de alguns problemas, tudo isto coisas que Hélio Polora poderia com facilidade realizar, só tiraria valorizar o volume, dando-lhe uma outra dimensão.

Ainda assim, Hélio Polora, com "Os Gatos da Aurora", tem se colocado entre os bons ficcionistas

surpida ultimamente, só nos tentando apurados que em futuro próximo confirme e amplie as qualidades demonstradas, dando-nos o livro de que o sabemos capaz.

Salim Miguel — Bahia postal 234 — Fernão-Pólis S.C. (1) "Os Gatos da Aurora" — conto — Hélio Polora — Edit. Civilização Brasileira — Rio, 1955.

1959

ÍNDICE POR ANO

ÍNDICE POR ANO

Ano	Nº	Título	Jornal
	020	O Pecado original	
	030	Dois contistas que surgem	A Gazeta
	031	Uma experiência séria	A Gazeta
	044	Visitando a Petrobrás	O Estado
	049	Abaddon, o exterminador	Fundação Catarinense de Cultura
1950	007	Ainda a antologia	Jornal d' A Manhã
1951	032	A Noite decepada	Letras e Artes
1951	050	Filhos do destino	Diário da Manhã
1951	051	A Noite decepada	Diário da Manhã
1951	052	Contra-Mão	Diário da Manhã
1951	053	Contos de aprendiz	Diário da Manhã
1951	054	Contos de aprendiz	Diário da Manhã
1951	055	Contos de aprendiz	Diário da Manhã
1951	056	Notícia sobre o IV Congresso	Diário da Manhã
1951	057	Contos da Bahia	Diário da Manhã
1951	058	O homem de duas cabeças	Diário da Manhã
1951	059	O homem de duas cabeças	Diário da Manhã
1951	060	Cenas da vida brasileira	Diário da Manhã
1951	061	Um memorialista do conto	Diário da Tarde
1954	065	Uma estréia importante	Folha Popular
1956	024	"Pluft, o fantasminha": opiniões de artistas, intelectuais e estudantes, sobre a estréia da peça de Maria Clara Machado pelo teatro catarinense de comédia.	A Gazeta de Arte
1956	033	Notícias de Santa Catarina: "Arte é antes de mais nada emoção"	Jornal A Hora
1956	034	Notícias de Santa Catarina	Jornal A Hora
1956	035	Noticias de Santa Catarina	Jornal A Hora
1956	036	Notícias de Santa Catarina	Jornal A Hora
1956	037	Governador Jorge Lacerda: a hora propicia maior e mais freternal aproximação entre a gente gaúcha e a gente de Santa Catarina	Jornal A Hora
1956	038	Noticias de Santa Catarina	Jornal A Hora

1956	039	Notícias de Santa Catarina	Jornal A Hora
1956	040	Depoimento: o movimento da revista sul e a literatura catarinense	Correio do Povo
1956	062	Notícias de Santa Catarina	Jornal a Hora
1957	041	Visitando a Petrobrás: o petróleo e o Brasil	O Estado
1957	042	Visitando a Petrobrás - III: o petróleo e o Brasil	O Estado
1957	043	Visitando a Petrobrás : Ver Salvador ou ver o Petróleo	O Estado
1958	045	Visitando a Petrobrás	O Estado
1958	066	Um romance sobre Canudos.	[Roteiro]
1959	026	Roteiro Fortalezino - I	Gazeta de Notícias
1959	027	Roteiro Fortalezino - II	A Gazeta
1959	028	Roteiro Fortalezino - III	A Gazeta
1959	029	Roteiro Fortalezino - IV	A Gazeta
1959	068	Um memorialista do Conto. [1959]	
1963	064	Contos e sugestão	O Estado
1978	001	Poucas revelações	Tribuna da Imprensa
1979	005	Livro: Revisitando o oeste	Jornal a Semana
1981	046	Festa das flores de Joinville, uma explosão de beleza	Quem
1981	047	Um ano fértil	Quem
1981	048	Prêmio Cruz e Souza vitalidade e inventiva da poética brasileira	Quem
1982	003	Santa Catarina incentiva leitura	Revista Nacional
1982	063	Meyer, humanizando do sobrenatural	
1982	009	Raimundo Magalhães Jr.: A última visão	Letras e livros
1986	019	O poder da palavra em nova dimensão	
1986	022	O Personagem natureza em "Tocaia Grande"	Cacau/Letras
1992	014	Ricardo Ramos	Rio Artes
1993	006	Otto Lara Resende, o múltiplo	Diário Catarinense
1993	015	Apresentação do livro As Famílias, de Adolfo Boos Jr.	Tribuna da Fronteira

1994	011	Gastal a paixão pelo cinema	Jornal da Fundação Franklin Cascaes
1994	023	Cruz e Souza revisitado	Jornal da Tarde
1995	018	Na mesma trama, vários fios	
1995	067	Uma prosa tensa e emotiva: é o livro de contos do escritor da fronteira Argentina, Horácio Quiroga	Jornal da Tarde
1996	012	Um festival e seu significado	Jornal da Fundação Franklin Cascaes
1996	017	Uma ponte com a Europa	Folha da Lagoa
1998	004	Começa a seleção	Gazeta Mercantil
1999	010	Conversa (breve) com Câmara Cascudo	O Galo
2000	008	Brasil: uma anotação	Linha Viva- Intersindical dos Eletrecitários de SC
2001	002	Meu clássico	O Globo
2001	013	Hassis e o sonho	Ô Catarina
2001	021	Palestra - Salim Miguel: jornalismo e literatura deixam recado de sua época	Jornal da UFSC
2003	016	Gilberto Mendonça Teles: diversidade e unidade	O Escritor
2009	025	Viajando sem sair de casa	A gazeta do Povo

ÍNDICE POR JORNAL

Jornal	Ano	Nº	Título
		020	O Pecado original
	1959	068	Um memorialista do Conto. [1959]
	1982	063	Meyer, humanizando do sobrenatural
	1986	019	O poder da palavra em nova dimensão
	1995	018	Na mesma trama, vários fios
[Roteiro]	1958	066	Um romance sobre Canudos.
A Gazeta		030	Dois contistas que surgem
A Gazeta		031	Uma experiência séria
A Gazeta	1959	027	Roteiro Fortalezino - II
A Gazeta	1959	028	Roteiro Fortalezino - III
A Gazeta	1959	029	Roteiro Fortalezino - IV
A Gazeta de Arte	1956	024	"Pluft, o fantasminha": opiniões de artistas, intelectuais e estudantes, sobre a estréia da peça de Maria Clara Machado pelo teatro catarinense de comédia.
A gazeta do Povo	2009	025	Viajando sem sair de casa
Cacau/Letras	1986	022	O Personagem natureza em "Tocaia Grande"
Correio do Povo	1956	040	Depoimento: o movimento da revista sul e a literatura catarinense
Diário Catarinense	1993	006	Otto Lara Resende, o múltiplo
Diário da Manhã	1951	050	Filhos do destino
Diário da Manhã	1951	051	A Noite decepada
Diário da Manhã	1951	052	Contra-Mão
Diário da Manhã	1951	053	Contos de aprendiz
Diário da Manhã	1951	054	Contos de aprendiz
Diário da Manhã	1951	055	Contos de aprendiz
Diário da Manhã	1951	056	Notícia sobre o IV Congresso
Diário da Manhã	1951	057	Contos da Bahia
Diário da Manhã	1951	058	O homem de duas cabeças
Diário da Manhã	1951	059	O homem de duas cabeças
Diário da Manhã	1951	060	Cenas da vida brasileira
Diário da Tarde	1951	061	Um memorialista do conto
Folha da Lagoa	1996	017	Uma ponte com a Europa

Folha Popular	1954	065	Uma estréia importante
Fundação Catarinense de Cultura		049	Abadon, o exterminador
Gazeta de Notícias	1959	026	Roteiro Fortalezino - I
Gazeta Mercantil	1998	004	Começa a seleção
Jornal A Hora	1956	033	Notícias de Santa Catarina: "Arte é antes de mais nada emoção"
Jornal A Hora	1956	034	Notícias de Santa Catarina
Jornal A Hora	1956	035	Noticias de Santa Catarina
Jornal A Hora	1956	036	Notícias de Santa Catarina
Jornal A Hora	1956	037	Governador Jorge Lacerda: a hora propicia maior e mais freternal aproximação entre a gente gaúcha e a gente de Santa Catarina
Jornal A Hora	1956	038	Noticias de Santa Catarina
Jornal A Hora	1956	039	Notícias de Santa Catarina
Jornal a Hora	1956	062	Notícias de Santa Catarina
Jornal a Semana	1979	005	Livro: Revisitando o oeste
Jornal d' A Manhã	1950	007	Ainda a antologia
Jornal da Fundação Franklin Cascaes	1994	011	Gastal a paixão pelo cinema
Jornal da Fundação Franklin Cascaes	1996	012	Um festival e seu significado
Jornal da Tarde	1994	023	Cruz e Souza revisitado
Jornal da Tarde	1995	067	Uma prosa tensa e emotiva: é o livro de contos do escritor da fronteira Argentina, Horácio Quiroga
Jornal da UFSC	2001	021	Palestra - Salim Miguel: jornalismo e literatura deixam recado de sua época
Letras e Artes	1951	032	A Noite decepada
Letras e livros	1982	009	Raimundo Magalhães Jr.: A última visão
Linha Viva- Intersindical dos Eletrecitários de SC	2000	008	Brasil: uma anotação
Ô Catarina	2001	013	Hassis e o sonho
O Escritor	2003	016	Gilberto Mendonça Teles: diversidade e unidade

O Estado		044	Visitando a Petrobrás
O Estado	1957	041	Visitando a Petrobrás: o petróleo e o Brasil
O Estado	1957	042	Visitando a Petrobrás - III: o petróleo e o Brasil
O Estado	1957	043	Visitando a Petrobrás : Ver Salvador ou ver o Petróleo
O Estado	1958	045	Visitando a Petrobrás
O Estado	1963	064	Contos e sugestão
O Galo	1999	010	Conversa (breve) com Câmara Cascudo
O Globo	2001	002	Meu clássico
Quem	1981	046	Festa das flores de Joinville, uma explosão de beleza
Quem	1981	047	Um ano fértil
Quem	1981	048	Prêmio Cruz e Souza vitalidade e inventiva da poética brasileira
Revista Nacional	1982	003	Santa Catarina incentiva leitura
Rio Artes	1992	014	Ricardo Ramos
Tribuna da Fronteira	1993	015	Apresentação do livro As Famílias, de Adolfo Boos Jr.
Tribuna da Imprensa	1978	001	Poucas revelações